

Ricardo Kotscho

EXPLODE UM NOVO BRASIL

DIÁRIO DA CAMPANHA DAS DIRETAS



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

340

Coleção Histórias da Ditadura
Do Golpe à Redemocratização

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Explode Um Novo Brasil é um relato detalhado sobre um dos momentos mais marcantes da História Política do Brasil: a campanha pelas **Diretas Já**, em 1984. Com a experiência de quem acompanhou os acontecimentos de perto, Kotscho apresenta um diário de bordo da mobilização nacional que exigia eleições diretas para presidente depois de duas décadas de regime militar. O livro reúne **reportagens, análises e bastidores dos principais comícios e articulações políticas** da época, destacando o papel de líderes como **Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Leonel Brizola, Lula** e muitos outros. O autor narra o entusiasmo e a esperança do povo brasileiro, que tomou as ruas em manifestações históricas, culminando na votação da **Emenda Dante de Oliveira**. Embora a emenda não tenha sido aprovada, a campanha das **Diretas** foi fundamental para acelerar o processo de redemocratização do Brasil, que resultou na eleição indireta de **Tancredo Neves** e, posteriormente, na **Constituição de 1988**. Ao prefaciar a primeira edição da obra, ainda em 1984, **Ulysses Guimarães**, um dos maiores democratas da história do país, destacou: “*Osmar Santos é o locutor das Diretas, Fafá de Belém é a cantora das Diretas, Ricardo Kotscho é o cronista das Diretas. O batismo é do povo. Leia este livro. Assim verificará que, mais uma vez, o povo tem razão.*”

Passadas quatro décadas da sua 1ª edição, o Senado Federal reafirma seu compromisso com a preservação da memória nacional ao publicar esta obra indispensável. **Explode um Novo Brasil** documenta um dos mais significativos movimentos populares de nossa história, as **Diretas Já**, responsável por restaurar a democracia no país. Nosso objetivo com esta publicação é despertar nas novas gerações o interesse em compreender o percurso dessa dura reconquista, de modo que a memória coletiva seja um antídoto para prevenir as agruras de um novo e imponderável inverno autoritário. Afinal, a democracia, um dos pilares mais preciosos de nossa civilização, não se mantém por si só; ao longo do tempo, enfrenta ataques que tentam destruí-la. Preservá-la requer uma responsabilidade coletiva. Contudo, esta história não se encerra aqui. Queremos dar voz às inúmeras testemunhas desse processo — de líderes políticos, como os presidentes José Sarney, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, à cidadania anônima, que saiu corajosamente às ruas para retomar as rédeas de seu destino. O Conselho Editorial convida todos que possuam relatos, imagens ou documentos desse momento inesquecível a compartilhá-los pelo e-mail eunasdiretasja@gmail.com, contribuindo para futuras reedições. Na jornada pela democracia, não há espaço para retrocessos.

**EXPLODE UM
NOVO BRASIL**

SENADO FEDERAL

Mesa

Biênio 2025/2026

Senador Davi Alcolumbre

PRESIDENTE

Senador Eduardo Gomes

1º VICE-PRESIDENTE

Senador Humberto Costa

2º VICE-PRESIDENTE

Senadora Daniella Ribeiro

1º SECRETÁRIO

Senador Confúcio Moura

2º SECRETÁRIO

Senadora Ana Paula Lobato

3º SECRETÁRIO

Senador Laércio Oliveira

4º SECRETÁRIO

SUPLENTE DE SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues

Senador Styvenson Valentim

Senador Mecias de Jesus

Senadora Soraya Thronicke

CONSELHO EDITORIAL

Senador Randolfe Rodrigues

PRESIDENTE

Esther Bemerguy de Albuquerque

VICE-PRESIDENTE

CONSELHEIROS

Alexandre de Souza Santini Rodrigues

Ana Cláudia Farranha

Ana Flávia Magalhães Pinto

Ana Maria Veiga

Alcinéa Cavalcante

Bruno Lunardi Gonçalves

Carlos Ricardo Cachiollo

Eduardo Rômulo Bueno

Esmeraldina dos Santos

Fernando Pimentel Canto

Heloisa Maria Murgel Starling

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Marco Américo Lucchesi

Nathalia Henrich

Rafael André Chervenski da Silva

Victorino Coutinho Chermont de

Miranda

Ricardo Kotscho

EXPLODE UM NOVO BRASIL

Diário da Campanha das Diretas

2ª edição

Brasília, 2025

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
VOL. 340

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Organização: Cristiano Ferreira e Luiz Henrique Martins.

Revisão: Cristiano Ferreira, Laércio Franzon e Mariana Sanmartin

Capa: Erika Albuquerque Penha e Leonardo Matoso

Projeto gráfico e diagramação: Erika Albuquerque Penha

© Senado Federal, 2025

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº

CEP 70165-900 — DF

cedit@senado.leg.br

<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/conselho-editorial-1>

Todos os direitos reservados

Kotscho, Ricardo.

Explode um novo Brasil : diário da campanha das diretas / Ricardo

Kotscho. 2. ed. -- Brasília : Senado Federal, 2025.

295 p. : il., fots. -- (Edições do Senado Federal ; v. 340)

ISBN: 978-65-5676-583-9

1. Campanha eleitoral, Brasil. 2. Eleição direta, Brasil. I. Título
II. Série.

CDD 324.7

Sumário

I PREFÁCIO

Oscar Pilagallo13

II PREFÁCIO

Eduardo Suplicy17

III PREFÁCIO

Ulysses Guimarães21

Introdução:

A travessia da esperança24

O começo da caminhada:

Os obstáculos34

O Grande Comício de São Paulo:

Pegando fogo58

A ressaca cívica:

O desafio74

Acompanhando a

Caravana das Diretas:

A alegria88

Bye, bye, 64:

Surge um novo Brasil128

O Grande Comício de Minas:

A certeza146

O Grande Comício do Rio:	
<i>A apoteose</i>	164
A Grande Passeata de São Paulo:	
<i>Na reta de chegada</i>	178
A decisão em Brasília:	
<i>E agora?</i>	192
Postfácio	
<i>de Fernando Mitre</i>	231
Anexos	239
Depoimento	
<i>Um sonho completa 40 anos</i>	
<i>Pedro Simon</i>	240
Emenda Dante de Oliveira	246
Brasil após 25 de abril de 1984,	
segundo o SNI	258
Quem votou a favor	
e quem votou contra	263
Cronologia	
(março/83-abril/84)	273
Autobiografia	291

*Para
Clóvis Rossi,
Ludembergue Teixeira Góes
e Raul Martins Bastos,
meus mestres;
Marinha, Batata
e Caró,
minhas meninas.*

*Em homenagem a
Teotônio Vilela,
Leonel Brizola
Luiz Inácio Lula da Silva
E Ulysses Guimarães,
Símbolos da resistência.*

*Meus agradecimentos a
Adilson Laranjeira, Carlito Maia, Christiane Torloni,
Fafá de Belém, Frei Betto, Gil Passarelli,
Galeno de Freitas,
Mara Nogueira Kotscho, Osmar Santos,
Tarso de Castro e à
direção da Folha de S.Paulo,
que acreditaram neste sonho
e deram a maior força.*

AGRADECIMENTOS

O Conselho Editorial do Senado Federal expressa sua gratidão ao autor Ricardo Kotscho pela honra de publicar a 2ª edição de sua obra *Explode um Novo Brasil*. Estendemos nossos agradecimentos ao Arquivo Nacional, ao Arquivo Público do Estado de São Paulo, à Biblioteca Nacional, ao Arquivo da Câmara dos Deputados, à EBC, ao Acervo da Fundação Getúlio Vargas, à Fundação Perseu Abramo, à Fundação Ulysses Guimarães, ao Arquivo Público Mineiro, à Agência Senado, à Biblioteca e à SECOM da Presidência da República e ao Museu da República pelas fotografias e documentos cedidos que enriqueceram esta nova edição.

Agradecemos também a Oscar Pilagallo, Eduardo Suplicy e Fernando Mitre pela contribuição nos prefácios e no posfácio desta edição. Nossa profunda gratidão se estende ainda àqueles que colaboraram com depoimentos durante a organização desta obra, em especial ao ex-senador Pedro Simon.

Por fim, nosso agradecimento sincero ao povo brasileiro, por sua luta contínua pelo fortalecimento da democracia e sua resistência firme contra a ditadura. Viva o povo brasileiro, viva a democracia!

Conselho Editorial do Senado Federal
Cristiano Ferreira
Luiz Henrique Martins

I PREFÁCIO

Marco zero do processo de redemocratização no Brasil, a Campanha das Diretas Já descreveu dois movimentos em sentidos inversos.

Um, de cima para baixo, partiu dos políticos de oposição — um punhado de governadores dos principais estados e centenas de parlamentares, sobretudo do PMDB, PT e PDT.

O outro, de baixo para cima, teve origem em milhões de pessoas que tomaram as praças e as ruas do país naquele efervescente verão de 1984.

Os primeiros, donos de orçamentos milionários e de capacidade de mobilização social, disponibilizavam as condições materiais para a realização dos megaeventos.

Os segundos, protagonistas animados da agitação pacífica, forçavam os limites da campanha, para que um temido acordão intramuros não a reduzisse a moeda de troca a ser usada nos gabinetes de Brasília.

Não será exagero afirmar que o principal elo entre esses dois públicos — a classe política e a sociedade civil — tenha sido o autor do livro que você, leitor, tem agora em mãos.

O repórter Ricardo Kotscho cobriu as Diretas Já bem antes de a campanha ser assim batizada. Em fins de 1983, quando o tema ainda não estava em pauta, Kotscho, que circulava com desenvoltura entre lideranças dos movimentos sociais, captou no ar um alto grau de insatisfação popular, que apontava para a reivindicação latente de que o voto direto fosse estendido à escolha do presidente da República.

Naquela altura, quando a ditadura presumivelmente vivia seus estertores, a oposição já havia ocupado todos os outros espaços. As bancadas de PMDB, PT e PDT tinham ganhado musculatura no pleito de 1982, e, nos estados mais ricos — São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná —, governadores que haviam enfrentado o regime cumpriam o primeiro ano de mandato.

A expectativa, portanto, era que o passo seguinte fosse a eleição do presidente da República, cargo então ocupado por João Batista Figueiredo, o último general a governar o país no ciclo autoritário que completava duas décadas. A ditadura seria derrubada pela força das urnas — essa era a esperança.

Tal percepção pode soar óbvia 40 anos depois dos fatos. Mas na época estava longe de ser algo evidente. Basta folhear um jornal qualquer daquele tempo. O noticiário econômico estava centrado na profunda crise, que gerava recessão, desemprego e inflação. Nas páginas de política, as oposições focavam na possibilidade de convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, que varreria o chamado “entulho autoritário”. A eleição para presidente podia ser ventilada aqui e ali, mas não estava entre os assuntos tratados com destaque pela imprensa.

O mérito de Ricardo Kotscho foi ter tido a sensibilidade de identificar, a partir das impressões colhidas em suas andanças de repórter atilado, a direção dos ventos políticos. Feito isso, propôs à *Folha de S. Paulo*, onde trabalhava, que o jornal abraçasse a causa. O jornalista encontrou um ambiente mais que propício para lançar a ideia, uma vez que, paralelamente, a direção do veículo trabalhava com as mesmas premissas.

O jornalista colocou seu prestígio profissional a serviço de um interesse maior. Seu capital jornalístico vinha sendo ameihado desde que, em meados da década anterior, capitaneara a premiada investigação sobre as mordomias dos superfuncionários em Brasília, reportagem editada no jornal *O Estado de S. Paulo* após o fim da censura prévia ao veículo. O rigor jornalístico da série seria substituído pelo entusiasmo civil durante as Diretas.

O engajamento, porém, não lhe tolheu o espírito crítico. Já de saída, no primeiro comício de maior porte, realizado em frente ao estádio do Pacaembu, em São Paulo, em fins de novembro de 1983, criticou o mau começo da campanha. Depois de relatar o clima festivo, com música, discursos e bandeiras, e de registrar um momento de emoção, quando foi anunciada a morte de Teotônio Vilela — o ex-senador peemedebista que se transformaria em ícone das Diretas —, Kotscho anotou: “Mas faltou o principal: a grande confraternização suprapartidária”. E concluiu: “A manifestação acabou sendo mais uma festa-comício do PT”.

A observação certa ganha ainda mais relevância por partir de um profissional simpático a Lula desde a década anterior, quando o político atuava como o sindicalista mais importante de sua geração. Mas a proximidade com o líder do partido, uma das estrelas daquele evento, não o impediu de fazer o reparo com todas as letras.

Da mesma maneira, quando a campanha encontrou o rumo adequado, Kotscho disparou adjetivos a granel, em afronta aberta aos princípios da objetividade jornalística. Exaltava o que via nos palanques e, sobretudo, nas multidões. O tom era confessadamente ufanista, com direito à citação do Hino Nacional, na abertura de um texto. Não tinha pudor de extrapolar seu papel de jornalista, como conta em *Do golpe ao Planalto*, seu livro de memórias: “Passei a fazer parte da trupe, dar palpites nos discursos, sugerir caminhos para as etapas seguintes”.

Contam-se nos dedos de uma mão os grandes comícios em que Kotscho não esteve presente. Além de comparecer aos eventos das capitais, percorreu o Nordeste numa caravana que levou líderes da campanha a rincões remotos do país. Se a dinâmica era sempre a mesma, o repórter achava uma maneira diferente de fazer o relato, mantendo aceso o interesse do público. Não foi à toa que o deputado peemedebista Ulysses Guimarães, apelidado de Senhor Diretas por ter sido o grande articulador da campanha, o chamou de “o cronista das Diretas”.

Em sintonia com a grande maioria dos observadores, Kotscho tinha plena consciência de que, por mais vigorosa que fosse a campanha, as Diretas tinham pouquíssimas chances de passar no Congresso, onde projetos de emenda constitucional, como o apresentado pelo deputado Dante de Oliveira no início daquela legislatura, exigem maioria qualificada para serem aprovados.

A aritmética desfavorável, no entanto, não arrefecia o ânimo do repórter. Enquanto os analistas faziam as contas para tentar adivinhar quantos deputados governistas seriam necessários para a emenda passar na Câmara, Kotscho continuava nas ruas testemunhando a maior e mais criativa campanha popular da história do Brasil.

Tornou-se clichê dizer que jornalismo é um rascunho da história. Mas formulações perspicazes se transformam em clichês exatamente porque encerram verdades. É por isso que, abrindo-se mão da originalidade, se pode

afirmar que *Explode um novo Brasil: diário da Campanha das Diretas*, que reúne as reportagens de Kotscho na *Folha*, é um rascunho daquela história, daquela festa cívica que marcou uma geração.

Muito se escreveu sobre as Diretas Já desde então. Em 2004, no aniversário de 20 anos da campanha, Dante, o autor da proposta, e seu colega Domingos Leonelli publicaram *Diretas Já: 15 meses que abalaram a ditadura*. Depois vieram, entre outros, *A Campanha das Diretas e a democratização*, de Edison Bertoncello, e *Diretas Já: o grito preso na garganta*, de Alberto Tosi Rodrigues. Mais recentemente, por ocasião dos 40 anos da campanha, publiquei *O girassol que nos tinge: uma história das Diretas Já, o maior movimento popular do Brasil*. Todos esses livros são, em maior ou menor grau, tributários das reportagens de Ricardo Kotscho.

A derrota das Diretas pode não ter sido uma surpresa, mas foi uma frustração do tamanho da enorme expectativa criada, e potencializada pelo fato de que faltaram bem menos votos — apenas 22 — para formar a maioria necessária. Os céticos estavam certos, mas não previram que a bola resvalasse na trave.

A última reportagem reproduzida neste livro informa que, uma vez proclamado o resultado adverso, o risco de o Brasil se transformar “num imenso velório” foi afastado com o povo nas galerias da Câmara entoando slogans aguerridos.

Com o tempo, a derrota parlamentar se transmutaria em vitória da sociedade, marcando o início do maior período democrático do Brasil — mas essa é outra história, uma história que nunca termina, porque a democracia é uma conquista a ser preservada, sempre.

Oscar Pilagallo¹

1 **Oscar Pilagallo** é jornalista, autor de, entre outros livros, *O girassol que nos tinge: uma história das Diretas Já, o maior movimento popular do Brasil* e *História da imprensa paulista: jornalismo e poder de d. Pedro I a Dilma*.

II PREFÁCIO

O extraordinário jornalista Ricardo Kotscho, com uma formidável percepção sobre o que aconteceu no Brasil após os 20 anos de ditadura militar, descreve com precisão e garra como foi possível aos brasileiros realizarem um movimento pacífico e transformador, conhecido como “Diretas Já”, que iniciou o processo para restabelecer a eleição direta a presidente da República em nosso país.

Ricardo Kotscho, como jornalista da *Folha de S.Paulo*, acompanhou os comícios das Diretas Já desde seu início mais tímido, em 1983, que passou a mobilizar, em cada cidade brasileira, grupos que pediam eleições presidenciais diretas. Em 25 de janeiro de 1984, centenas de milhares de pessoas se reuniram na praça da Sé, tornando o movimento mais forte e abrindo maior espaço para cobertura da mídia.

Essa grande mobilização espalhou-se pelo Brasil, e, nos meses seguintes, reuniu 1 milhão de pessoas na Candelária (RJ) e 1,7 milhão de pessoas no Vale do Anhangabaú (SP), além de diversas outras cidades brasileiras, tornando esse anseio um caminho irreversível rumo ao restabelecimento da Democracia no Brasil — embora tenha sido um caminho com muitos percalços.

A Emenda Dante de Oliveira (PEC 5/1983), proposta de alteração da Constituição para o retorno das eleições diretas em 1985, necessitava que o Congresso Nacional pudesse alcançar os dois terços de votos necessários para eleições livres e diretas. Eu era deputado federal à época, e, juntamente com a bancada do Partido dos Trabalhadores, onde também estavam o líder Ayrton Soares, Irma Passoni, Beth Mendes, José Genoíno, José Eudes, Djalma Bom e Luiz Dulci, eleitos em 1982, todos votamos SIM e participamos intensamente daquela campanha, colaborando com a organização e nossa presença nos mais diversos comícios nas principais cidades brasileiras.

Infelizmente, faltaram 22 votos para que se alcançasse aquele objetivo, causando muita frustração ao povo brasileiro. Contudo, o sopro de espe-

rança e a luta pela Democracia continuaram, e, mesmo com a rejeição da Emenda Dante de Oliveira, caminhamos para o fim do regime militar anos depois, em 1988, com a Assembleia Constituinte e a Constituição Federal, e, em 1989, com as eleições diretas.

Tenho vívidas lembranças desses momentos de nossa história. A primeira vez que fui eleito representante do povo foi em 1978, para ser deputado estadual. Na ocasião, junto com a bancada do PT, nos empenhamos ao máximo para que tivéssemos eleições livres e diretas para prefeito e governador, e não aceitamos que um governador não eleito diretamente, à época Paulo Maluf, indicasse um prefeito de São Paulo, Reinaldo de Barros. Eleitos pelo MDB (quando só existia Arena e MDB), votamos NÃO, mas fomos minoria.

Após ter participado da fundação do PT em 10 de fevereiro de 1980, fui eleito deputado federal em 1982. Justamente a prioridade do mandato foi o restabelecimento das eleições diretas. O jornalista Ricardo Kotscho, que logo percebeu a importância deste objetivo para nós brasileiros, começou a escrever diariamente o que via para o jornal *Folha de S.Paulo* com exímia sensibilidade.

Foi sobretudo o PT que se mobilizou fortemente para organizar o primeiro comício desta campanha, na praça Charles Müller, em frente ao Estádio do Pacaembu. Eu estava animadíssimo, empenhado em chamar quem eu pudesse para estarmos lá em 27 de novembro de 1983. Na véspera, fui a pé comprar os jornais do dia na banca em frente ao Shopping Iguatemi.

Na volta, curioso para ler as manchetes, eis que fui atropelado ao atravessar a avenida Faria Lima. Machuquei bastante as pernas, fui ao Hospital das Clínicas. Quando estava no quarto, sendo atendido, eis que recebo a visita de meus queridos Carlito Maia e Henfil: *“Logo que soubermos que você havia sido atropelado resolvemos te visitar, porque sabemos que, quando ocorre um acidente com um amigo, você costuma chegar antes do que a mãe.”*

Fiquei muito preocupado de não poder ir ao comício, mas felizmente pude comparecer em cadeira de rodas para participar de entusiasmante manifestação popular. Ali na praça Charles Müller, o jornalista Marcelo Tas me entrevistou sobre o quão bem me sentia em participar das Diretas Já. O governador Montoro não compareceu porque foi ao Jockey Club assistir ao Grande Prêmio São Paulo. O senador Fernando Henrique Cardoso abriu as falas com um comunicado de triste notícia: o falecimento do Menestrel das

Alagoas, senador Teotônio Vilela, um grande batalhador pela Democracia, e o primeiro a ter a ideia de um movimento a favor das eleições diretas. Percebemos todos que Diretas Já tinha um apelo formidável.

Os partidos de oposição como o PMDB, o PT, o PDT, o PCdoB, o PSB e movimentos sociais resolveram então organizar a sequência de grandes comícios nas principais cidades brasileiras. Franco Montoro, pelo PMDB, designou o secretário da Cultura, Jorge da Cunha Lima, e o PT indicou José Dirceu para bem organizarem o comício pelas Diretas Já no aniversário de São Paulo, dia 25 de janeiro de 1984, que foi muito bem-sucedido. Montoro ali proclamou: “Estão aqui as esperanças de 130 milhões de brasileiros.”

Daí se seguiram os comícios extraordinários em todo o Brasil, reunindo cada vez mais grande número de brasileiras e brasileiros, cantando o hino de resistência *“Vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”*, trecho da música *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré.

Foram muitos os lugares e são muitas as lembranças desses momentos, dentre os quais destaco nosso querido Ziraldo, em Belo Horizonte/MG, que foi apresentador do comício que reuniu centenas de milhares de pessoas, e quando acompanhávamos a cantora Simone com a música *“Caminhando e cantando e seguindo a canção”*, disse ao povo: *“Hoje o povo de Minas, nessa praça, mais uma vez vai mudar a História do Brasil”*.

Vale destacar, dentre tantas figuras notáveis, Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Franco Montoro, Leonel Brizola, Miguel Arraes, Lula, Fernando Henrique Cardoso, Doutel de Andrade, Dante de Oliveira, José Richa, Mário Covas, Roberto Freire, Orestes Quércia, Luís Carlos Prestes, Gerson Camata, Fernando Lyra, Moreira Franco, dentre outros.

Dentre outras personalidades, destaco Osmar Santos, o “Locutor das Diretas”, que animava o povo ao anunciar os oradores: “um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos eleger o presidente do Brasil!”. Ainda, Fafá de Belém, Chico Buarque, Taiguara, Beth Carvalho, Martinho da Vila, Juca Kfoury, Sócrates, Mário Lago, Gianfrancesco Guarnieri, Sobral Pinto, Christiane Torloni, e muitos mais.

Em todo o Brasil, movimentos populares, intelectuais, artistas, políticos, professores, estudantes expressaram seu apoio às Diretas Já, e, em todo o Brasil, o povo acompanhou a votação da emenda que restabeleceria as elei-

ções diretas. Com profunda tristeza, soubemos que faltaram 22 votos para aprová-la. Ricardo Kotscho nos relata a respeito do sentimento de tantas pessoas e também da vontade extraordinária que fez com que o Brasil pudesse efetivamente conquistar as eleições diretas na Constituição de 1988.

Foi com inestimável vocação jornalística que Ricardo Kotscho compreendeu, desde seu início, a importância do movimento Diretas Já, fato que o levou a escrever um texto de três páginas entregue ao chefe de reportagem da *Folha de S. Paulo*, Adilson Laranjeira, que por sua vez o entregou a Otávio Frias de Oliveira, proprietário do jornal, que decidiu então apoiar com entusiasmo as Diretas Já, designando Otávio Frias Filho para coordenar um grupo para cuidar da cobertura da campanha.

Essa vocação e tantas experiências de Ricardo Kotscho nos presentearam com essa obra espetacular, que muito tem a ensinar para as novas gerações, e, a nós, os que estivemos presentes, a lembrança de tempos difíceis, de muita luta e da certeza de que estivemos do lado certo da História.

*Eduardo Matarazzo Suplicy*²

2 Eduardo Matarazzo Suplicy é professor universitário e político brasileiro. Foi senador pelo estado de São Paulo entre os anos de 1991 e 2015. Atualmente, é deputado estadual pelo estado de São Paulo. Entre os anos de 1979 e 1987, ocupou os cargos de deputado estadual (1979-1983) e deputado federal (1983 e 1987) quando votou a favor da Emenda Dante de Oliveira.

III PREFÁCIO

O Batismo é do povo.

“Poesia é encontrar uma árvore esquecida à beira de uma estrada e glorificá-la.”

O jornalista de raça é um mágico. Transfigura o anônimo em notável, celebra o despercebido, enquadra o texto no contexto. Enquanto nós nos limitamos a olhar, ele vê as coisas, pessoas, a paisagem. Vê e conta.

Ricardo Kotscho é jornalista raçudo. O jornalismo está no seu sangue e no seu destino.

Andei com ele por praças e ruas deste infindável país. Entupidas de gente, de berros e de gestos de revolta e de esperança. Quando lia suas reportagens na *Folha de S.Paulo* ficava surpreendido e encantado.

Como é que o Ricardo viu aquele jovem frenético, registrou a originalidade daquele dístico, enxergou aquela mulher chorando, ouviu daquele velho as histórias de outros comícios e outros personagens?

Ele não se absorve nas estrelas do acontecimento. Sua pena é também alto-falante da multidão, assegura-lhe o papel de personagem no grande e terrível drama social brasileiro.

Osmar Santos é o locutor das Diretas, Fafá de Belém é a cantora das Diretas, Ricardo Kotscho é o cronista das Diretas. O batismo é do povo. Leia este livro. Assim verificará que, mais uma vez, o povo tem razão.

Brasília, 18 de abril de 1984

Deputado Ulysses Guimarães³

3 Ulysses Guimarães (1916-1992) foi um político e advogado brasileiro. Eleito para deputado federal em 1951, e reeleito em 1962, compôs o quadro do MDB. Durante os comícios pelas Diretas, Ulysses Guimarães ficou conhecido como Senhor Diretas. Sua atuação foi essencial ao longo de todo o período. Foi o 81º e 95º presidente da Câmara dos Deputados. Nesse período presidiu a Constituinte de 1987-88, garantindo grandes avanços nos direitos dos brasileiros. “Temos ódio e nojo à ditadura”, disse.

***"Se todos quisessem, poderíamos
fazer deste grande País uma grande Nação."***

Tiradentes

Introdução:
***A travessia
da esperança***



86

**CURITIBA FAZ
A HISTÓRIA, NÃO
ESPERA ACONTECER**

O sonho aconteceu em novembro de 1983. Vinha voltando para casa, depois de um almoço de domingo com a família no sítio do meu irmão, em Cotia, pertinho de São Paulo, e nem prestava muita atenção na conversa das três meninas no carro.

O ano estava chegando ao fim — mais um ano, sem nenhuma perspectiva de mudança, sem esperanças, só lamentos por toda parte.

Depois da quase euforia vivida na campanha eleitoral do ano anterior, a frustração: os governos estaduais eleitos pela oposição em 1982, de mãos amarradas ao controle da política econômica exercido pelo governo central, sem recursos, não podiam cumprir suas promessas de mudança.

Era preciso mudar tudo, começar de novo, virar o Brasil de cabeça pra baixo. Mas de que jeito?

A única bandeira que pintava no horizonte escuro, acenando timidamente, era a das eleições diretas — o primeiro passo, sabíamos todos, para a reconstrução deste rico e belo país, dilapidado, humilhado, torturado, quase dizimado pela ditadura dos últimos 20 anos, mas ainda de pé, com vergonha na cara.

Chegando em casa, nem esperei para saber o resultado do jogo do meu time, e fui logo pra máquina escrever aquilo que tinha sonhado de olhos abertos: por que a *Folha de S.Paulo*, o último jornal liberal do país, não empunhava de uma vez esta bandeira das eleições diretas, como fazia a imprensa, antigamente, quando se apaixonava por uma causa?

No dia seguinte, as três laudas que havia entregado ao chefe de reportagem, Adilson Laranjeira, foram logo parar nas mãos de Otávio Frias de Oliveira, o proprietário do jornal. Frias convocou imediatamente a cúpula da redação da *Folha*, leu aquele texto para todos, e mandou tocar o pau na máquina. Na mesma hora, formou um grupo para cuidar da cobertura da campanha, sob a coordenação de Otávio Frias Filho, secretário do Conselho Editorial.

O resto já é história conhecida. A *Folha de S.Paulo* abria suas páginas para uma campanha que ainda engatinhava, quase clandestinamente, contida pelas eternas divisões da oposição brasileira.

Estou dizendo estas coisas não é por nada, não, apenas para explicar por que resolvi fazer este livro, que certamente sai cheio de defeitos e lacunas. Ainda não terminou a batalha, faltam dez dias para a grande decisão — a votação da Emenda Dante de Oliveira — mas a campanha já atingiu seus objetivos — levantou o Brasil para dizer não ao regime que aí está, para dizer sim ao futuro, inundando as praças e as ruas de festas e de esperanças, apesar de tudo.

Neste breve intervalo que nos separa do dia decisivo, é chegada a hora de registrar, em algo mais perene do que o jornal, o que foi essa travessia da esperança.



Nos meus vinte 20 de jornalismo — pois é, comecei junto com o golpe... —, sempre me ensinaram que repórter deve ser imparcial, neutro, jamais pode se envolver com o assunto sobre o qual está escrevendo. Bem que tentei, mas não foi possível. Os jornalistas tinham, sim, seu papel a cumprir nesta campanha, como qualquer outro cidadão que paga impostos e gosta da terra em que vive.

De que nos valia continuar a vida inteira denunciando as mazelas da ditadura, tornando as tardes de domingo cada vez mais modorrentas e sem luz, não só para nós, mas também para os leitores, para todos, enfim?

Era preciso encontrar uma saída, acreditar nela. O jornal nos dava condições para isso, já não havia a desculpa da censura à imprensa. Só dependia da gente aproveitar os espaços abertos, seguir em frente, no rumo dos anseios nacionais.

Muitos, a esta altura, fins de 1983, depois da tristeza de se ver apenas 15 mil pessoas reunidas diante do Estádio do Pacaembu, em São Paulo, na primeira manifestação pró-diretas da campanha no país, desacreditavam não só do poder da imprensa, mas da própria capacidade do povo brasileiro de se organizar contra a ditadura, a favor da democracia sem adjetivos.

Para completar, naquela mesma tarde do comício do Pacaembu, a 27 de novembro, morria Teotônio Vilela, o “menestrel das Alagoas”, que sacudiu o gigante adormecido enquanto pôde.

Mas veio o temido 1984 e, em lugar das desgraças totalitárias profetizadas por Orwell, vimos foi o Brasil renascer no comício de Curitiba, o primeiro da temporada que se abria, com mais de 50 mil pessoas botando o bloco das Diretas nas ruas.

A partir daí, a História do Brasil começou a mudar em poucos dias. De toda parte chegavam notícias sobre a formação de novos comitês pró-Diretas. O rádio, a televisão, o resto da chamada grande imprensa boicotavam como podiam o movimento, sem êxito. Até que se chegou, com as oposições unidas, ao Grande Comício de São Paulo, no dia do aniversário da cidade, a 25 de janeiro, na praça da Sé. O governador Franco Montoro não exagerava ao proclamar: “Estão aqui as esperanças de 130 milhões de brasileiros”.



O comportamento ordeiro, mas firme, da multidão de 300 mil pessoas, naquela tarde chuvosa de janeiro em São Paulo, já indicava aos que ainda duvidavam a rota, sem retorno, que a campanha seguiria dali para a frente: o povo nas ruas não admitia mais conchavos, negociações de cúpula, consensos em torno de nomes.

Os comícios seguintes, em fins de janeiro, começo de fevereiro, invadindo os outrora inexpugnáveis sacrários eleitorais do PDS no Nordeste, arrastando multidões antes nunca vistas na história de cada uma das capitais por onde a Caravana das Diretas passou, davam ainda mais força aos líderes da campanha.

Em São Paulo, curtia-se uma espécie de ressaca cívica depois do grande êxito do comício da praça da Sé, mas a pressão exercida de baixo para cima no Comitê Pró-Diretas, com o vigoroso apoio da *Folha de S.Paulo*, não deixava a peteca cair. O mais impressionante era a vontade de participação demonstrada por parcelas da sociedade, antes marginalizadas do processo político, com novas ideias pipocando por toda parte. Ao contrário do que ocorria no início da campanha, agora não faltavam assuntos para encher as páginas do jornal, cada dia mais com as histórias da campanha que levantou o Brasil.

Indiferentes à contraofensiva dos indiretistas de Paulo Maluf e Mario Andreazza, e no ceticismo de muitos de seus aliados, três homens seguiam em frente com a Caravana das Diretas, cada dia numa cidade diferente, cruzando o Brasil de ponta a ponta: Ulysses Guimarães, o obstinado presidente do PMDB, o líder operário Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do PT, e Doutel de Andrade, presidente do PDT, representando o governador Leonel Brizola, como fazia questão de dizer sempre que era apresentado nos comícios.

Os demais participantes da caravana entravam e saíam ao longo do roteiro, mas os presidentes nacionais dos três partidos de oposição, que a certa altura se autodenominaram de “três mosqueteiros”, sempre presentes, davam a necessária unidade à campanha. Sem estrelismos, sem disputas movidas pela vaidade, Ulysses, Lula e Doutel alimentavam de fé um ao outro nos momentos mais difíceis — e seguiam em frente, sem dar bola ao que se tramava no “bunker” do Palácio do Planalto.

Homens de formação e vida bem diferentes, os três encarnavam a dignidade nacional, que não se dobrava por nada e, dia após dia, mais se afirmava por onde cruzasse a Caravana das Diretas. Por toda parte, a mesma pergunta: “Será que vai dar? Será que as diretas vão passar?”. E a resposta em coro: “Só depende da gente”. A esta altura, creiam, a frase ainda poderia parecer basófia. Eram raros, mesmo entre os oposicionistas mais fiéis, os que acreditavam, em fins de fevereiro, que a Emenda Dante de Oliveira pudesse ser aprovada no Congresso Nacional.



Mas, se ainda restava alguma dúvida sobre a determinação deste povo, o Grande Comício de Minas, a 24 de fevereiro, foi um marco importante, definitivo: lá estavam mais de 300 mil pessoas na avenida Afonso Pena não admitindo outra conversa que não fosse a imediata restituição do direito do povo brasileiro de decidir sobre o seu próprio destino, resumido no grito uníssono: “diretas já”.

Até mesmo o calejado governador mineiro Tancredo Neves, sobrevivente de tantos regimes e governos, levou um susto quando chegou ao proscênio do palanque e viu o tamanho daquela manifestação. Instintivamente, deu

um passo atrás, antes de iniciar seu emocionado discurso: “Minas, Minas, Minas, o outro nome de Minas é liberdade”.

Os indiretistas ainda tentariam reviver o “perigo vermelho”, ameaçando com fantasmas, mas já era tarde demais. Maluf e Andreazza, os favoritos do Colégio Eleitoral espúrio e ilegítimo, desapareciam nos porões de aliciamento de convencionais do PDS. O Brasil era cada vez mais verde-amarelo outra vez, principalmente amarelo, a cor oficial da campanha, adotada a partir de uma ideia simples lançada pelo editor paulista Caio Graco Prado, que teve a ousadia de lançar esse livro, com a história ainda viva dos acontecimentos destes seis meses, de novembro de 1983 até este abril de 1984, que mudaram a paisagem brasileira.

Caio Graco é um destes malucos que, desde o início, acreditaram na travessia dos “três mosqueteiros” e deram uma banana para o passado, os olhos brilhando novamente, postos no futuro. Tinha gente que ainda me perguntava, depois de cada viagem, quem tinha sido mais ou menos aplaudido nos comícios. Que importa? Esta campanha não tem donos, nem astros e, se algum herói há na história da travessia, este herói é o povo brasileiro, o homem anônimo, a mulher moça ou velha, as crianças — sim, as crianças, nunca vi tantas em comícios — festejando nas ruas e nas praças a reconquista da cidadania, do orgulho de ser brasileiro.



Na véspera do Grande Comício do Rio, um comovido Helio Silva me segredava ao final de longa entrevista — em que demos um passeio pelas grandes manifestações da nossa história republicana — que no dia seguinte completaria 80 anos e o comício era o maior presente que poderia querer na vida.

Tão comovido quanto ele — e certamente até com mais razões — estava o cidadão Leonel Brizola, vendo à sua volta, no palanque, o Brasil, de Sobral Pinto a Chacrinha, de Afonso Arinos aos deputados Roberto Freire e Aurelio Perez, que falaram em nome dos partidos proscritos, artistas, empresários e políticos das mais diversas tendências, os olhos molhados pela água limpa que habitava daquela colossal multidão. Helio Silva chegava aos 80 anos sem ter visto jamais manifestação pública com aquela dimensão e aquela força; Leonel Brizola completava, na mesma data, 20 anos do dia em que foi cassado

em nome de um golpe que prometia acabar com a corrupção e a subversão. A apenas 1.200 metros do palanque armado na Candelária, há 20 anos e alguns dias, em frente à Central do Brasil, na avenida Presidente Vargas, João Goulart, o Jango, último presidente eleito, acenava com reformas por um Brasil mais justo — e, por causa delas, foi derrubado. Agora, é bem diferente: quem decidiu mudar os rumos da Nação foi o próprio povo brasileiro. E quem ousará se levantar contra a vontade de 130 milhões de cidadãos?

Diante da grandeza cívica desse comício do Rio, caíram de vez as máscaras dos últimos indiretistas. O inegável triunfo de Leonel Brizola, o organizador e anfitrião do maior comício já visto na História do Brasil, serviu de álibi para que desenterrassem novamente aquela bobagem de ficar ameaçando: ah, não podemos ter eleições diretas porque, se vierem as diretas, Brizola leva. E daí? Leve quem quiser, qualquer que seja o eleito terá o respaldo popular necessário para devolver o respeito ao governo brasileiro.

Menos de 24 horas depois, Goiânia fazia um comício ainda maior do que o do Rio, proporcionalmente, colocando nas ruas 250 mil pessoas, ou seja, um quarto da população da cidade. E, em meio à grande festa cívica nacional, o Brasil embriagado de Brasil, estoura aquela bomba do caricato e grotesco deputado Alcides Franciscato, o amigo do peito do presidente, segundo o qual o general João Figueiredo teria dito no Marrocos que, se estivesse no Rio, teria ido ao comício da Candelária. O deputado foi obrigado a desmentir a história, mas já nem interessava se o general dissera mesmo ou não a frase. O Brasil, a esta altura do campeonato e da vida, já não dependia da fala do trono para fazer a sua hora.

Bem, tenho que parar por aqui, porque já está na hora de sair para cobrir a passeata de São Paulo. Há no ar um clima de Carnaval misturado com Copa do Mundo e ninguém, ninguém mais, fora a meia dúzia que se refugiou no “bunker” do Palácio do Planalto, tem mais dúvidas de que o Brasil será campeão. Viva o Brasil, viva o povo brasileiro!



P.S. — Sei que não fica bem para um repórter escrever assim, com ponto de exclamação e tudo, já ensinavam velhos manuais. Mas o que eu tive a felicidade de ver e de viver nestes últimos meses não está mesmo em manual

nenhum. Foi indo devagarinho, as multidões crescendo a cada semana, a festa se animando, toda gente acreditando que chegou a nossa vez, e que o Brasil, além de grande, é um belo país, mais viável do que nunca, com o povo que tem, apesar de todos esses governos que procuraram provar o contrário.

Podem os ministros da Justiça e do Exército, o presidente do PDS e seu líder na Câmara Federal continuar dizendo que o povo só engolfou a Candelária para ver artistas, deixa eles. Mal sabem que ali não dava pra ver artista nenhum, que todo mundo estava mais preocupado em falar do que em ouvir, que o recado que queriam dar era só aquele, a sua presença, um grão de areia, na praia comum de um tempo novo. Amanhã, ninguém vai lembrar do nome deles, mas ninguém esquecerá, jamais, a beleza, a alegria, a ternura que se esparramou por esse Brasil afora, no embalo da Campanha das Diretas.

Agora que a luz no fim do túnel se transformou num sol, generoso e indesmentível pelos átilas da vida, o filme começa a voltar na minha cabeça, as brincadeiras com o Lula, apelidado de “Padim Ciço” por seu carisma, as certezas do dr. Ulysses, que não se deixavam abater por nada, nem dispensavam uma caipirinha pra acompanhar a caranguejada, o humor do boa-praça Doutel de Andrade, amigo novo, companheiro velho, e, principalmente, as caras das pessoas em cada comício, dizendo sem falar: vamos em frente, que a gente chega lá.

O filme foi retrocedendo até chegar àquela tarde de domingo, voltando de Cotia, os papos pesados, a falta de dinheiro e de esperança, as crianças querendo ir embora do Brasil, e olho pras meninas, agora, me enchendo o saco pra ir junto na passeata, nem acredito: valeu a pena, como valeu... A gente passou a vida — quantos de nós?... — achando que eles eram mais fortes, que nunca ia dar. Quantas vezes falaram isso pro velho Ulysses? Quantas vezes falaram isso pro moço Lula, pra parar com essas coisas, que era perigoso? Quantas vezes Brizola foi tentado a segurar as pontas, depois de tantos anos de exílio? Pois é, vivendo e aprendendo, aprendendo a jogar, como diz a canção. Sem mais, nem menos, de repente, o amanhã está à nossa porta, chamando: vamos nessa, pessoal, que valeu a pena esperar.

Ricardo Kotscho

16 de abril de 1984



RJ - 24/2/1981. Luiz Inácio Lula da Silva (líder sindical). Reunião com Tancredo Neves, Brizola e Ulysses Guimarães. | Crédito: Moacir Moreno/Agência O Globo.

Conhecido como o “Grande Encontro”, esse episódio reuniu quatro dos maiores líderes políticos brasileiros para discutir, entre outros temas, estratégias para a redemocratização do país e a mobilização em prol das eleições diretas, que viriam a transformar a história política do Brasil nos anos subsequentes.

O começo da caminhada: ***Os obstáculos***





1983

Novembro, 1 — São Paulo

Para Maluf, o jogo sucessório acabou

Muito seguro, sempre na ofensiva, o presidenciável Paulo Maluf disse ontem, textualmente, a quatro repórteres da *Folha*: “O jogo está encerrado.” O jogo é a sucessão presidencial e o vencedor é claro, ele próprio. Depois de ter conversado pessoalmente com 650 dos 964 convencionais do PDS, Maluf está tão certo da vitória que garante ir à Convenção qualquer que seja o nome indicado pelo presidente Figueiredo.

Embora tivesse insistido várias vezes, ao longo da conversa de 135 minutos, que suas relações com o presidente Figueiredo são as melhores possíveis, e tudo que se diz em contrário não passa de intriga, Paulo Maluf diz que a tese das eleições diretas é um mero casuísmo contra a sua candidatura para impedir que chegue à Presidência.

Com eleições diretas ou indiretas, no entanto, o ex-governador de São Paulo está convicto de que nada o deterá na sua caminhada rumo ao Planalto. Em qualquer das hipóteses, ele assegura que ganha na Convenção do PDS e, depois, vence as eleições, sejam elas diretas ou restritas no Colégio Eleitoral.



Esq./dir. O último presidente militar João Figueiredo (de terno cinza) em reunião com o então governador de São Paulo, Paulo Maluf (de terno preto). 1980. | Crédito: Acervo da Biblioteca da Presidência (Palácio do Planalto).

Novembro, 4 — São Paulo

Eleições diretas voltarão logo, garante Montoro

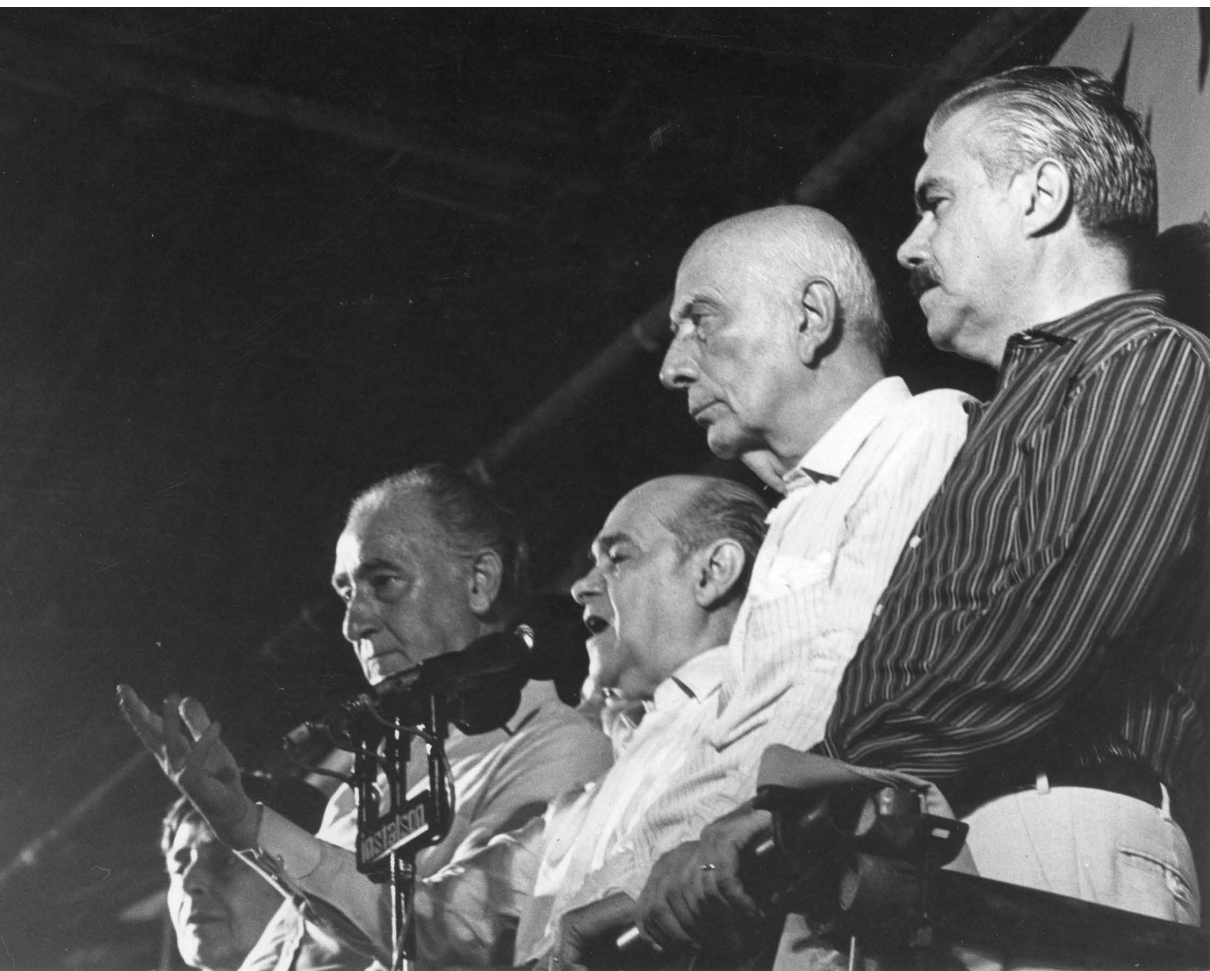
“Estamos a um passo das eleições diretas para a Presidência da República”, assegurou o governador Franco Montoro, em entrevista exclusiva à *Folha*, ontem à tarde, no Palácio dos Bandeirantes. Mas o governador paulista não acredita que os entendimentos para tornar possível a escolha do sucessor do presidente João Figueiredo levem à criação de um novo partido — o “partido do consenso”, como se tem especulado nos últimos dias em Brasília.

Bem mais otimista com o quadro político nacional, Montoro está convicto que as eleições diretas constituem hoje a única saída para o impasse e cita o exemplo da Argentina: “A situação da Argentina era muito mais desesperadora do que a nossa e, em um ano, devolveram o poder político à Nação com eleições em todos os níveis. Se a Argentina conseguiu, será que o Brasil, que só precisa fazer eleições para presidente, também não consegue?”

“E se as diretas não derem certo?” perguntavam alguns. “Não importa, a nossa posição deve ser essa até alcançarmos o objetivo. O meu ponto de vista sempre prevaleceu”, recorda Montoro, mostrando-se bastante satisfeito com a evolução dos fatos políticos nas últimas semanas, que precipitaram a defesa desta tese mesmo dentro do PDS.

Há menos de dois meses, durante um almoço no Palácio dos Bandeirantes, Montoro só via dois desfechos diante da situação de impasse institucional que se desenhava no horizonte: as eleições diretas, no bojo de um amplo entendimento entre oposições e governo, ou a ruptura à chilena, um *pinochetazo* que o país não merecia nem suportaria.

Agora, em vez da ameaça negra dos Andes, Franco Montoro vislumbra uma influência democrática do processo argentino em todo o continente, com reflexos imediatos no Brasil. Atualmente, o governador vê apenas um obstáculo para que o Brasil chegue às eleições diretas e à plena democratização do país: os casos pessoais, as discussões em torno de nomes, que atrasam os entendimentos.



Dir./esq.: José Sarney (1º); Ulysses Guimarães (2º); Tancredo Neves (3º); Franco Montoro (4º); e Lucy Montoro (5ª). 1984. | Crédito: Acervo FGV/CPDOC.

Novembro, 25 — São Paulo

Manifestação pública reúne sociedade civil e políticos

Levar a luta pelas eleições diretas para a Presidência da República às ruas, com ampla mobilização popular, como a melhor forma de pressionar o governo federal, o Congresso e o que restou do chamado “Sistema”: este é o objetivo dos partidos — PT, PMDB e PDT — e das entidades — UNE, CUT, Conclat e Comissão Justiça e Paz — que estão coordenando a festa-comício de domingo, em frente ao Estádio do Pacaembu.

Esta manifestação unificada marca o reencontro da classe política com a sociedade civil em torno de objetivos comuns: pelas eleições diretas, contra o arrocho salarial e a intervenção norte-americana na América Latina.

Quaisquer que sejam os resultados práticos da festa-comício de domingo, que começa ao meio-dia e deve terminar lá pelas seis da tarde, a simples organização do ato já revela um fato auspicioso: pela primeira vez, desde a sua recente criação, as duas centrais que reúnem as diferentes tendências do movimento sindical brasileiro — CUT, de São Bernardo, e Conclat, da Praia Grande — unem-se sob as mesmas bandeiras de luta.

Mas nem só de festa e discursos será feito o ato da praça Charles Miller, que serviu de palco para os grandes comícios das oposições na campanha eleitoral do ano passado. Ao lado das barracas de comidas e bebidas, dos estandes de livros e material de propaganda em favor das eleições diretas, dos palcos que apresentarão shows de música e teatro, também haverá locais para o recebimento de donativos — especialmente remédios — que serão enviados para a Nicarágua.

Mais de um milhão de folhetos já foram distribuídos pela cidade, convocando para a manifestação com estas palavras de ordem: “Por eleições livres e diretas para presidente da República. Contra o arrocho e o desemprego. Fora o FMI. Contra a agressão dos EUA aos povos da América Latina”.

Diz o folheto: “Antes que decidam por nós quem vai ser o novo presidente. Antes que os decretos e pacotes acabem com os nossos salários. Antes que o desemprego nos mate de fome. Antes que os banqueiros norte-americanos tomem conta do Brasil. Antes que o exército de Reagan invada

a Nicarágua como fez em Granada. Precisamos nos juntar e dizer: Basta, ninguém aguenta mais! Neste domingo, una-se a nós e venha para a praça”.



Cartaz do Partido dos Trabalhadores (PT) para as mobilizações das Diretas. | Crédito: Centro Sérgio Buarque de Holanda/Fundação Perseu Abramo.

30

ELEIÇÃO DIRETA

-e' hora de avançar

Grande caminhada
democrática pelas
eleições diretas.

Dia 13 de janeiro. 12 h
centro de Porto Alegre
Ponto de encontro Largo dos Medeiros

Presença de **ULYSSES GUIMARÃES**
Presidente nacional do PMDB —
líderes sindicais, parlamentares
trabalhadores, artistas, intelectuais



Cartaz do Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) para as mobilizações das Diretas em Porto Alegre. 1984. | Crédito: Fundação Ulysses Guimarães.

Novembro, 26 — São Paulo

Comício já conta com 70 entidades

Representantes do PMDB, do PT, do PDT e da Comissão Justiça e Paz irão hoje de manhã, às 10 horas, ao Palácio dos Bandeirantes, para convidar, oficialmente, os governadores que lá estarão reunidos no lançamento da campanha “Fala Brasil”, a participarem da festa-comício de amanhã à tarde, em frente ao Estádio do Pacaembu, primeira grande manifestação pública em favor das eleições diretas.

Caso os governadores confirmem sua presença, o que daria uma dimensão política ainda mais relevante a este ato suprapartidário, que até o final da tarde de ontem já reunia quase 70 entidades da sociedade civil, a comissão coordenadora assegurará a palavra a um governador do PMDB e ao governador Leonel Brizola, do PDT, além dos representantes dos partidos e entidades que estão fazendo a convocação para a festa-comício (PT, PDT, PMDB, CUT-ABC, UNE, Conclat-Baixada e Comissão Justiça e Paz) e de dom Paulo Evaristo Arns e do governador Franco Montoro, que foram oficialmente convidados ontem à tarde.

Ainda há muitos problemas a resolver. Os governos estadual e municipal recusaram-se a fornecer qualquer ajuda para a infraestrutura do comício e só ontem a coordenação começou a providenciar os serviços de som e iluminação. Devido ao alto custo do aluguel e instalação destes equipamentos, as entidades promotoras da festa-comício “passarão o chapéu” entre os presentes ao ato para pagar as despesas.

Desta forma, ninguém deverá esperar uma organização perfeita, mas diversão não vai faltar amanhã. Em volta da praça, serão instaladas cerca de 200 barracas de comes e bebes, haverá grupos de música e de teatro, tarde de autógrafos de escritores famosos etc.

Quem chegasse ontem a São Paulo não teria ideia da mobilização que está sendo feita para transformar o ato suprapartidário em favor das eleições diretas na maior manifestação de rua da cidade nos últimos tempos — nenhuma faixa, nenhum cartaz, rarefeito noticiário nas rádios e nas televisões.

Os convites estão sendo feitos boca a boca ou por meio de folhetos, em pontos de ônibus e portas de fábrica. Só o PT já havia distribuído mais de 1,2 milhão até ontem, mobilizando mais de 3 mil pessoas nesse trabalho. O PMDB enviou telegramas a todos os diretórios, convocando seus militantes para a festa-comício.

O caráter da festa-comício acabou assumindo tal proporção política que a Igreja Católica, uma das principais incentivadoras do ato, por meio da Comissão Justiça e Paz, acabou se retraindo, deixando a tarefa de mobilização para os partidos políticos e as demais entidades da sociedade civil.

Assim, a Arquidiocese não fará qualquer convocação oficial para que os católicos participem da festa-comício, mas nada impede que os padres falem dela nas missas de domingo e convidem os fiéis a participarem do ato. É o chamado “braço leigo” da Igreja as pastorais universitária, operária e do Vergueiro, a Comissão Justiça e Paz e as diferentes entidades ligadas à defesa dos Direitos Humanos — que está atuando junto à organização da festa-comício, há quase um mês.

NÃO VAMOS COMEÇAR 1984 COM INDIRETAS
TENTANDO ESCONDER QUE NO ANO QUE ESTÁ
TERMINANDO VIVEMOS A MAIS SÉRIA CRISE DE
TODA A NOSSA HISTÓRIA.

NÃO É COM INDIRETAS QUE VAMOS
DISSIMULAR UMA INFLAÇÃO DE 200%, UMA DÍVIDA
EXTERNA DE 100 BILHÕES DE DÓLARES E UMA
DÍVIDA INTERNA DE QUASE 50 TRILHÕES DE
CRUZEIROS.

NÃO É COM INDIRETAS QUE VAMOS ACABAR
COM A RECESSÃO QUE ESTÁ TRANSFORMANDO
NOSSA INDÚSTRIA EM SUCATA, COM 6 MILHÕES DE
DESEMPREGADOS E COM A FOME.

NÃO É COM INDIRETAS QUE VAMOS TIRAR O
SETOR DA CONSTRUÇÃO DA CRISE E NEM ELIMINAR
A TUTELA QUE O FMI ESTÁ IMPONDO AO NOSSO PAÍS.

NÃO É COM INDIRETAS QUE VAMOS REDUZIR
OS PREÇOS DOS ALIMENTOS, DA PRESTAÇÃO DO BNH
E DAS MENSALIDADES DAS ESCOLAS.

NÃO É COM INDIRETAS QUE VAMOS REDUZIR O
PREÇO DA GASOLINA.

NÃO É COM INDIRETAS QUE O NOSSO
GOVERNO VAI SER LEGITIMADO PARA MERECEER A
CONFIANÇA POPULAR.

PARA QUE EM 1984 OS NOSSOS SONHOS SEJAM
VERDADES E PRECISO SOLUÇÕES DIRETAS.

TRABALHO DURO, HONESTIDADE,
COMPETÊNCIA, VONTADE, AÇÕES DIRETAS, ATITUDES
FIRMES PARA VIVERMOS COM MAIS SEGURANÇA,
COM A VERDADE, COM A PARTICIPAÇÃO DO POVO,
COM A COLABORAÇÃO DE TODOS.

CHEGOU O MOMENTO DE ACREDITARMOS
QUE É POSSÍVEL, COM DIRETAS ENCONTRAREMOS
UM NOVO CAMINHO EM 1984.

SÃO OS NOSSOS VOTOS PARA QUE O ANO NOVO
SEJA REALMENTE UM BOM ANO PRA VALER,
SEM INDIRETAS.



diretas

84



COMPANHIA BRASILEIRA DE PUBLICIDADE

— UMA AGÊNCIA QUE TEM COMPROMISSO COM O FUTURO —

RUA COLÔMBIA, 100 — TEL. 282-0411 — SÃO PAULO

Cartaz da Campanha das Diretas convocando a sociedade para lutar por eleições diretas como forma de resolver a crise econômica e social enfrentada pelo país nos últimos anos. 1984. | Crédito: Acervo FGV/CPDOC.

Novembro, 27 — São Paulo

Anseio nacional é mais forte do que as divergências

Quando as primeiras pessoas chegarem para a festa-comício deste domingo, no Pacaembu, e a campanha em favor das eleições diretas ganhar definitivamente as ruas e praças no embalo de um anseio nacional, um grande desafio já terá sido vencido: o de unir, novamente, sob a mesma bandeira, acima de divergências e tendências várias, a classe política, os sindicatos e os mais representativos segmentos da sociedade civil.

O parto não foi fácil, nem tranquilo. Desde a vitoriosa campanha pela anistia, cada um tomou seu rumo, como se o país já vivesse numa democracia plena. Aliados de ontem transformaram-se em adversários e, depois, em inimigos ferrenhos, sem se dar conta de que o barco seguia adiante — em direção às pedras.

Claro, todo mundo era e é a favor das eleições diretas — com a exceção óbvia dos defensores das trevas, do retrocesso e da manutenção dos seus privilégios, a preços de ocasião —, como demonstraram até a exaustão todas as pesquisas de opinião pública e declarações de notáveis da vida nacional.

Do desejo à prática, porém, havia um insuperável abismo, que as tentativas de consensos, acordos de cúpula, negociações e todo aquele repertório já conhecido de longa data não conseguiam resolver. Nunca se gastou tanto em DDD, almoços e jantares, papéis e projetos políticos. De repente, todos, ou quase todos, parecem ter-se dado conta de que o tempo corria a favor da minoria, inexoravelmente para as eleições indiretas, oscilando entre a barganha e o arbítrio.

Enquanto isso, aprofundavam-se os conflitos já não apenas entre um e outro partido, uma e outra tendência do movimento sindical, mas dentro deles próprios, imobilizando qualquer ação efetiva para uma guinada que evitasse as pedras e levasse a um porto, se não seguro, ao menos não tão poluído e sem esperanças como o do “Colégio Eleitoral”.

A história desta festa-comício começa há cerca de um mês, quando duas das sete siglas que encabeçam o movimento decidiram fazer duas manifestações marcadas para a mesma data (hoje) em locais diferentes: a Comissão

Justiça e Paz (CJP) programara um ato pela paz, a favor do desarmamento e contra a intervenção dos Estados Unidos na América Latina, na praça da Sé, e o PT marcara uma festa-comício a favor das eleições livres e diretas para a praça Charles Miller, em frente ao Pacaembu.

Um ato acabaria esvaziando o outro, ainda mais se se levar em conta que a Igreja e o PT são hoje, inegavelmente, as duas organizações com a maior capacidade de mobilização em São Paulo. Mas não foi apenas devido à coincidência da data que a CJP e o PT decidiram fazer um ato conjunto: os fatos das últimas semanas, o clamor nacional em favor das eleições diretas indicavam a necessidade de se fazer uma manifestação suprapartidária, capaz de promover esse reencontro da classe política com a sociedade civil e botar o bloco na rua.

Até a semana passada, a tarefa parecia quase impossível. De um lado, o PT já não queria fazer uma manifestação puramente partidária, misturando eleições diretas no Brasil com intervenção norte-americana na Nicarágua. De outro, era incômoda a posição da Igreja, participando de um ato público unicamente com o PT. A cúpula do PMDB, por sua vez — e os setores sociais e sindicais ligados ao partido —, relutavam em aderir para não parecer que iam a reboque do PT.

Reunião após reunião, eram poucas as adesões: PDT, ABI, Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes), CUT, Apeoesp, Sindicato dos Engenheiros e representantes do escritório político de Almino Afonso. Dentro do PMDB, no entanto, começava um movimento de baixo para cima — como tanto gosta o governador Franco Montoro — liderado por alguns deputados estaduais (Mauro Bragato, Valdir Trigo, Nelson Nicolau, Fernando Moraes) e diretórios distritais (como o de Vila Prudente e os da região dos Jardins) para que o partido não só aderisse, mas fosse também um dos condutores do movimento.

Esta pressão sobre a cúpula do partido aumentou, a partir de dois fatos da última semana: a iniciativa de Franco Montoro de convidar os demais governadores da oposição (e também do PDS, mas estes não aceitaram a articulação coordenada pelo senador pernambucano Marco Maciel) e o manifesto a favor das diretas lançado na Assembleia Legislativa, subscrito por 42 deputados, boa parte deles do PMDB.

Desta forma, o PMDB decidiu participar igualmente dos dois eventos, até porque eles só podem somar na luta em favor das eleições diretas. Já na segunda-feira à noite, o PMDB se fazia representar na reunião dos coordenadores da festa-comício e, a partir daí, as adesões de outras entidades importantes, como a UNE e a Conclat, se multiplicaram, chegando a quase 70 na sexta-feira.

O ato unitário e suprapartidário de hoje pode marcar o início de um processo que leve ao engajamento também de outros setores, passando certamente pelo empresariado e chegando a capturar adeptos dentro do próprio PDS. Basta apenas dar uma trégua às refregas no varejo e se dedicar mais ao atacado dos anseios nacionais, que se resumem hoje na reconquista do direito da Nação de decidir sobre o seu destino. O pontapé inicial desta partida está dado; agora, é caprichar para ganhar o jogo.



Adesivos do PMDB para as mobilizações das Diretas Já. | Crédito: Fundação Ulysses Guimarães.



Em 27 de novembro de 1983, comício organizado pelo PT e entidades civis reúne 10 mil pessoas na praça Charles Miller, em São Paulo. | Crédito: Agência Senado.

Novembro, 28 — São Paulo

Um domingo de bandeiras no Pacaembu sem futebol

Teve música, discurso e muitas bandeiras, teve um momento de emoção quando foi anunciada a morte de Teotônio Vilela, teve muito diz-que-diz-que nos bastidores, teve o *suspense* do vai não vai do governador Franco Montoro, mas faltou o principal: a grande confraternização suprapartidária, que se esperava da festa-comício, capaz de unir todos os que são a favor das eleições diretas para a Presidência da República e, com isso, lotar a praça Charles Miller.

Desde o começo da tarde, ficou evidente que, apesar da presença de alguns notáveis do PMDB — Fernando Henrique Cardoso, José Carlos Dias, Horácio Ortiz, Freitas Nobre, João Yunes e meia dúzia de deputados estaduais —, o maior partido de oposição não havia mobilizado os seus militantes para a manifestação do Pacaembu, que acabou sendo, assim, mais uma festa-comício do PT.

A explicação dada pelos dirigentes do PMDB foi de que o partido só teve dois dias para fazer esta mobilização antes, estava às voltas com a formação da nova Executiva estadual. A verdade é que o clima francamente petista do comício aumentou a indecisão entre os assessores do governador Montoro, que até o último momento discutiam se ele deveria ou não comparecer ao Pacaembu.

Em contato permanente com assessores presentes ao ato, por meio de rádio, Montoro acabou sendo aconselhado a não ir. A essa altura, alguns peemedebistas já haviam sido vaiados, assim como o neopedetista Ademar de Barros Filho, que se virou para a correligionária Terezinha Zerbini e comentou baixinho: “Ih... Acho que estou sendo homenageado”.

De toda forma, além de ter servido como um marco na campanha pública pelas eleições diretas, a festa-comício revelou também todas as dificuldades que ainda terão de ser superadas até que os partidos oposicionistas e a sociedade civil possam afinar o tom para subir nos palanques sob a mesma bandeira.

O fato de se ter misturado eleições diretas no Brasil com intervenção norte-americana na Nicarágua; a concorrência do jogo entre Santos e Corinthians; a chatice do show que precedeu o comício; a falta de divulgação nas rádios e TVs; os antagonismos partidários e as rupturas do movimento sindical — são, sem dúvida, muitas das razões que podem ser citadas para justificar a presença de um público abaixo das expectativas dos organizadores.

Mas uma coisa é certa: ainda levará algum tempo até que os partidos de oposição e as 70 entidades da sociedade civil que se uniram para esta festa-comício consigam despertar a população para manifestações políticas num domingo de sol e futebol.

A praça Charles Miller estava literalmente deserta ao meio-dia, hora marcada para o início da festa-comício. Apenas nas dezenas de barraquinhas via-se algum movimento de pessoas trabalhando, ao som das valsas de Carlos Mejia (“Guitarras Armadas”) com que se testava o sistema de som, que acabou sendo cedido pelo PMDB. O PT entrou com os dois caminhões, alugados de madrugada, que serviram de palanque.

Lula, o presidente nacional do PT, foi o primeiro dos oradores a chegar à praça, repetindo um velho ritual que começou nas assembleias operárias no estádio de Vila Euclides, em São Bernardo. Deu a volta completa na praça, fez muitas perguntas às pessoas que o procuravam e saiu com seu discurso na cabeça para ir almoçar.

Na arquibancada armada há mais de um mês para um outro evento, bem no começo da praça, de frente para o estádio, destacava-se uma enorme faixa com o rosto de Sandino, o grande símbolo da revolução nicaraguense. Ao lado, as palavras de ordem do ato: “Por eleições livres e diretas para presidente. Contra o arrocho e o desemprego. Fora FMI. Contra a agressão dos EUA aos povos da América Latina”.

Indiferente à movimentação que começava à sua volta, Ramiro Estevam, um marceneiro aposentado de 67 anos, um filho, carregava um tosco cartaz, anunciando o Apocalipse. Na véspera, ele havia ido à inauguração da estação do metrô, como tem feito nos últimos 20 anos para anunciar que, no ano que vem, o mundo acaba. “A 3ª Guerra vem mesmo, não vai ter Copa do Mundo, nem eleição. Eu sou perseguido pelos crentes, pelos comunistas e pelos judeus, mas está no Novo Testamento. Para que falar de eleições, dívida externa? Depois de 86, o mundo vai ser diferente.”

A quem se interessasse, na falta do que fazer enquanto o comício não começava, Estevam explicava pacientemente que a guerra vai começar na Polônia. “A Polônia vai declarar guerra à Rússia. Os Estados Unidos vão ajudar a Polônia, mas quem vai ganhar a guerra são os países da Ásia Menor. Acaba o capitalismo e vai ficar o socialismo no mundo. O Brasil nem vai ter que pagar a dívida...”

“Derrube o regime e ganhe brindes”, anunciava um cartaz na barraca mais animada da festa, a do PT de São Miguel. Quem derrubasse 16 latas — em que se lia SNI, Maluf, Figueiredo, Delfim, Ivete Vargas, pelegos, etc. — ganhava uma garrafa de pinga ou de vinho de São Roque. Na barraca de Itaquera, oferecia-se a “batida derruba pelego” e, nas faixas, reivindicava-se de tudo: desde os funcionários do Banco do Brasil, que queriam o Sindicato dos Bancários de volta (está sob intervenção), aos militantes da Campanha Nacional pela Reforma Agrária.

Ao menos nas barracas, a convivência suprapartidária era tranquila, divertida, mas mesmo assim concorrência havia. Enquanto a barraca “Comunistas de São Paulo” cobrava Cr\$ 150 por uma batida, ao lado o PT da Bela Vista proclamava: “Aqui é a metade do preço. Mulher bonita não paga, pai com bebê também não”.

Às quatro da tarde, o cheiro de churrasquinho, cerveja e cachaça já impregnava o ar, num clima de beira-mar: rapaziada de calção e sem camisa, mocinhas de mini-mini, grupos de teatro mambembe, cachorros, Plínio Marcos vendendo seus livros, jornaleiros ambulantes oferecendo a variada gama da imprensa alternativa, abaixo-assinados de todo tipo e até um homem de paletó, gravata e sapatos brancos — uma festa, sem dúvida.

E o comício? Pois é, o comício demorava para começar, como as funções dos circos do Interior. Esperava-se chegar mais gente, que não chegava. Além do homem do Apocalipse, havia mais um que não acreditava em eleições diretas, nem em mais nada: era o cacique xavante Emilio Terowa’a, 40 anos, que veio da reserva de São Marcos, em Barra do Garças, Mato Grosso.

“Isso não adianta nada. Os índios são os legítimos brasileiros, donos da terra. Mas o racismo em cima de nós continua com qualquer governo. Índio é indisciplinado, não sabe nada, mas tem inteligência, sabe pensar...”, diz o cacique. Vaias para Maluf, vaias para a Rede Globo, vaias para o helicóptero da Polícia que sobrevoa a praça, vaias para a Conclat. O público

— calculado em 15 mil pessoas, ocupando uma área de 100 metros por 50, com a média de três pessoas por metro quadrado — só silencia quando a atriz Ester Góes anuncia comovida a morte de Teotônio Vilela, “símbolo dos anseios de todos os brasileiros”.

Não fosse o câncer, Teotônio certamente estaria ali na praça, acreditando, animando os pessimistas, seguindo em frente, como fez a vida toda. Como disse o senador Fernando Henrique Cardoso: todos haverão de lembrar que a campanha pelas eleições diretas ganhou as praças no dia em que Teotônio, que tanto lutou por elas, morreu.



Primeiro comício unificado da Campanha Diretas. Realizado em 27 de novembro de 1983, em frente ao Pacaembu, em São Paulo, o evento contou com a adesão de mais de 70 entidades civis. Nesse mesmo dia, faleceu o senador Teotônio Vilela, conhecido como o “Menestrel das Alagoas,” aos 68 anos. | Crédito: Autoria desconhecida. Acervo do Centro Sérgio Buarque de Holanda/Fundação Perseu Abramo.



Ex-senador Teotônio Vilela (1917-1983), o Menestrel das Alagoas, um dos heróis da Campanha das Diretas. | Fonte: Agência Senado.



Caricatura do senador alagoano Teotônio Vilela, um dos grandes líderes da campanha das 'Diretas', desenhada pelo cartunista Henfil. Teotônio se tornou um símbolo da luta pela democracia, enquanto Henfil, com seu humor crítico, usou a arte para combater o autoritarismo e denunciar as injustiças da ditadura. Henfil, que era hemofílico, faleceu em 1988, vítima de complicações causadas pelo vírus HIV, contraído em uma transfusão de sangue. | Crédito: Acervo Agência Senado.

1984

O Grande Comício de São Paulo:

Pegando fogo





Janeiro, 25 — São Paulo

A cidade vive a ansiosa expectativa do comício

O forasteiro que chegasse ontem de manhã a São Paulo e se limitasse a percorrer as ruas centrais da cidade, sem passar pela praça da Sé, não teria ideia da grande festa que estava sendo preparada para este 25 de janeiro. Afora algumas poucas faixas e cartazes de *outdoor*, convocando para o comício da praça da Sé, pouco havia a indicar a grande manifestação que está sendo armada há várias semanas nos subterrâneos de distantes associações de bairro, poderosos sindicatos e neste crescente formigueiro das Comunidades de Base que se multiplicam na periferia da cidade.

Há pouca gente, não mais do que dez pessoas, no Plenário Tiradentes da Assembleia Legislativa, às dez da manhã, agora transformado em quartel-general do comício. Ao contrário da nervosa agitação que era de se esperar na véspera de um evento que pode mudar os destinos nacionais, o clima é calmo, mas as aparências de apatia enganam: é que foi cuidadosamente planejado para evitar improvisações e agora é só esperar a hora da festa — e ver no que vai dar.

É preciso rodar bastante por estas muitas cidades que formam São Paulo, percorrer suas entranhas, descobrir seus becos mais escondidos para sentir a expectativa de cada um, do chamado homem do povo, a 24 horas do primeiro discurso na praça da Sé. Em São Miguel, reduto operário onde os movimentos populares são mais fortes e organizados, pouco se fala no comício, as pessoas seguem sua rotina, mas há algo no ar que lembra uma sexta-feira de véspera de Carnaval.

A gente sabe que os blocos vão aparecer na rua, mas onde estarão agora? Será que vai chover na hora do desfile? As arquibancadas estarão lotadas? O que os foliões esperam deste Carnaval? Vai ser tudo tranquilo, sem acidentes? E, depois de acabar, o que vai ser?

Bem, mas, apesar de toda a festa, dos artistas famosos que estarão animando o *showmício* da Sé, não se trata propriamente de Carnaval. Epicentro de uma região, a Leste-2, que abriga mais de 150 Comunidades de Base da Penha até Guaianazes, passando por Itaim Paulista, Artur Alvim, Itaquera

e Vila Esperança, São Miguel Paulista é um bom termômetro dos anseios populares, que hoje concentram na campanha pelas eleições diretas suas esperanças de uma vida melhor.

Para a noite está marcado um comício com a presença de Miguel Arraes, que já foi governador de muitos destes paus de arara da Zona Leste, cada vez mais nordestina. Agora, porém, ao meio-dia, ainda não há qualquer preparativo relacionado com os eventos programados pela campanha das eleições diretas.

Explica-se: as faixas já estão prontas, a mobilização já foi feita, os padres já falaram sobre a importância do comício da praça da Sé nos sermões das missas de domingo e, como haverá trem e metrô de graça para todos, desta vez não foi preciso organizar as caravanas de ônibus.

Vamos entrar na casa de uma família típica da periferia da Zona Leste, na Vila Carmozina, Itaquera. Adolfo e Maria Sanches Americhe — ele, motorista aposentado por invalidez; ela, costureira — irão hoje, junto com seus cinco filhos, ao comício da praça da Sé. Operado recentemente da coluna, Adolfo não pode ficar muito tempo de pé e só tem um problema para ir ao comício: arrumar emprestada uma cadeira dobrável para levar à praça. Mas ele garante que vai de qualquer jeito. Por que esse sacrifício, o que o move a sair de casa, ele que há muito não tem disposição para sair da sala?

“Olha, moço, essa é a única esperança para ver se derrubamos esse poder e conseguimos a verdadeira democracia. Porque, até agora, a gente só ouve falar, mas não existe democracia nenhuma, só burocracia.”

Com o último aumento, Adolfo passou a receber Cr\$ 112 mil de aposentadoria. “O que me livra um pouco é que esta casa é minha, não pago aluguel, e tenho quatro filhos que já estão trabalhando. O que eu ganho não daria nem para pagar o aluguel desta casa.” Para ele, a culpa pela situação em que vive “é dos poucos que mandam no Brasil tão poderoso, com 120 milhões de habitantes que não podem se manifestar. Creio que chegou a hora de termos eleições diretas. O povo é que deve mandar no Brasil”.

A simples menção sobre o que poderia acontecer se, ao contrário, não vierem as eleições diretas deixa Adolfo ao mesmo tempo temeroso e revoltado. “Aí ganha o Maluf. Deus me livre.... Se o Maluf for presidente, só Deus para virar a cabeça de um homem como aquele. É um maluco, ninguém pode saber o que um homem desses tem na cabeça.”

Casado há 33 anos, e ainda apaixonado por dona Maria como no primeiro dia em que a viu na fazenda de seu pai, em Cornélio Procópio, toda suja de poeira, as mãos calejadas, “mas era linda, parecia artista de cinema”, Adolfo gruda um adesivo das eleições diretas na blusa de um dos seus netos e fala como se estivesse sonhando.

“Se eu subisse no palanque... Eu tenho tanta vontade de subir no palanque... Eu queria me abrir, para pedir para o povo que lutasse até as últimas forças que tem no peito para ver se a gente consegue pôr um homem do povo dentro do nosso Palácio do Planalto e tirar esse homem que se diz um homem do povo, mas de povo não tem nada, só quer sugar. É um homem dos ministros e não homem do povo. Os ministros é que estão mandando no Brasil e não o presidente.”

Engana-se quem pensou que Adolfo é um radical, um militante político extremado. “Eu ainda não escolhi partido nem candidato, só sei que, se tiver eleição, voto na oposição. Se o Tancredo fosse candidato, eu votaria nele. Gosto daquele mineiro. É um homem de coragem, tem fibra. Eu votaria até no Lula, em qualquer um, menos no PDS.”

Logo depois do almoço, a exemplo de outras famílias como os Americhe na sua rua, no quarteirão, no bairro, Adolfo, dona Maria e os filhos irão para a praça da Sé, sonhando com os dias melhores, em que dê para comprar comida e roupa para todos, pagar as escolas e os livros, voltar a andar no velho fusquinha que eles encostaram desde o último aumento da gasolina.

Da Zona Leste, vamos para a Zona Norte, onde as mesmas esperanças e as mesmas razões de revolta se repetem no Comitê Pró-Diretas da Freguesia do Ó, que conseguiu reunir todos os partidos de oposição, até o PTB. Os grupos organizados — cerca de duas mil pessoas — se encontrarão diante do Teatro Municipal às 14h30, e de lá seguirão em passeata até à praça da Sé, onde já terão um local marcado sob a faixa: “A região da Freguesia do Ó na luta pelas eleições diretas”.

Mas esta luta não vai terminar no comício da praça da Sé. É só o começo. O comitê já programou “feiras democráticas” e ciclos de debates “para discutir o significado das eleições diretas” e também para angariar fundos. A Freguesia do Ó pretende mandar uma caravana de ônibus a Brasília no dia em que for votada a emenda que restabelece as eleições diretas para a Presidência da República.

No fim da tarde, de volta ao centro, depois de mais de 100 quilômetros percorridos, uma chuva de papel picado cai dos prédios anunciando o comício. A alegria sobe a rua da Consolação, passa pela avenida Paulista e, na saída dos escritórios, nos bares, pelas calçadas, espalha-se o sorriso no rosto de toda gente, como a acompanhar o ritmo da canção que virou hino: amanhã há de ser outro dia.



Palanque sendo organizado para o comício da praça da Sé, de 25 de janeiro de 1984. | Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Janeiro, 26 — São Paulo

Na Sé, um brado retumbante pelas diretas

“Ouviram do Ipiranga, as margens plácidas/De um povo heroico o brado retumbante.”

Nunca, antes, em sua história de 430 anos completados ontem, São Paulo viu algo igual — centenas de milhares de pessoas transbordando da praça da Sé para todos os lados, horas debaixo de chuva, num grito uníssono: eleições diretas para presidente.

Nunca, antes, foram tão verdadeiros os primeiros versos do nosso Hino.

O brado engasgado na garganta durante 20 anos explodiu na praça da Sé. O pranto travado correu pelos rostos de gente muito vivida, os braços se ergueram, dando-se as mãos uns aos outros, toda gente cantando junto o Hino Nacional, no encerramento desta festa pelas eleições diretas, a maior manifestação pública a que o Brasil já assistiu.

Foram quatro horas de discursos, que poderiam ter sido resumidos num — só chega desse regime, queremos o Brasil de volta para os brasileiros decidirem sobre o seu próprio destino, era o tom de todos; de cantos entoados pelos mais populares artistas brasileiros; de enterros do Colégio Eleitoral, de Delfim e de Maluf; de algumas vaias, logo abafadas pelos apelos de unidade e, principalmente, de muita emoção, de muita esperança e uma certeza: o Brasil acordará diferente.

Ninguém que tenha visto esta festa na praça ou pela televisão esquecerá tão cedo a cena final do comício: os principais líderes da oposição brasileira (só Tancredo Neves não apareceu) reunidos no proscênio do grande palanque, que quase desabou de tanta gente, diante do povo encharcado, mas feliz, cantando o Hino com um gosto novo de amanhã que não demora.

Para muitos, esta festa durou 12 horas e prosseguiu noite adentro, apesar da chuva. Em busca dos melhores lugares para suas faixas e bandeiras, os militantes do PCB e do PCdoB chegaram antes das sete da manhã, tomaram o marco zero da praça e não aceitaram nenhum tipo de negociação com os organizadores da festa para evitar que o comício ficasse parecendo só deles.

Assim, quando a praça da Sé começou a encher, lá pelas duas horas da tarde, diante do palanque havia um mar de bandeiras vermelhas, que mais tarde seriam arriadas para que todos pudessem ver o comício. Nos metrô que a essa hora carregavam a alegre multidão mais parecendo torcida de futebol em dia de final de campeonato, gritava-se em coro todos os palavrões imagináveis, como se o regime já tivesse, de fato, acabado. “Abaixo Figueiredo” era um dos poucos refrões publicáveis.

Havia muita alegria, sim, mas sentia-se também um ódio enorme contra o regime, o governo federal, os políticos do PDS e a Rede Globo. Violência, porém, só se via quando a massa carregava e destruía os vários caixões que apareceram. O comício começa a pegar fogo às três horas, quando é arrebentado a socos e pontapés um caixão em que se lê “O enterro da ditadura militar”, ao mesmo tempo que se ouvia o coro: “Fora a Globo, fora a Globo”.

Quase invisível em meio à maré humana enfeitada de bandeiras e faixas, um tosco cartaz pedia: “Para presidente, um homem culto, patriota e inteligente”. O serviço de som toca músicas de Chico Buarque de Holanda. “Fora Turcão”, “Fora Figueiredo”, pedem outros cartazes. A praça vai enchendo, o palanque também, com todo tipo de políticos, autoridades, amigos e parentes, assessores, seguranças, jornalistas nunca vistos antes e os “bicões” de costume.

Uma grande faixa trazida pela “Banda do Pirandello” chama a atenção. Diz: “Não rias de mim, Argentina”. Moraes Moreira manda bala no “Frevo das Diretas”, finalmente liberado, dando início ao show, com o povo cantando junto. Todas as tentativas e apelos de Osmar Santos, o entusiasmado locutor oficial dos comícios pelas diretas, para se evitar que o palanque desabe são em vão. Ninguém sai do lugar.

À medida que a multidão aumenta, a emoção vai tomando conta dos organizadores do comício, ferrenhos adversários das últimas eleições agora se abraçando a toda hora. Nesta hora, até levar um pisão no pé dado por Christiane Torloni é motivo de alegria.

“Um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil.” Osmar Santos agita a massa e completa: “Estamos chacoalhando o Brasil”. Fala Fernanda Montenegro — “Senhor presidente, exigimos anistia total para o povo através de eleições diretas” — e volta do proscênio, chorando como se estivesse estreando na carreira.

Lá pelas tantas, aparece até um deputado estadual do PDS, Luís Furlan, filho do biônico Amaral Furlan, que, de tanto insistir, acabou falando para receber uma das maiores vaias da tarde. Fala Alcidon Pae, presidente da UNE, e desanca o regime e o governo, como de costume. Fala Christiane Torloni — “Eles pensam que perdemos nossa dignidade, mas não perdemos, não, olha nós aqui”. Fala Gilson Menezes, do PT, prefeito de Diadema, que propõe comícios pelas diretas em todos os municípios no dia 25 de fevereiro, ideia que é encampada pelos prefeitos dos outros partidos que discursam em seguida.

Agora, já se fala em 250 mil, 300 mil pessoas. É bonito ver Gilberto Gil e Alceu Valença, abraçados a Regina Duarte, cantando “Anunciação”. Aos 80 anos, madre Cristina, superiora do Sedes Sapientiae, que falou em nome de todos os movimentos de mulheres, emociona e se emociona, quando diz que as eleições diretas vão “resgatar os mártires assassinados pela ditadura militar”.

Mais veemente de todos os oradores que se sucederiam, o vice-governador Orestes Quércia acusa Figueiredo, assim como o ex-presidente Médici e Costa e Silva, de não trabalharem. “O único que trabalhou foi o Geisel. Trabalhou para prejudicar mais o Brasil. Agora, querem se manter de qualquer jeito e, para isso, até Maluf virou coisa boa.”

A chuva cai mais forte, e o decano dos comentaristas políticos, Carlos Castelo Branco, fica impressionado com o que vê. Este comício, diz, pode mudar a História, “desde que seja o ponto de partida para outros iguais”. As cinco e meia, chegam os governadores: Montoro à frente, Iris Resende, Nabor Junior, Leonel Brizola e José Richa. Empolgado, Brizola anuncia uma passeata no Rio, “proximamente, que será a síntese de tudo isso”.

Os presidentes do PMDB, Ulysses Guimarães, e do PT, Lula, são anunciados. De todos, o que recebe a maior ovação é Lula, que anuncia: “No próximo comício, vamos levar um milhão de pessoas”. Fala Bruna Lombardi, Chico canta “Apesar de Você”, sem acompanhamento, só acompanhado pela multidão. Fala Mário Covas, que pede ao final um minuto de silêncio para Teotônio Vilela e, em seguida, Fafá de Belém canta “Menestrel das Alagoas”. Beth Mendes lembra Elis Regina, a emoção vai num crescendo.

O ator Carlos Vereza consegue silêncio ao declamar um trecho do “Ape-lo aos Homens”, de Charles Chaplin: “... os ditadores morrerão. O poder

que usurparem ao povo voltará ao povo”. Os plásticos de propaganda das diretas agora são usados para se abrigar da chuva. Anuncia-se a presença do coronel Tarcisio Nunes Ferreira, “um militar democrata, que deixou o Exército por causa do Riocentro”.

O único incidente da tarde: nervoso, aos berros, Montoro está irritado com a demora dos discursos e pergunta a Fernando Henrique Cardoso: “Quem está mandando aqui? Se não tiver ninguém, eu assumo. Assim não dá. Os governadores precisam viajar”. Na verdade, a reação de Montoro também se deu pelo fato de ter sido lido um manifesto pedindo a legalização do PCdoB. Fernando Henrique Cardoso acalma o governador e apressa-se o falatório, que se repete, com todos dizendo praticamente a mesma coisa. Rogê Ferreira, do PDT, fala rapidamente em nome também do PT e do PMDB. Os governadores Nabor Júnior e Iris Resende, que ainda esta semana admitiam a participação do PMDB no Colégio Eleitoral, agora fazem declarações de amor às diretas.

Brizola ultrapassa o tempo de três minutos acertado para os oradores e ataca “a casta que se formou em Brasília e se coloca contra o desejo de 90 por cento do nosso povo de termos eleições diretas, a única solução moral para tirar o Brasil do atoleiro”.

Parte da multidão em coro pede “Lula, Lula”, mas antes fala Ulysses Guimarães, que novamente faz comparações com a queda da Bastilha: “Esta Bastilha caiu hoje aqui em São Paulo. Caiu o Colégio Eleitoral”.

Lula transfere os aplausos ao povo — “Vocês é que merecem todos os aplausos” — e faz um apelo à unidade, depois de citar dados econômicos: “Se alguém tiver que ser vaiado, que seja eu. Vamos trabalhar de forma unitária. Só assim vamos poder dizer: o povo, na praça, conquistou as eleições diretas para a Presidência da República”.

O apelo é atendido, Montoro começa a falar sob aplausos: “Me perguntaram se aqui estão 300 ou 400 mil pessoas. Mas a resposta é outra: aqui estão presentes as esperanças de 150 milhões de brasileiros... O povo está dizendo: não sou coisa, não sou objeto, não sou ficha, não sou número. Sou gente e quero eleger o presidente.

Na ausência de Simone, que deveria cantar o Hino Nacional no final do comício, quem pega o microfone é o alucinado Jards Macalé. Pouco importa.

Um coro de centenas de milhares de vozes faz sua própria festa, sacudindo a praça, anunciando que o futuro está chegando:

“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas/
De um povo heroico o brado retumbante...”



Comício pelas Diretas reúne 300 mil pessoas na praça da Sé, em São Paulo. São Paulo, 25 de janeiro de 1984. | Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.



Palanque do comício pelas Diretas Já, realizado na praça da Sé em 25 de janeiro de 1984, reúne, além de políticos, diversos artistas. São Paulo, 25 de janeiro de 1984. | Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.



Martinho da Vila, Ruth Escobar, Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, José Fogaça e outros durante a Campanha das Diretas. 1984. | Crédito: Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.



A polícia contou meia dúzia de desmaios e cinco crianças perdidas. Foi só. O II Exército, no entanto, preferiu desperdiçar o feriado, ficando de prontidão. O Interior compareceu, com representações de mais de 350 municípios, alguns dos quais do PDS. A comitiva de São José dos Campos fez 100 quilômetros de estrada a pé

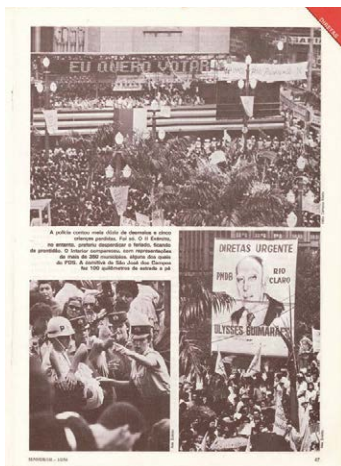


Imagem original da revista *Senhor* nº 150.
Na página anterior e abaixo, detalhes.



Manifestação na praça da Sé. *Senhor* nº 150, 1 de fev. de 1984. Página 47. | Crédito: Alex Soletto e Hélio Campos Mello/Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.

A ressaca cívica: **O desafio**



**TEIREDO.
JIA!**

Tribuna Operária

**RETA! G
OCHO! U
AL**

ANTE PRUDENTE
LIZAÇÃO DO P.C



Fevereiro, 2 — São Paulo

A favor das indiretas, uma espécie de ressaca cívica

O comitê Pró-Diretas mudou de endereço: saiu do Plenário Tiradentes, quartel-general da organização do comício de 25 de janeiro, para uma pequena sala, a de número 1.426, na Assembleia Legislativa. Lá, ontem à tarde, era possível encontrar apenas uma solitária jovem atendendo aos telefonemas. Novidades? Só a reunião da plenária do comitê, marcada para terça-feira.

Após o grande êxito do comício de 25 de janeiro na praça da Sé, as principais lideranças do movimento pró-diretas parecem estar curtindo ainda uma espécie de ressaca cívica, assumindo uma posição defensiva ao invés de avançar. Isso explica o fato de os partidários das indiretas estarem conquistando um espaço cada vez maior na imprensa, mesmo nos órgãos não comprometidos com o Colégio Eleitoral.

Em meio ao giro pelo Nordeste, os presidentes do PMDB, Ulysses Guimarães, e do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, chegaram a anunciar uma grande marcha, em São Paulo, para o dia 2 de abril. O presidente regional do PMDB, senador Fernando Henrique Cardoso, completou a ideia, propondo manifestações no mesmo dia e no mesmo horário, em todos os estados, como preparação para a marcha prevista para Brasília no dia da votação da Emenda Dante de Oliveira, que restabelece as eleições diretas, a 11 de abril (esta data seria mais tarde adiada para 25 de abril).

Mas, aos poucos, esta proposta vai perdendo força, especialmente devido à posição reticente do governador Franco Montoro, que, em princípio, não se mostra muito entusiasmado com novas manifestações de rua em São Paulo. Montoro tem argumentado que dificilmente se conseguirá repetir “a obra-prima que foi o comício da Sé”. De outro lado, está convencido de que agora a meta principal deve ser a conquista dos corações empedernidos dos indiretistas do PDS. Ou seja, um trabalho mais de bastidores, na base da “marcação homem a homem”, do que de pressão popular.

Seja como for, a impressão que se tem é que, se as lideranças políticas do movimento em São Paulo não voltarem rapidamente a tomar a iniciativa de

criar fatos políticos capazes de manter o balão das diretas inflado, correrão o risco de perder a mobilização popular — um dos esteios da campanha — e de não converter os indiretistas do PDS — seu objetivo final. Afinal, uma coisa depende da outra, ambas as batalhas têm que ser travadas paralela e concomitantemente — e o tempo corre a favor das trevas.



Manifestantes pedem a saída de Figueiredo. São Paulo, 1984. | Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Fevereiro, 3 — São Paulo

Lula quer intensificar campanha para levar mais de 1 milhão à rua

O presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva, propôs ontem em São Paulo a intensificação da campanha de mobilização popular pelas eleições diretas, para que a passeata prevista para fins de março e começo de abril (provavelmente no dia 2 de abril, uma segunda-feira) possa levar mais de um milhão de pessoas às ruas, terminando com um grande comício.

Mas, para que isso aconteça, o presidente do PT afirmou que é preciso “fazer um trabalho de mobilização permanente entre uma manifestação e outra, procurando manter a campanha nas ruas. O povo precisa se sentir participante. Se a gente não fizer isso, quem vai tomar conta é o pessoal das eleições indiretas, que está na televisão todo dia”.

Para Lula, a pressão popular é fundamental na conquista dos parlamentares ainda indefinidos do PDS. “Alguns parlamentares costumam dizer que o Congresso Nacional não gosta de trabalhar sob pressão. Mas a verdade é que, sem pressão, o Congresso Nacional funciona muito pouco. Além dessa pressão sobre os parlamentares, as grandes manifestações populares são decisivas para evitar que alguém esmoreça caso a emenda das diretas seja rejeitada no dia 11 de abril.”

O presidente do PT acredita que estas manifestações populares “só tendem a crescer daqui para a frente, principalmente se houver uma maior participação da Igreja que, enquanto instituição, ainda está inibida”.

Qualquer que seja a posição a ser adotada pelo governo federal, Lula entende que deve acontecer a concentração popular marcada para Brasília no dia da votação da emenda, dando pouca importância às declarações feitas em contrário pelo porta-voz Carlos Atila, durante a visita do presidente Figueiredo a São Paulo.

“Brasília não é território particular nem de Carlos Atila nem do pessoal do Palácio do Planalto. Brasília, mesmo tendo lá o Congresso Nacional e o Palácio, é uma cidade que pertence aos brasileiros e não a eles. Em qualquer metro quadrado de terreno público nesse país, qualquer cidadão

tem direito de fazer manifestações. Se o porta-voz está ameaçando, ou insinuando alguma coisa, como a decretação do estado de emergência, ele precisa saber que o povo brasileiro já é vítima de um estado de emergência há 20 anos”, afirmou Lula.

Por isso, diz ele, “devemos ir a Brasília de qualquer maneira e fazer uma grande manifestação para pressionar o Congresso Nacional”. Para dar uma amostra de como a campanha pelas diretas tomou conta da população e não tem retorno, Lula contou um episódio ocorrido na última terça-feira, durante reunião do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, para a discussão da campanha salarial deste ano.

“Um companheiro pediu um relato de todos os que estavam lá sobre o clima nas fábricas em relação à campanha salarial. Pela primeira vez, todos disseram que ninguém estava falando sobre a campanha salarial nas fábricas, mas só sobre eleições diretas. A campanha pelas diretas extrapolou os partidos políticos, está nas fábricas, nas ruas, nas casas, em todo lugar. Agora, ninguém segura mais.”



Da esq. p/dir.: Marcos Freire (1º); Miguel Arraes (2º); Tancredo Neves (3º) Luiz Inácio Lula da Silva (4º); Ulysses Guimarães (5º); Lucy Montoro (6ª). Comício durante Campanha das Diretas Já. 1984. São Paulo/SP. | Crédito: Antonio Carlos Piccino/Acervo FGV/CPDOC.

Fevereiro, 5 — São Paulo

Montoro leva dossiê das diretas a Brasília

Esta semana, o governador Franco Montoro vai a Brasília para entregar aos presidentes do Senado, Moacir Dalla, e da Câmara Federal, Flávio Marcilio, um completo dossiê sobre a campanha das eleições diretas em São Paulo, primeiro passo da pressão que pretende exercer sobre o Congresso Nacional para conseguir a aprovação da emenda Dante de Oliveira, no dia 11 de abril.

“O destinatário de todo o movimento pelas diretas é o Congresso Nacional”, afirmou Montoro. “Não vou falar em nome do governo ou do meu partido. Vou falar em nome de São Paulo. Vou levar a Brasília o recado de São Paulo, porque o povo já falou, e falou grosso.”

Ao longo da entrevista exclusiva de 90 minutos que concedeu ontem de manhã à *Folha*, o governador Franco Montoro demonstrou várias vezes sua preocupação em não perder o terreno já conquistado, correndo riscos desnecessários em novas manifestações públicas que estão sendo programadas para o início de abril, em todos os estados, e no dia da votação da Emenda Dante de Oliveira, em Brasília.

“Todas as propostas precisam ser cuidadosamente estudadas por um colegiado, com a participação de todos os partidos e entidades que conduziram o movimento até aqui. Não vamos diminuir a importância do grande acontecimento que foi o comício da Sé. A política brasileira pode-se dividir hoje entre antes e depois do 25 de janeiro. Não foi a vitória de um partido, de um homem, mas de todo o povo, demonstrando o caráter unitário da campanha”, explicou o governador.

Deste e de outros episódios, o governador tira uma conclusão: “Com a campanha pelas diretas, estamos arrebatando as bases do PDS em São Paulo. Os diretos, quer dizer, os prefeitos que foram eleitos, são pelas diretas. O importante é manter o caráter suprapartidário da campanha, sem candidatos e sem personalismos. Nesse caminho, chega-se à vitória.”

Em relação à grande concentração prevista para o dia 11 de abril, em Brasília, Montoro tem uma posição definida: “Claro que a Nação tem que

estar presente. Representada por seus governadores, dirigentes partidários, parlamentares e prefeitos. Fora disso, qualquer nova manifestação tem que ser mais bem estudada para se manter o caráter pacífico e ordeiro da campanha, como vem sendo até agora”.



Dir./esq.: Mário Covas (1º, abaixado), Eduardo Suplicy (2º), Djalma de Souza Bom (3º), Olavo Setúbal (4º), Franco Montoro (5º). São Paulo, 1984. | Crédito: Acervo FGV/CPDOC.



Franco Montoro (ao microfone). São Paulo, 1984. | Crédito: Acervo FGV/CPDOC.

Fevereiro, 9 — São Paulo

O importante é chegar à praia

A busca da unidade e do consenso na luta pelas eleições diretas não é nada fácil, como ficou provado na última reunião plenária do comitê paulista. Mas também não é impossível, como se acabou demonstrando na mesma reunião.

Houve um momento em que se chegou a temer pelo pior, quando a mesa formada pela executiva do Comitê Paulista Pró-Diretas perdeu o controle do plenário superlotado e as diferentes tendências do movimento estudantil ameaçaram resolver suas divergências no tapa.

O que se viu na Assembleia Legislativa na noite de terça-feira foi bem um retrato do que restou destas duas décadas de arbítrio e prepotência, tentativas de manipulação da maioria pela minoria e intolerância, cujas sequelas não se curam de um dia para o outro, mesmo que venham as diretas, já.

Nem era de se esperar que fosse diferente. A ditadura é uma doença contagiosa que acaba atacando até os médicos, por melhores que sejam suas intenções de cura. Entre os sobreviventes, as sequelas ainda são visíveis, o que justifica um certo desencanto diante das alternativas apresentadas pelos quadros dos diferentes partidos.

Se, de um lado, encontra-se a fúria ideológica de um PCdoB, tão barulhento e ativo que dá a impressão de ser muito maior do que é, de outro torna-se cada vez mais evidente que as divergências quanto aos rumos que a campanha deve seguir são muito mais pessoais, movidas pela vaidade, do que políticas.

É mais ou menos como se, de repente, todos os bichos tivessem rebentado suas jaulas e se reunissem para estudar a melhor maneira de convencer o dono do zoológico que assim não dá mais. As estratégias, é claro, variam. Cada bicho acha que a sua é a melhor e todos querem ser o pai da criança chamada democracia.

Estavam lá no Plenário 1º de Maio representantes de mais de 100 entidades, partidos, igrejas, movimentos, associações e toda a rica fauna que se convencionou chamar de sociedade civil. As discussões chegaram a um

ponto em que a reunião teve de ser suspensa e transferida para o grande Plenário da Assembleia, em meio a um tumulto.

Depois de rápidas negociações entre os membros da executiva do comitê (representantes dos quatro partidos de oposição e o do governo), encontrou-se uma saída para superar as divergências e manter a unidade. O preço foi o adiamento por 15 dias de uma definição sobre os rumos da campanha — especificamente a marcação de uma nova grande manifestação de rua em São Paulo antes da votação da Emenda Dante de Oliveira, em abril — e permitir a entrada de quem mais quisesse na coordenação.

Na prática, com o grande número de entidades agora na coordenação — uma instância intermediária entre a executiva e a plenária —, esta perde sua razão de ser. Foi uma fórmula hábil para acalmar os ânimos, especialmente dos grupos da UNE e do PCdoB que insistiam em fazer parte da coordenação, mas a um custo bastante alto, já que a esta altura a perda de duas semanas no trabalho de mobilização popular para um objetivo definido é muito tempo que se dá de bandeja para os indiretistas.

O tempo, todos sabem, corre a favor dos defensores do Colégio Eleitoral e, mais do que nunca, é preciso abrir mão de interesses pessoais ou grupais, deixar de lado diferenças ideológicas e pequenas vaidades, para ficar só no que interessa: restabelecer as eleições diretas e o direito da Nação de decidir os seus destinos. A caminhada para a democracia é longa e dolorosa num país dilacerado como o nosso e são naturais as dificuldades que vão aparecendo à medida que a campanha avança.

Não me recordo de ter visto antes tantas entidades reunidas numa sala em torno de um objetivo comum. Basta que se mantenha a disposição para o trabalho e não se perca nunca de vista o objetivo final — porque tudo o mais que cada um deseja e quer vai depender, primeiro, de se chegar à praia. Depois, cada um poderá tomar seu destino e defender seus ideais — até porque, numa democracia, não precisará mais ter medo de ser preso por isso. É tarde, já, mas ainda está em tempo: a chama continua acesa, apesar dos ventos.

CONFIDENCIAL

ASP/SNI

130ET83 014633

AGE



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA DE SÃO PAULO

INFORME N.º 2097 / 19 /ASP/ 83

DATA: 12 Set 83
ASSUNTO: ATIVIDADES DA COMISSÃO DE JUSTIÇA E
PAZ DE SÃO PAULO (CJP/SP) ✓
REFERÊNCIA:
ORIGEM: ASP/SNI
AVALIAÇÃO: A.1
DIFUSÃO ANTERIOR:
DIFUSÃO: AC/SNI - II EXÉRCITO ✓
ANEXOS:

A COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ DE SÃO PAULO (CJPSP) tem sua sede na Avenida Higienópolis, 890, nesta Capital, onde também se localiza a Cúria Metropolitana Paulista.

Seu plano de ação para 83 define como principais prioridades: Lei de Segurança Nacional (LSN), Desemprego, Solo Urbano e Violências.

Dentro desses propósitos e com o objetivo declarado de estar presente e se solidarizar com as justas reivindicações da população, seja integrando os movimentos populares, seja publicando denúncias na imprensa, a CJPSP desenvolveu, no primeiro semestre do ano em curso, uma série de atividades, entre as quais podem ser citadas:

- Desemprego

Passou a integrar o Comitê de Apoio aos Desempregados, juntamente com outros setores da Igreja.

Enviou denúncia ao Secretário do Trabalho, acusando a existência de "listas negras" nas empresas, nas quais relacionam empregados envolvidos no movimento sindical.

CONFIDENCIAL

-cont.-

CONFIDENCIAL

CONTINUAÇÃO do INFORME N.º 2097 / 19 / ASP / 83 (Fl. 02/05)

- Solidariedade aos Países do Cone Sul

Endereçou nota de protesto ao Ministro do Interior do PARAGUAI, expressando solidariedade aos cientistas sociais presos naquele país.

Através de um de seus membros, BELISÁRIO DOS SANTOS JÚNIOR, apoiou o colóquio internacional de juristas, que teve como tema "Os Fundamentos Jurídicos Para uma Verdadeira Abertura Democrática no Uruguai".

- Questão Carcerária e Manicômio Judiciário

MARGARIDA BULHÕES PEDREIRA GENEVOIS, após os acontecimentos infelizes no Manicômio Judiciário, em Jan 83, - passou a tomar parte em uma comissão para apurar as condições de vida naquele local e outros presídios.

- Campanha Pela Revogação da LSN

Em Out 82, promoveu um ato público contra a aludida lei.

Neste ano, em uma reunião promovida para aquilatar a campanha contestatória em curso, surgiu a proposta do lançamento do Tribunal Tiradentes, destinado a reacender a idéia inicial.

Através do apoio da Secretaria da Cultura do Município de São Paulo, que cedeu o Teatro Municipal para a realização desse empreendimento, o tribunal reuniu-se e promulgou a condenação da LSN.

Ainda com relação à LSN, a CJPSP, após contatos com CAIO GRACO, da Editora Brasiliense, decidiu publicar um livro destinado a "prestar esclarecimentos à população".

Também está produzindo um filme sobre o assunto, produzido por RENATO TAPAJÓS e patrocinado pela Secretaria de Cultura do Município de São Paulo.

- Viagens Internacionais de Seus Representantes

MÁRIO SIMAS esteve em MADRID, ESPANHA, onde participou, como convidado do Tribunal dos Povos, que este a

CONFIDENCIAL

-cont.-

A Comissão de Justiça e Paz de São Paulo (CJP/SP) colaborou com a construção das mobilizações das Diretas. Entre as pautas defendidas estão o combate ao desemprego e a solidariedade aos países do Cone Sul, pautas compartilhadas por outros membros organizadores. | Crédito: Arquivo Nacional.

***Acompanhando
a Caravana
das Diretas:
A alegria***

DIRETAS
JÁ!



Fevereiro, 14 — Teresina

Comício reúne 25 mil na capital do Piauí

“Eu não posso ir porque já estou com a agenda tomada. Mas estamos na mesma luta.” Esta foi a resposta dada pelo vice-presidente Aureliano Chaves ao ser convidado para participar do comício pelas eleições diretas, ontem à noite, em Teresina, que reuniu mais de 25 mil pessoas na praça Marquês de Paranaguá.

O convite foi feito oficialmente em nome do Comitê Estadual Pró-Eleições Diretas do Piauí, pelo presidente da OAB local, Reginaldo Furtado, assim que Aureliano Chaves desembarcou ontem de manhã no Aeroporto Santos Dumont.

A Caravana das Eleições Diretas chegou ao Piauí com muita festa e, por coincidência, cruzou com a comitiva do vice-presidente Aureliano Chaves, que está iniciando em Teresina a coleta de adesões para sua candidatura na convenção do PDS.

Apesar de não ter aceitado o convite, a resposta dada por Aureliano deixou satisfeito o presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, último orador do comício de ontem à noite. Ulysses entendeu os problemas de agenda do vice-presidente, mas admitiu que “seria uma honra e um fato político histórico se Aureliano Chaves subisse no palanque para defender as eleições diretas”.

O palanque foi montado num velho caminhão Mercedes Benz, na praça Marquês de Paranaguá, na Zona Norte da cidade, distante do centro, em frente à Vila Militar. O deputado federal Wall Ferraz (PMDB-PI, pró-diretas), que era prefeito de Teresina quando a praça foi construída, disse que jamais um comício reuniu tanta gente na cidade. Ferraz calculava que havia mais de 30 mil pessoas na praça (os organizadores calculavam o público entre 25 e 30 mil), o que representa quase 10 por cento da população de Teresina. Proporcionalmente, isso significa algo em torno de um milhão de pessoas em São Paulo.

As grandes atrações deste comício sem artistas, do qual participaram cerca de 60 entidades da sociedade civil, eram os presidentes nacionais

do PT, Luiz Inácio Lula da Silva; do PMDB, Ulysses Guimarães; e do PDT, Doutel de Andrade, além do líder do PMDB na Câmara, Freitas Nobre, e do senador Alberto Silva (PMDB-PI, pró-diretas).

Mas fez muito sucesso também o vereador Deusdete Nunes, do PMDB de Teresina, mais conhecido por “Garrincha”, que resumiu o que todos os oradores antes falaram, neste cordel que fez o público vibrar:

q u e r e m o s u m p r e s i d e n t e
que seja do nosso meio
de general a general
estamos de saco cheio.
Viva a eleição direta
vade retro “Revolução”
adeus 20 anos de força
vinte anos de inflação
vinte anos mais secos
do que a sede do sertão”

Ao final, “Garrincha” deu sua palavra de ordem: “Fé na gente e pau nas indiretas!”

Os organizadores do comício suprapartidário — em que se liam faixas do tipo “Ser cristão é crer e nós cremos nas diretas” e “Vigilantes, camelôs, armadores exigem: Diretas já, fora Figueiredo e o regime militar” — estavam mais satisfeitos com um fato: havia muito mais gente na praça do que no show de Elba Ramalho promovido a cinco quadras dali, no mesmo horário, para não mais que 7 mil pessoas no Ginásio Verdão, desmentindo as afirmações do ministro da Justiça, Abi Ackel, de que o povo só vai a comício para ver artistas.

Também por coincidência, Elba Ramalho fará seu show hoje também à noite em São Luís, no Maranhão, para onde está programado um novo comício das diretas com Ulysses, Lula e Doutel de Andrade e toda a caravana que está percorrendo o Norte e o Nordeste do país.

O vice-presidente Aureliano Chaves fará hoje de manhã uma palestra no Centro de Convenções de Teresina, a convite do Conselho Regional de

Economia, tendo por tema “A Situação Nacional”. Quem sabe, nos caminhos cruzados desta campanha, as duas caravanas não acabam se encontrando um dia sobre o mesmo palanque, defendendo suas ideias na praça pública.



Da esquerda para a direita: 1º - General Sílvio Frota; 2º - Aureliano Chaves, vice-presidente do Brasil. Durante as diretas, Aureliano foi uma figura dúbia que não possuía uma posição bem definida sobre as manifestações. | Crédito: Acervo fotográfico da Coleção Memória da ALMG.

Manifestação pró-diretas reúne 25 mil no Maranhão

A boataria de Brasília não chegou a São Luís do Maranhão. Pelo menos os líderes da campanha pelas diretas, os presidentes nacionais do PDT, do PMDB e do PT, não tomaram conhecimento das mil versões que corriam por aqui sobre as reuniões palacianas em Brasília. Ao contrário: a temperatura dos discursos subiu, cada vez mais violentos na condenação do Colégio Eleitoral, do governo e do regime.

Debaixo de chuva, em ritmo de Carnaval, cerca de 15 mil pessoas ocuparam a praça do Panteon, em frente à Biblioteca Municipal, no centro da velha São Luís. O povo não arredou pé enquanto não ouviu até o fim os 34 oradores. Ulysses Guimarães, chamado de comandante da Campanha das Diretas, mantinha seu otimismo, sem demonstrar qualquer preocupação com o que acontecia em Brasília. “Essa é a nossa campanha e ela será vitoriosa”, garantiu o presidente do PMDB.

Na comitiva das diretas, todos pareciam concordar num ponto: a convocação feita pelo governo aos presidencialistas para estarem hoje com Figueiredo em Brasília tem como principal objetivo enquadrar o vice-presidente Aureliano Chaves, que tem feito reiteradas declarações a favor das diretas.

Mas Nizete Campos Alves, 64 anos, tecelã aposentada por invalidez, não sabia nada disso quando foi para o comício pelas diretas na praça do Panteon. “Por que eu vim aqui? Eu vim porque eu gosto de comícios da oposição. Sempre fui em todos eles. Se Deus quiser isso vai melhorar a vida da gente, eu rezo intuito toda noite. Lá onde eu moro, no bairro de João Paulo, o esgoto corre na rua, não dá pra aguentar o cheiro. Faz muito tempo que não entra uma libra de carne lá em casa. Eu tenho que vir aqui pra ver se melhora a vida.”

Encharcada de chuva, feliz, dona Nizete conta que recebe uma aposentadoria de Cr\$ 15 mil por mês, a mesma do seu marido, também tecelão aposentado. Se para ela esse era apenas um comício a mais, para Cláudia Ambrósia Araújo, 19 anos, estudante, era o primeiro que via na vida. “É bom a gente ver as pessoas falarem da vida da gente porque esse governo

não vê nada”, justificou. Mais nova das moças de uma família de 14 filhos, pai comerciante, Cláudia fez a festa com o papel picado que caía do alto da Biblioteca Municipal.

Em São Luís, a Caravana das Diretas ganhou novas adesões: o escritor Márcio Moreira Alves, a economista Maria Conceição Tavares, a atriz Dina Sfat e o deputado cassado Renato Archer, maranhense, membro da Executiva Nacional do PMDB.

Foi Renato Archer quem esquentou o comício ao afirmar que o Maranhão tinha a maior taxa brasileira de mortalidade infantil, de analfabetismo e a menor renda *per capita*, culpando por isso os governos que se sucederam no estado nomeados pelo Poder Central. O locutor oficial, deputado federal Cid Carvalho (PMDB Maranhão), completou: “José Sarney é o maior câncer que o Brasil já conheceu”.

O toque mais ameno foi dado por Dina Sfat, que lembrou: “Os artistas sempre estiveram presentes nas lutas pela liberdade. Estamos aqui para exigir o que temos direito: eleições diretas para presidente já”.

Aos berros, Maria da Conceição Tavares também exigiu eleições diretas já: “Fora com essa cambada”. Doutel de Andrade, presidente nacional do PDT, que disse trazer uma mensagem do governador Leonel de Moura Brizola, começou mandando bala: “Esta ditadura que há 20 anos prostitui o país está quebrando os dentes”. Chamou as eleições indiretas de farsa, chantagem, embuste, fraude. “Não podemos entregar o Brasil a esse charlatão que já malufou São Paulo e agora quer malufar o Brasil”.

O presidente do PDT, em seguida, partiu para cima de Andreazza: “Esse papai noel da corrupção, que distribui dinheiros públicos no fundo dos palácios. Essa política de degenerados, tarados, ratazanas, tem que acabar”.

Luiz Inácio Lula da Silva falou a seguir, mostrando a diferença entre os que defendem eleições diretas e os presidencialistas do Colégio Eleitoral. “O Maluf e o Andreazza já vieram aqui no Maranhão e todas as vezes, ao invés de virem aqui como nós falar com o povo na praça, ficaram em hotéis de cinco estrelas, tentando corromper os delegados do Colégio Eleitoral. Nós não queremos as eleições diretas só para tirar um homem e colocar outro, mas para garantir o direito à vida, à liberdade, ao trabalho e à terra”.

Cada vez subindo mais o tom de voz, Lula disse que “o Figueiredo não está preocupado com o Maluf, o Andreazza e o Aureliano. Ele está é preo-

cupado com a multidão que está aqui na praça. Nós não podemos continuar pedindo eleições diretas. Nós precisamos ter a coragem para tomar o poder deles”. Ulysses Guimarães seguiu na mesma linha, sem recuar um milímetro nos pronunciamentos anteriores, sempre demonstrando sua confiança de que, a 15 de novembro deste ano, todos poderão usar seus títulos eleitorais e votar para presidente.

A mais de 2 mil quilômetros de Brasília, a Caravana das Diretas continua em festa — uma festa que nem a chuva consegue estragar. E é até bem-vinda neste sofrido solo nordestino. “Um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil”, cantava a multidão na praça, na cadência do samba, noite adentro.



Doutel de Andrade (ao fundo) foi uma das principais vozes das Diretas em 1984, junto com Ulysses Guimarães e Luiz Inácio Lula da Silva, que se autodenominavam “os três mosqueteiros.” Sem estrelismos ou disputas movidas pela vaidade, Ulysses, Lula e Doutel mantinham a fé e apoiavam-se mutuamente nos momentos mais difíceis. Em suas falas, Doutel sempre fazia questão de ressaltar que falava em nome de Leonel Brizola (à frente). | Crédito: Divulgação/PDT.



Mario Andreazza foi ministro dos Transportes nos governos Costa e Silva e Médici e ministro do Interior no governo Figueiredo. Indicado por Figueiredo como seu sucessor à Presidência, disputou a candidatura do PDS contra Paulo Maluf, que o venceu na convenção de 11 de agosto de 1984, por 493 votos a 350. Esse resultado contribuiu para a cisão do PDS e a criação da Frente Liberal (posteriormente PFL), que apoiou Tancredo Neves, eleito presidente pelo colégio eleitoral em 1985. | Crédito: Arquivo Nacional.

A louca noite no Hotel Luxor e os destinos nacionais

O vice-presidente Aureliano Chaves considerou a proposta de um mandato-tampão e o restabelecimento das eleições diretas em 1988 “uma posição muito sensata, um bom início de negociação”.

Mas os presidentes nacionais do PMDB, Ulysses Guimarães, e do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, rebateram de pronto a proposta, não aceitando qualquer tentativa de adiamento das eleições diretas para a Presidência da República, que para eles devem ser promovidas ainda este ano.

Aureliano, Ulysses e Lula manifestaram-se sobre essa nova reviravolta no processo da sucessão presidencial, ontem de manhã, em Teresina, a pequena capital do Piauí, repentinamente transformada na noite de segunda-feira e madrugada de ontem num importante palco da política nacional.

Logo após o encerramento do comício pelas diretas promovido pelas oposições — o maior a que o Piauí já assistiu — e o banquete oferecido a Aureliano Chaves pelo governador Hugo Napoleão, começaram a correr informações misturadas com boatos dando conta de que algo de grave estava acontecendo em Brasília.

O saguão do Hotel Luxor virou um inferno. Neste hotel, além das comitivas de Aureliano Chaves, Ulysses Guimarães e Doutel de Andrade, presidente nacional do PDT, estavam hospedados também a *troupe* de Elba Ramalho e os atores da Globo. Tarcísio Meira e Gloria Menezes, que haviam se apresentado à noite em Teresina. O batalhão de curiosos, caçadores de autógrafos e tietes em geral não estava entendendo a agitação dos políticos àquela hora da noite.

A um canto, um assessor de Aureliano Chaves tentava desesperadamente completar uma ligação para o dr. Leitão de Abreu em Brasília. Além do fato de ninguém conhecer os poderes do dr. Leitão, os circuitos telefônicos do hotel entraram em pane com tantos pedidos de ligações interurbanas. Também Ulysses Guimarães foi mal-sucedido na sua tentativa de falar com Tancredo Neves para se informar melhor sobre o que estava acontecendo em Brasília. O deputado federal Freitas Nobre, líder do PMDB na Câmara,

e estrategista-mor de mais esta excursão da Caravana das Diretas pelo Norte e Nordeste, recebeu uma informação logo após a meia-noite, não confirmada, de que Aureliano Chaves havia sido chamado de volta a Brasília porque o presidente Figueiredo fora internado no Hospital de Base com problemas no coração.

Manoel Inácio Mendonça, assessor de Aureliano, acordado de madrugada, confirmou que o vice-presidente havia sido chamado às pressas de volta a Brasília, mas não soube explicar os motivos. Ontem de manhã, o próprio vice-presidente também não soube dar maiores detalhes sobre o cancelamento da sua programação em Teresina e Fortaleza, onde inicia a sua peregrinação em busca dos votos dos convencionais do PDS.

“Presumo que o chamado seja para discutir o assunto do momento”, tateou Aureliano. Que assunto? “As eleições diretas, é claro”, respondeu sem pestanejar. O vice informou ainda que iria dar apenas uma passada rápida por Fortaleza, para almoçar com os convencionais do PDS e rumar em seguida para Brasília. O trajeto Brasília-Teresina-Fortaleza foi feito em avião comercial, mas soube-se que a volta de Fortaleza para Brasília, à tarde, seria cumprida num avião da FAB. Afinal, sua campanha presidencial estava sendo interrompida.

Pouco depois da partida de Aureliano, Ulysses Guimarães surgiu no saguão para tomar o café da manhã, já informado sobre o que se passava em Brasília e com as respostas na ponta da língua. A primeira preocupação de Ulysses era saber se o presidente desse mandato-tampão seria escolhido ainda pelo Colégio Eleitoral e se o presidente Figueiredo se desincompatibilizaria para tentar um novo mandato.

“Eu já tinha informações de que o presidente faria um pronunciamento muito importante sobre as eleições diretas”, disse Ulysses, que também tomou rapidamente suas providências diante da nova situação criada com a volta de Figueiredo ao palco em que se define a sucessão presidencial. Por telefone, convocou em caráter de urgência a Executiva Nacional do PMDB para uma reunião na sexta-feira, às 10 horas da manhã, em Brasília. Por isso, cancelou o comício previsto para esse dia em Roraima. O restante da programação foi mantido: depois do comício de ontem à noite em São Luís, a caravana segue para Macapá, no Amapá; na quinta-feira, estará em

Belém; de madrugada, os políticos do PMDB viajam para Brasília e voltam no sábado para Manaus, encerrando a excursão no dia seguinte em Cuiabá.

Entusiasmado com o comício de segunda-feira à noite em Teresina, Ulysses comparou-o, “guardando-se as proporções”, ao da praça da Sé e insistiu que esse é o caminho para se chegar às eleições diretas, “o ponto de partida para resolver os problemas do desemprego, da dívida externa e dos salários”.

Já tomando seu café da manhã, o presidente do PMDB afirmou que, “se o presidente desse mandato-tampão for eleito pelo Colégio Eleitoral, isso será mais um desserviço ao país. Qualquer governo só será estável se for eleito pelo povo. Não pode haver transição para a fome e o desespero. Isso só vai agravar a situação. Querem resolver os problemas do país com bochichos e fora do país, de uma maneira antidemocrática, para não dizer fascista. Chega de coisas transitórias que viram definitivas”.

A poucas quadras do hotel, reunido desde cedo com o diretório do PT de Teresina, Luiz Inácio Lula da Silva fez um breve intervalo para dizer que também não aceita essa nova proposta que seria apresentada pelo governo com emenda constitucional, logo na reabertura do Congresso Nacional, em março.

“O Brasil vive com mandato-tampão há 20 anos e o povo continua no sufoco. Isso não resolve nenhum problema do povo, só do regime. Nós não aceitamos nenhum candidato indicado pelo Colégio Eleitoral”.

Lula também vai interromper sua participação na Caravana das Diretas, seguindo hoje de volta a São Paulo, para participar do julgamento do coordenador da CUT, Jair Meneghelli. Mas pensa em voltar para os comícios finais. Da mesma forma como o PMDB, também o PT já tem uma reunião da sua Executiva Nacional marcada para sexta-feira, em São Paulo.

Indagado por jornalistas piauienses se seria candidato à Presidência da República, Lula respondeu: “Eu me sinto em melhores condições do que qualquer um desses presidenciáveis aí. Mas esse assunto ainda não está na ordem do dia. Primeiro precisamos conseguir as eleições diretas. Depois, o partido vai decidir se lança candidato. Mas, desde já, nós somos favoráveis à eleição direta em dois turnos”.

EXCLUSIVO



LULA

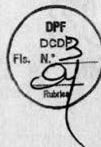
**“A oposição
precisa fechar
questão contra
o Colégio
Eleitoral”**

**“Eu acho que a
campanha pelas
eleições diretas
vai terminar
fazendo o povo
descobrir a
necessidade da
greve geral”.**

pág. 6/7

Trecho de fala de Lula retirado de um jornal pelo Serviço Nacional de Informações (SNI). O trecho em questão compõe o dossiê denominado “Atividades do PT, da CUT e dos grupos trotskistas pela greve geral” de março de 1984.

| Crédito: Arquivo Nacional.

PREVO DAS DIRETAS

- Moraes Moreira/Paulo Leminski

Se a meta é a democracia
 Se a democracia é a meta
 Eleição é direta
 Eleição é direta
 É o eleitorado novo
 O povo que conta
 O que sente
 Eu quero votar
 Eu quero votar
 Pra presidente
 No próximo pleito
 Eu quero o direito
 De participar
 De ser um cidadão
 Livre e feliz
 Que tem opinião
 Desde menino
 Sobre o destino
 Do seu país.



ARIOLA
DISCOS FONOGRAFICOS E
FITAS MAGNETICAS LTDA.
 Rua General Rabelo 43, Gávea
 Rio de Janeiro, Brasil
 Tel. 274-2545

Fevereiro, 16 — Macapá

O comício pelas diretas reúne 10 mil na capital do Amapá

Cerca de 10 mil pessoas — mais de 10 por cento da população de Macapá — participaram ontem à noite, na praça Azevedo Costa, a principal da cidade, de comício pelas eleições diretas para a Presidência da República, em que os principais oradores foram Ulysses Guimarães e Doutel de Andrade, presidentes nacionais do PMDB e do PDT, respectivamente. O ato, realizado num clima de festa que tomou conta da capital do Amapá desde as primeiras horas da tarde, foi a maior concentração política da história do território. Sem a presença de artistas convidados, o comício foi organizado pelos diretórios locais do PMDB e do PT e por mais 32 entidades.



Ulysses Guimarães durante encontro com o Diretório Municipal do MDB de Macapá, antes do comício na Praça Azevedo Costa. Da esquerda para a direita: João de Deus, Wilson Carvalho, João Bosco, Adonias Trajano, Guairacá Nunes, Ulysses Guimarães, Elionai Garcia e César Bernardo. Macapá, 15 de fevereiro de 1984. | Crédito: DM-PMDB-Macapá/Foto Divulgação.

Chegada triunfal

Com banda de música, carnaval, faixas, rojões e um cortejo de carros e caminhões, a Caravana das Diretas, agora só com Ulysses Guimarães e Doutel de Andrade, chegou ontem à tarde ao Amapá, o mais longínquo território brasileiro.

Macapá, a pequena e pobre capital do território, com seus 90 mil habitantes e casas de madeira, banhada pelo braço direito do rio Amazonas, nunca viu festa igual.

Desde as 3 horas da tarde, o aeroporto internacional de Macapá já estava tomado por jovens que cantavam refrãos tendo como tema as eleições diretas. Nas ruas onde o cortejo passava, ao longo de quatro quilômetros, até a sede do diretório regional do PMDB, instalado numa pequena sala, as pessoas acenavam, gritavam, batiam palmas.

À frente do cortejo, seguia um caminhão com aparelhagem de som e só tocava uma música o tempo todo: “Caminhando”, de Geraldo Vandré, cantada por Simone. E o povo seguia atrás, cantando junto: “Vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. Nos intervalos para voltar a fita, o locutor convoca a população para o comício: “Vinte anos de ditadura é o suficiente. Ninguém aguenta mais”.

Era algo inimaginável no território do Amapá, uma espécie de possessão da Marinha, que há anos nomeia o interventor-governador, atualmente o comandante Aníbal Barcelos. A maior manifestação política anterior, no encerramento da campanha o PMDB, em 1982, não conseguiria reunir mais de 800 pessoas.

A razão é muito simples: o grande e praticamente único empregador no território é o governo federal, através de seus órgãos e agências. A economia está baseada na atividade extrativa, controlada pelo Icomi, do Grupo Azevedo Antunes, ligada à multinacional Bethlehem-Steel. A preços bastante módicos, a Icomi-Bethlehem-Steel ganhou enormes áreas na década de 1970 para exploração de minério, manganês e madeira, transformando a Serra do Navio num buraco em troca de poucos empregos.

A agricultura praticamente inexistente. O comércio é incipiente. O povo tinha medo. O receio não era só de ter qualquer tipo de participação política, mas até de ir aos comícios da oposição. Alguém poderia ver. Por isso,

Doutel de Andrade e Ulysses Guimarães estavam sinceramente comovidos com o que viam nas ruas de Macapá.

“Nós dois somos como dois quixotes plantando bandeiras da democracia. Só que não estamos arremetendo contra moinhos de vento”, comentou Doutel com Ulysses, que já havia passado por aqui em outras épocas, sem música e sem povo nas ruas, a luz se apagando misteriosamente na hora dos comícios.

Ontem os professores haviam sido convocados para uma reunião que durou o dia todo; os jornalistas foram convidados para um almoço no quartel. Não apareceram na entrevista coletiva de Doutel e Ulysses; faixas foram arrancadas durante a madrugada no local onde foi instalado o palanque na praça Azevedo Costa — tudo foi feito para que, mais uma vez, o povo de Macapá não saísse às ruas para dizer o que pensa e ouvir o que quer.

Mas não adiantou. À noite, a praça, mais do que palco de um comício, abrigava uma grande festa popular pelas diretas. O trabalho desenvolvido durante um mês pelos dois partidos de oposição no território — PMDB e PT — com a ajuda de 32 entidades de classe para que o povo perdesse o medo estava sendo recompensado. Macapá entrava no mapa político do Brasil.

Só estava faltando ali o homem que começou tudo: Benedito Costa Uchôa. Foi ele quem fundou o antigo MDB em 1968, quando ser oposição no Amapá era correr risco de vida. Aos 79 anos, imobilizado na cama desde que sofreu uma queda de bicicleta há alguns meses, o velho Uchôa não resistiu ao lembrar algumas passagens de sua vida durante a visita que lhe fizeram Ulysses Guimarães e Doutel de Andrade, pouco antes do comício.

Ao citar o nome de Teotônio Vilela, Uchôa engasgou, chorou como alguém que lembra a morte de um parente muito querido, pediu desculpas. Mas, nos fundos de uma humilde casa de madeira, ele pôde ouvir rojões que estouravam na praça, anunciando que um novo tempo está chegando, até no Amapá, sem medo.

VIVA O BRASIL
VIVA A DEMOCRACIA
TODOS PELA ELEIÇÃO
DIRETA PARA
PRESIDENTE

Você que é amapaense e tem o Brasil no coração, vá ao Comício do dia 15 de fevereiro, às 20 horas, na Praça Azevedo Costa, Bairro do Laguninho, ouvir os grandes líderes da oposição brasileira, como os deputados Ulysses Guimarães e Freitas Nobre, o Senador Fernando Henrique Cardoso, o Governador Paraense Jader Barbalho, deputado Lucival Barbalho, famosos artistas e intelectuais brasileiros, todos lutando pelo direito a eleição direta para Presidente da República.

NOTA — Convidamos também para
a chegada dos ilustres visitantes no Aeroporto Internacional de Macapá, às 15:30 horas do mesmo dia 15 de fevereiro de 1984.

L U L A
TAMBÉM
V I R Á

A 2

POR ELEIÇÕES LIVRES E DIRETAS

1964/1984. Vinte anos de ditadura Militar. De lá prá cá, não deu outra coisa: os ricos, cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres.

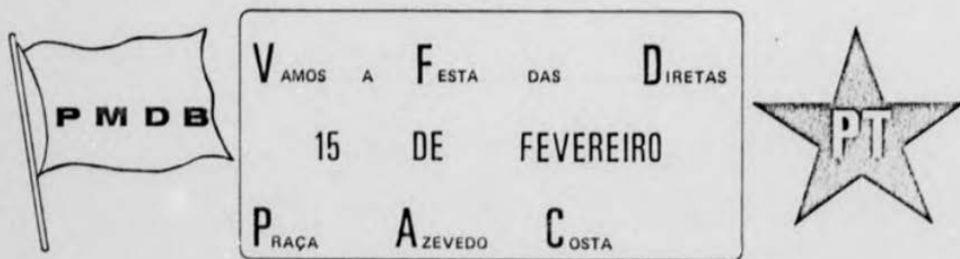
Os ricos em época de milagre ou de crise continuam numa boa, explorando, oprimindo os trabalhadores e o povo. Tomam para si todos os lucros e querem, a todo custo dividir, ou melhor, repassar para o trabalhador o sacrifício para tirar o país da crise.

Foram eles que atolaram o país no lamaçal do FMI; são eles os responsáveis pelo arrocho salarial, pela inflação oficial, que já vai para mais de 200% (duzentos por cento) e pelo escândalo de mordomias e corrupção; enfim, são eles os responsáveis pela violenta situação de miséria dos trabalhadores e do povo, em geral.

Há uma crise, sim, grave e profunda. Mas os ricos, que a criaram, que paguem por ela. Os trabalhadores já deram o que tinham que dá. Aliás, somente a classe menos privilegiada (o povo) tem dado tudo de si nesses 20 anos de irregularidade.

Mas cresce, em todo país, dia após dia, a consciência e a organização política dos explorados.

Os trabalhadores percebem que somente a sua união e organização é que podem somar forças, no sentido de combater e destruir a política burguesa, praticada por Figueredos, Delfins e Cia.



Cartazes de divulgação do comício de Macapá pela Campanha das Diretas. As imagens compõem o Dossiê “Campanha em favor das eleições diretas para Presidente da República no Pará e Território Federal do Amapá” do SNI. | Crédito: Arquivo Nacional.

Fevereiro, 17 — Belém

No Pará, as duas campanhas se cruzam novamente

As campanhas das diretas e das indiretas cruzaram-se mais uma vez. Ontem de manhã, foi em Belém — e foi muito engraçado, todo o poder estadual do Pará, o governador Jader Barbalho à frente, estava na sala vip do aeroporto de Val-de-Cans, à espera do presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, que vinha de Macapá, para participar do comício pelas diretas em Belém, à noite.

Alguém deu o aviso de que o avião de Ulysses estava chegando, pouco antes das 11 da manhã, e foi aquela correria das autoridades em direção à pista. Não era o avião de Ulysses, um Navajo, da Marajó Taxi Aéreo. Era o jatinho executivo do presidenciável indiretista, Paulo Maluf. Alguns perceberam o engano e voltaram a tempo, mas muitos não escaparam: imaginando que o movimento todo era para recepcioná-lo, Maluf foi em frente e cumprimentou os retardatários. Da mesma forma, o batalhão de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas, que aguardava a chegada de Ulysses, deu meia volta ao perceber que se tratava de Maluf. Mesmo assim, ele deu entrevistas, ouvindo ao fundo a gritaria da juventude do PMDB de Belém, que repetia o refrão: “Um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil”.

O avião de Ulysses Guimarães chegou cinco minutos depois e estacionou ao lado do “Brasil Esperança”, o nome do jatinho de Maluf. O presidenciável do PDS já estava numa cabine telefônica. E lá veio todo mundo de novo. Ulysses só ficaria sabendo mais tarde desta nova coincidência — em Teresina, no Piauí, sua caravana já havia cruzado com a do presidenciável Aureliano Chaves — e não entendeu a algazarra dos jornalistas, todos eles com crachás das diretas no peito, comentando o episódio.

As rotas dos diretistas e dos indiretistas eram inversas: enquanto o presidente do PMDB chegava do comício de Macapá, para o de Belém, a caravana pousava em Belém, por causa do mau tempo, a caminho de novos contatos com convencionais do PDS, em Macapá. Em matéria de festa e barulho, os diretistas ganharam de muito em Belém. Maluf limitou-se a

confabular com alguns correligionários. Ulysses Guimarães, já meio rouco, movido a “pastilhas Valda”, enfrentou uma feérica recepção, que mais fazia lembrar véspera de Carnaval. “Um, dois, três, quatro, cinco, mil, diretas já, pro Brasil se libertar”. “Com Ulysses presidente, juventude vai pra frente”. “Mas o povo tá a fim da cabeça do Delfim”, “Fora daqui o FMI” eram algumas das novas versões dos paraenses para as campanhas das diretas.

Uma silenciosa competição, entre diretistas e indiretistas, podia ser acompanhada também nas ruas de Belém. O deputado malufista Jorge Arbage, vice-líder do PDS, comprou espaços de outdoor, para saudar seu candidato em imensos cartazes. O PMDB comprou outros para anunciar o comício com o slogan: “Direto às diretas”. Além disto, os diretistas picharam palavrões nos cartazes de Maluf — como se fossem dois brasis se cruzando, um sem nada a ver com outro, em meio a uma campanha eleitoral ainda sem eleições, que ninguém sabe prever como vai acabar.

Isso ficava bem claro nas entrevistas dos líderes dos diretistas e dos indiretistas, Maluf simplesmente não toma conhecimento da campanha pelas diretas. Ulysses repete que as diretas virão, sem dar a menor bola às articulações palacianas em contrário desenvolvidas em Brasília. Quem só acompanha a peleja pela televisão fica sem entender nada.



B 2

Eu quero votar pra Presidente



GRANDE COMÍCIO DAS DIRETAS

Só a imediata intervenção das forças democráticas e populares no processo sucessório garantirá as eleições diretas para presidente. Um presidente eleito pelas massas terá respaldo popular para enfrentar a gravíssima crise do País, revogar as leis de excessão, efetuar as reformas que o povo exige e garantir amplas liberdades democráticas. Um governo eleito pelo povo será uma vitória contra a dívida externa, o alto custo de vida, o desemprego, a corrupção e a violência. Romper com os acordos do FMI e dar um novo direcionamento à economia nacional é uma exigência do povo.

B1

PMDB, PT, PDT, INTERSINDICAL, CONCLAT, CUT, CBB, OAB, ANDES, UMES, UNE e UBES

DATA: 16.02.84 (QUINTA-FEIRA) - HORÁRIO: 18:00 Horas

LOCAL: FRENTE A ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA



O PETRÓLEO É NOSSO?!

O ouro, o petróleo e outras riquezas deixam o nosso Estado sem que tenhamos em troca uma compensação financeira. Os falsos líderes, que sen. pre viram na ponderação a esperança de sucessivas reeleições, agora, e somente agora, quando o povo — depois de usar o diálogo até a exaustão — resolveu cerrar fileiras em defesa de seus direitos, conscientizaram-se da necessidade de uma luta mais ousada.

O petróleo que jorra na Plataforma Continental, às proximidades de Salinópolis, está sendo explorado sem nenhum benefício para o município e para o Estado do Pará. Precisamos lutar na reivindicação de um direito legítimo, mas para que a nossa luta não morra no nascedouro é preciso determinação. Longe de nós o poder de barganha. Em última análise admitimos um pacto em torno daquilo que passaria a ser o expediente conjuntural para se enfrentar o processo espoliatório das nossas riquezas minerais.

B3

**— UNIDOS SEREMOS FORTES E RESPEITADOS!
DA PARTICIPAÇÃO DE CADA UM DEPENDE O SUCESSO DE
TODOS. VAMOS À LUTA.**

"Vem, vamos embora,
que esperar não é saber.
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer"

**Asdrúbal Bentes
Prefeito Municipal de Salinópolis.**

POR QUE ELEIÇÃO DIRETA?

- 1—Porque é a forma mais democrática de qualquer escolha;
- 2—Porque é a aspiração de 90 por cento dos eleitores brasileiros;
- 3—Porque a população já está cansada de aguentar tanta incompetência, desonestidade; escândalos e repressão;
- 4—Porque todos os presidentes escolhidos bionicamente não governam de acordo com o interesse do povo brasileiro;
- 5—Porque não aguentamos mais 210 por cento de inflação; um custo de vida escorchante que levou a proletarização da classe média e a miséria quase absoluta da grande maioria da população;
- 6—Porque queremos que todas as crianças tenham escolas saúde e um futuro de dignidade; que os jovens tenham emprego; e que os velhos possam viver com tranquilidade;
- 7—Porque precisamos de uma reforma agrária que assegure terra, assistência técnica, armazenagem e escoamento da produção dos agricultores;
- 8—Porque enfim, precisamos de liberdade!

B 4

Dep. Federal
COUTINHO JORGE
P. M. D. B.

Cartazes de divulgação do Comício de Belém. As imagens compõem o Dossiê "Campanha em favor das eleições diretas para Presidente da República no Pará e Território Federal do Amapá" do SNI. | Crédito: Arquivo Nacional.

Fevereiro, 17 — Belém

No comício de Belém, 60 mil reagem à reunião do Planalto

A resposta da Campanha das Diretas à reunião dos presidencialistas com o presidente Figueiredo, em Brasília: este foi o tema dominante dos discursos no comício de ontem à noite em Belém, que reuniu 60 mil pessoas, na maior manifestação política já vista na história do Pará.

Choveu a tarde toda, mas a avenida Primeiro de Dezembro, no bairro do Marco, foi literalmente tomada pela multidão, que dançava e cantava, como se o carnaval já tivesse começado.

Luiz Inácio Lula da Silva, o primeiro dos presidentes nacionais de partido a falar, denunciou o caráter antidemocrático da reunião de Brasília, em que o governo se definiu pelas indiretas: “Para soltar aquela nota, eles nem precisavam gastar dinheiro com reunião. Bastava um telefonema. Eles estão com medo é da participação da massa popular na campanha pelas diretas”.

Também Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, apontando para a multidão à sua frente, afirmou que “isto demonstra que qualquer entendimento terá que ser feito com a sociedade, que a cada momento mostra maior entusiasmo com a Campanha das Diretas. Nós somos só eco, não voz. O povo nas ruas está dando sua resposta”.

Doutel de Andrade, presidente do PDT, disse que “contra o desejo de 120 milhões de brasileiros o governo pretende impor a vontade de quatro cidadãos. É o povo, não somos nós quem está dando a sua resposta a Figueiredo, o regime autoritário morreu. Quem o matou foi o povo na praça pública”.

Os oradores locais, que abriram o comício, foram na mesma linha. Afinal, Belém foi o palco do primeiro grande comício depois da reunião de Brasília, que procurou jogar água na fervura da Campanha das Diretas.

Mas aconteceu exatamente o contrário: com discursos cada vez mais iguais e veementes, quase todos atacaram a corrupção e a incompetência do governo, responsabilizando-o pela devastação e entrega das riquezas da Amazônia a estrangeiros.

Cada vez que era citado o nome do presidencialista Maluf o comício pegava fogo. Na próxima reunião com o presidente Figueiredo, Maluf cer-

tamente terá mais um farto material fotográfico para denunciar a presença de comunistas nos comícios. Diante do palanque, havia uma profusão de faixas do PC, PCdoB, e até uma da LIT — Quarta Internacional (trotskistas) pedindo eleições diretas e a legalização dos partidos clandestinos. Seus militantes costumam ser os primeiros a chegar aos comícios e acabam ocupando os melhores lugares.

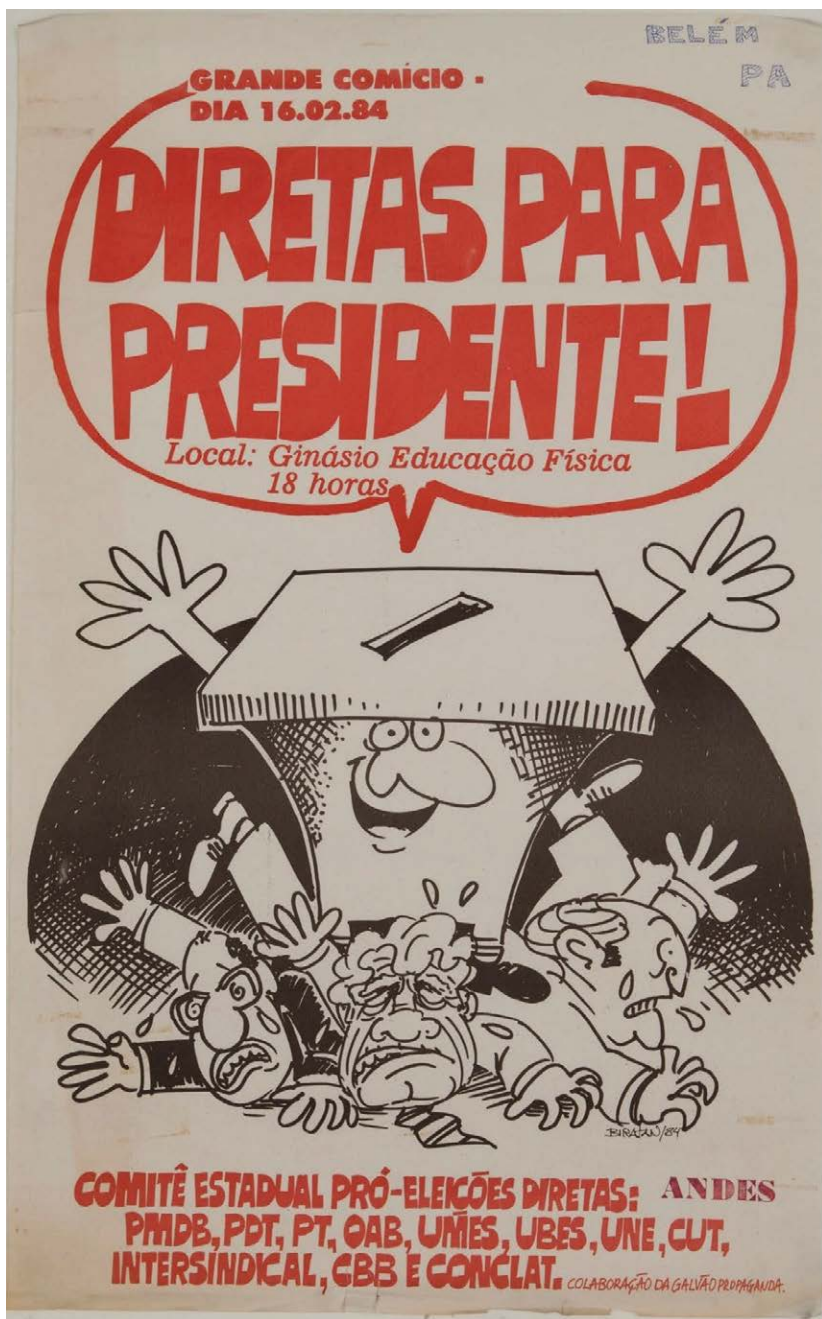
Mas havia também muitas outras faixas e bandeiras para o álbum do presidenciável Paulo Maluf: “diretas urgentes — movimento Teotônio Vi-lela”, “eleições diretas e liberdade”, além de diversas outras de cidades do interior do Pará anunciando sua presença e até um cartaz de propaganda: “outdoor é com a Visa”.

Apesar da chuva intermitente, todos cantavam juntos e dançavam cada vez que o serviço de som tocava a “marcha das Diretas”, do compositor paranaense Pinduca, entre um e outro discurso. “O povo está querendo / um Brasil em linhas retas / com eleições diretas/ diretas, diretas, diretas,/ queremos eleger o nosso presidente/ pra frente Brasil, pra frente”.

Lá pelas tantas, surgiu até um folheto do “petróleo é nosso?”. Assim mesmo, com ponto de interrogação, lançado pelo prefeito de Salinópolis, interior do Pará, Asdrúbal Bentes, em que ele denuncia: “o ouro, o petróleo e outras riquezas deixam o nosso Estado sem que tenhamos em troca uma compensação financeira”. Mulheres sobre os ombros, garrafas de cachaça na mão, a festa era completa na avenida, às 8 horas da noite, quando chegaram os presidentes nacionais dos partidos e o governador Jader Barbalho, juntamente com parlamentares a favor das diretas, do Rio Grande do Sul ao Amazonas.

Em nome dos jornalistas, a atriz Dina Sfat leu um manifesto do Sindicato da categoria, no Pará, denunciando: “Como profissionais de imprensa aproveitamos para repudiar o silêncio deliberado de certos meios de comunicação. Estes procuram ignorar fatos e a aspiração por eleições livres e diretas de mais de 90 por cento da população brasileira”. Não é preciso nem dizer que a nota foi censurada em todos os jornais do Pará.

Fafá de Belém e Lúcio Mauro, dois dos artistas mais famosos do Pará, também discursaram a favor das diretas no palanque que quase desabou de tanta gente. A próxima parada da Caravana das Diretas será em Manaus, para onde está programado um grande comício amanhã. A Campanha das Diretas, apesar de tudo, continua nas ruas cada vez mais animada.



Cartaz Diretas Já — Belém-PA. | Crédito: Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.

Fevereiro, 19 — Manaus

O primeiro fracasso, depois de 20 mil quilômetros

Em Manaus, na noite de sábado, a Caravana das Diretas completava 20 mil quilômetros rodados pelo Brasil, “para arrancar da ditadura as eleições diretas e a Assembleia Nacional Constituinte”, como afirmou Ulysses Guimarães, presidente nacional do PMDB, no seu discurso.

Mas, desta vez, não houve motivos para festejar. Com menos de 6 mil pessoas na praça do Congresso, Manaus assistiu ao primeiro fracasso da Caravana das Diretas no comício mais tumultuado, dividido e desorganizado da campanha.

A divisão das oposições no Amazonas, onde o governador Gilberto Mestrinho fecha com Tancredo Neves se as eleições forem diretas, mas prefere mesmo Aureliano ao governador de Minas se for mantido o Colégio Eleitoral, acabou explodindo na praça do Congresso, com uma refrega entre “Gilbertistas” e “Tribuneiros” (membros do jornal *Tribuna Operária*, do PCdoB).

No momento em que o senador Fábio Lucena (PMDB-AM, pró-diretas) citou o nome do governador Mestrinho em seu discurso, as escaramuças entre os dois grupos degeneraram num conflito generalizado que abriu um clarão no meio da praça.

O curioso é que, nas últimas eleições, o PCdoB apoiou na campanha a candidatura de Gilberto Mestrinho, antigo líder populista, uma espécie de general Alfredo Stroessner da Amazônia.

A confusão em Manaus começou logo cedo, quando o secretário-geral da Executiva Municipal do PMDB, Mirabeau Santos, comandou uma blitz que rasgou as faixas do PCdoB colocadas em volta do palanque desde a noite anterior, alegando que estava cumprindo ordens superiores.

Revólver 38 cano duplo à cintura, Mirabeau afirmou que “antes de mim já estiveram aqui alguns membros do Exército, que fotografaram as faixas dos comunistas”. Além do revólver, o secretário-geral do PMDB portava também uma máquina fotográfica para documentar as faixas dos partidos proscritos: “Essas fotos são muito importantes”.

Indignado com a cena, o ex-senador amazonense Artur Virgílio Filho, pai do deputado federal Artur Virgílio Neto (PMDB-AM, pró-diretas), protestou: “Não sou do PCdoB e nunca serei, mas deve-se respeitar o direito de ter ideias. Até uma faixa do partido nazista deveria ser respeitada, pois cada um tem o direito de pensar como quiser. Podem matar meu corpo, mas as minhas ideias continuarão vivas”.

O deputado federal Mário Frota (PMDB-AM, pró-diretas) também fez seu protesto junto à direção partidária: “Temos que levar em consideração que o movimento pelas eleições diretas não é de propriedade do PMDB, mas de toda a sociedade organizada, que deseja acabar de vez com essa bionicidade que tanto infelicita o nosso país. Na qualidade de vice-líder do PMDB na Câmara, peço desculpas ao povo pelo episódio vulgar e fascista”.

Nesse clima, havia praticamente o mesmo número de policiais e populares quando o comício começou, pouco depois das seis da tarde. As chuvas já haviam cessado, mas o clima de beligerância entre os partidários do governador e seus adversários, que prejudicou a própria organização do comício, parece ter afugentado a população.

O AMAZONAS

QUER VOTAR ,

COMITÊ PRO-ELEIÇÕES

DIRETAS JÁ!

DIRETAS DO ESTADO

DO AMAZONAS.



DIA 18 PRAÇA DO CONGRESSO

17:00 HS.

(TRAGA SUA PANELA VAZIA)

GRANDE COMÍCIO DIA 24/04

COMITÊ PRO-DIRETAS DO AMAZONAS

200,00

DIRETAS JÁ
O AMAZONAS QUER VOTAR

Contribua: ESTA LUTA É DE TODOS NÓS



Cartazes de divulgação do comício do Amazonas. O comício acabou se tornando a grande falha, e a única, de toda a Campanha das Diretas de 1984.
| Crédito: Arquivo Nacional.

Fevereiro, 20 — Rio Branco

No Acre, 7 mil cantam “Mamãe eu quero votar”

Tinha jogo de futebol da seleção brasileira direto pela televisão, decidindo a vaga para as Olimpíadas. Tinha grito de carnaval, com uma animada batucada, a apenas uma quadra da praça Eurico Gaspar Dutra, palco do comício pelas diretas, ontem à noite, em Rio Branco, no Acre.

Mesmo assim, mais de 7 mil pessoas estavam na praça às sete horas da noite, quando o comício apenas começava.

Era muita gente para essa agradável cidade de pouco mais de 100 mil habitantes. A festa na praça começou antes, lá pelas cinco da tarde, com a apresentação de vários artistas locais e um trio elétrico. Quem fez mais sucesso foi o palhaço Trimpolim, nome artístico de Jorge Carlos, também jornalista e gráfico, autor de uma paródia da música “Mamãe eu quero”, que dizia:

“Mamãe eu quero, votar para presidente, com gerais e indiretas é impossível um Brasil independente. Se o povo brasileiro não puder votar, para eleger o presidente do Brasil, uma coisa é certa, podem acreditar: neste país, nós vamos ter uma guerra civil”.

Trimpolim teve que bisar a música. Festa à parte, o comício de Rio Branco marcou o reencontro de todos os partidos de oposição e entidades da sociedade civil empenhadas na luta pelas diretas, depois do vexame de Manaus. O governador do Acre, Nabor Junior, do PMDB, deu todo apoio ao comício, mas a mobilização foi feita pelo Comitê Estadual Pró-Diretas, cujos membros estavam todos juntos no palanque, um aplaudindo a falação do outro, como se fossem do mesmo partido — o partido das diretas.

O povo ocupou toda a área entre o palanque e o Palácio Rio Branco, sede do governo do estado do Acre, e balões de gás, em profusão, davam um colorido novo a esse comício. Em volta da praça, vendia-se de tudo: bonecas de pano, tacacá (comida típica feita com tucupi), camisetas das diretas e posters de Charles Chaplin.

O comício foi aberto com a execução do Hino Nacional e não houve nenhum incidente na colocação de faixas. No palanque, só havia uma grande

faixa: “Presidente quem escolhe é a gente”. Em volta, podia-se ler: “Não ao Colégio do João”; “Presidente novo quem escolhe é o povo”; “Diretas, naturalmente”, e “Fé na gente e pau na crise”. Os apresentadores faziam questão de dizer que o comício foi organizado pelo povo e não pelo governo, que apenas ajudou na montagem do palanque e no serviço de som.



Em 1984, o Torneio Pré-Olímpico de Futebol foi realizado em Guaiaquil, Equador, classificando as seleções sul-americanas para os Jogos Olímpicos de Los Angeles. O Brasil conquistou o título, garantindo sua vaga, seguido pelo Chile. Nos Jogos Olímpicos, a Seleção Brasileira alcançou a final, mas foi derrotada pela França por 2 a 0, conquistando a medalha de prata, a primeira do país no futebol olímpico. Na foto, da esquerda para a direita, em pé: Pinga (2º), Gilmar (3º), Mauro Galvão (4º), Ademir (5º), Ronaldo (6º) e André Luís (7º). Agachados: Tonho (1º), Dunga (2º), Kita (3º), Gilmar Popoca (4º) e Silvinho (5º). | Crédito: foto divulgação/CBF.

v. ULISSES GUIMARÃES (Pres. Nacional do PMDB) - Trago comigo imagens bonitas e esperançosas colhidas na andança de quase vinte mil quilômetros nos rincões nacionais. Mas trago como imagens da geografia da fome, vista a olhos nus nos sertões, no litoral, nas cidades e nesta imensa AMAZÔNIA. "(...) Denuncio o desgoverno que estrangula a economia brasileira e conclamo a todos a não esmorecer a luta para retirar nossos algozes do poder". "(...) a incapacidade dos governantes levou a Nação a um estado de arbítrio e incapacidade". "(...) O movimento pelas diretas é mais forte que o da ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA, da PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA e contagia um povo sem esperança e sem alegria".

x. NABOR TELLES DA ROCHA JÚNIOR (Gov do ACRE) - "O povo acreano jamais deixará de lutar pela liberdade, assim como fez para incorporar-se ao BRASIL no início do século, na revolução de 1930 e na eleição de seu primeiro Governador constitucional em 1962".

Falas de Ulysses Guimarães e Nabor Telles durante o comício de Rio Branco.

| Crédito: Arquivo Nacional.

Fevereiro, 21 — Cuiabá

“Passarão muitos anos para que isso aconteça novamente”

A tarde toda, em meio ao foguetório e à convocação para o comício, tocou aquela música que as torcidas de futebol costumam cantar quando seu time se aproxima da vitória: “Ai, ai, ai, ai, tá chegando a hora, o dia já vem raiando, meu bem, eu tenho de ir embora”.

À noite, o povo lotou a praça Alencastro, no centro de Cuiabá, Mato Grosso, palco do último comício de mais esta etapa da Caravana das Diretas.

Mais de 16 mil pessoas participaram da maior manifestação popular da história do estado do Mato Grosso. Não se via tanta gente reunida numa praça pública desde as comemorações do 50º aniversário de dom Aquino Correia, um bispo salesiano, há mais de duas décadas, segundo o historiador Luís Felipe Pereira Leite, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Naquela festa, lembra o historiador, havia cerca de 10 mil pessoas.

Com o comício de Cuiabá, a Caravana das Diretas completou 22 mil quilômetros de viagem, por 15 estados, reunindo quase um milhão de pessoas nas ruas, algo que o encanecido e entusiasmado presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, nunca havia visto antes em seus quase 40 anos de política.

Apesar do boicote da maioria dos jornais, rádios e televisões do país, a cada etapa da viagem aumenta o entusiasmo dos integrantes da Caravana das Diretas, com a participação popular superando a expectativa dos mais otimistas e a emoção tomando conta de todos, nos palanques e nas praças, como aconteceu ontem em Cuiabá.

O saguão do Hotel Excelsior, transformado em quartel-general da Caravana das Diretas, assistiu a uma grande movimentação durante toda a tarde, com políticos de vários estados se encontrando, jovens pedindo autógrafos, compositores mostrando suas músicas sobre a campanha.

Em meio ao tumulto, Ulysses Guimarães lembrava que, desde 1946, quando foi eleito pela primeira vez, ele tem participado de todas as lutas políticas do país, e constatava: “Passarão muitos anos para que isso acon-

teça novamente. Esta é uma campanha alegre. O voto direto se tornou a alegria do povo”.

De fato, a quantidade de gente que tem ido aos comícios, que às vezes chegam a durar até oito horas, o entusiasmo festivo e, ao mesmo tempo, a atenção prestada nos discursos constituem algo inédito na história da vida política brasileira.

Os políticos mais antigos, como Doutel de Andrade, presidente do PDT, só falavam disso enquanto aguardavam a hora do comício. Mais de 5 mil pessoas já estavam na praça às 6 da tarde — mais gente do que no encerramento da campanha eleitoral do PMDB, em 82 — quando falou o primeiro orador, pregando “greve geral se a Emenda Dante de Oliveira não for aprovada”.

Cuiabá é a terra do autor da emenda constitucional que restabelece as eleições diretas para a Presidência da República, o jovem deputado Dante de Oliveira, um motivo a mais para a grande festa que a cidade viveu ontem, à medida que o povo caminhava para a praça e chegavam as primeiras delegações do interior, algumas delas de regiões da fronteira com a Bolívia.

Os discursos dos políticos e líderes de entidades da sociedade civil do Mato Grosso pareciam ter todos o mesmo autor: começavam invariavelmente na condenação do regime implantado há 20 anos e terminavam dizendo que as eleições diretas são a única saída para a defesa da soberania nacional. Um dos políticos do governo mais atacados em Cuiabá foi o senador Roberto Campos, eleito pelo PDS do Mato Grosso, após uma apuração até hoje contestada.

A certa altura, emocionado, o apresentador do comício errou ao gritar as palavras de ordem “um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil”, mas o próprio povo o corrigiu.

O primeiro orador de fora do estado foi Orestes Quércia, que falou em nome do governo de São Paulo. Inflamado, Quércia começou acusando de “entreguista e incompetente” o regime instaurado em 1964 e disse: “Estão todos cansados do regime militar”.

Depois de criticar a reunião do presidente Figueiredo com seus candidatos biônicos, Quércia afirmou que “está errada a avaliação dos militares que querem impingir ao país mais um presidente biônico”. Bastante aplaudido, quando comparou a situação do Brasil à da Argentina, “onde o

presidente eleito está batendo a mão na mesa para defender os interesses do povo argentino”, passou a atacar os generais-presidentes. “É assim: quando eles não trabalham, prejudicam o país. Quando trabalham, prejudicam muito mais. Vamos trocar essa gente com as eleições diretas. Até a vitória do povo.”

No momento em que Quércia terminou de falar, parte da praça ficou escura e o orador seguinte, representando o Comitê Suprapartidário Pró-Diretas de Mato Grosso, aproveitou a deixa: “Faz escuro, mas eu canto, porque o amanhã já está chegando”, citando versos do poeta Thiago de Mello.



Dante de Oliveira (terno marrom-escuro), entre os deputados Airton Soares (PT, à esquerda) e Pimenta da Veiga (PMDB, à direita), discute a votação da Emenda das Diretas com o presidente do Congresso, Moacyr Dalla (PDS, à direita). | Crédito: Arquivo da Câmara dos Deputados.



Esq./dir.: Mora Guimarães (1ª); Ulysses Guimarães (2º); Beth Carvalho (3ª); Fafá de Belém (4ª); Franco Montoro (5º); Luiz Inácio Lula da Silva (6º); Lucy Montoro (7ª); Dante de Oliveira (8º); e Mário Covas (10º). São Paulo, 1984.

| Crédito: Acervo FGV/CPDOC.

A high-angle, black and white photograph of a massive crowd gathered for a protest or demonstration. The crowd fills the lower two-thirds of the frame, with many individuals visible. Several banners are held aloft. In the upper right, a banner reads "BASTA DIRETAS JÁ" and "ANTISTABILIDADE". In the lower left, a large banner features a circular logo and the text "NA CIBICA". In the center, a banner reads "JACOMAS KENNEDY". The background shows urban buildings and a street. The overall atmosphere is one of a significant public gathering.

Bye, bye, 64:

***Surge um
novo Brasil***



Ulysses, Lula e Doutel: assim eles foram mudando a nossa História

“Como é? As diretas saem ou não saem?”

“Será que vai dar?”

“Vocês acham que o governo vai deixar?”

Estas perguntas, mais ou menos acompanhadas de ceticismo e ao mesmo tempo na esperança de ouvir uma resposta afirmativa, acompanharam a Caravana das Diretas ao longo de alguns milhares de quilômetros por esse Brasil afora na última semana. Por onde Ulysses, Lula e Doutel — os três presidentes partidários que lideram a Caravana das Diretas, em mais esta peregrinação pelo Norte e Nordeste — passassem, lá vinha logo gente de todas as idades, classes, tamanhos e cores fazer as mesmas perguntas.

Estes três mosqueiteiros, tão diferentes nas suas origens, maneiras e histórias da vida, que se autodenominaram quixotes e saltimbancos, dão a impressão, nestas viagens, de pertencerem ao mesmo partido — o partido das diretas.

Segunda-feira, lá vão eles, Ulysses e Doutel viajam cedo para Teresina, primeira escala da viagem, que só vai terminar daqui a uma semana, em Cuiabá, depois de passar por São Luís, Macapá, Belém, Manaus e Rio Branco. Ainda havia um comício também em Roraima, que acabou sendo cancelado, por motivos de força maior, e como se verá mais adiante.

Lula viaja à tarde, e vamos no mesmo voo para chegar a Teresina em cima da hora do comício. Já no avião, começam as perguntas: “Será que vai dar?”. Meninas vêm pedir autógrafos, senhores bem-vestidos discutem política, como se costuma fazer com o futebol, o fundo do avião vira uma bagunça. Um executivo da Pirelli encosta Lula na parede, sempre pede licença para discordar do PT e, no fim, só não concorda com o boné do ex-metalúrgico: “Você devia usar chapéu de palha”, recomenda.

O assunto no avião, além das diretas, é um artigo do poeta Afonso Romano de Sant’Anna, publicado no *Jornal do Brasil*, que compara o ritmo do

presidente Figueiredo ao Macunaíma de Mário de Andrade. Neste ponto, não há discordâncias. As expectativas para o comício de Teresina não são animadoras: dizem que o povo lá é muito frio, não se interessa por política, só dá PDS.

Meia hora depois de o avião aterrissar, a surpresa: a praça Marquês de Paranaguá, num bairro proletário da zona norte de Teresina, em frente à Vila Militar, está tomada de gente, uma festa. Outra surpresa: os discursos aqui são muito mais violentos do que em São Paulo, impublicáveis. Figueiredo, Delfim, Maluf e os militares são os principais alvos dos ataques. O que se fala no palanque, montado sobre um velho caminhão, não dá nem para anotar, quanto mais para escrever no jornal.

Em volta, há dez vezes mais bicicletas do que automóveis, só não tem mais bicicletas, me explicam, porque os caminhoneiros de Teresina, que aderiram às diretas, ofereceram transporte grátis. A multidão canta, pula, se agita, os mais velhos dizem que Teresina nunca viu tanta gente nas ruas, para ver um comício. Calcula-se que quase 10 por cento da população, de 400 mil habitantes, esteja na praça, algo inédito em termos de Brasil pós-64.

Na mesma hora, o presidenciável Aureliano Chaves estava participando de um banquete, oferecido pelo governador do Piauí, Hugo Napoleão, andreazzista declarado. De manhã, ao chegar a Teresina, Aureliano havia reiterado seu amor pelas diretas, mas gentilmente recusou o convite para ir ao comício, porque já estava com a agenda tomada.

Não faltaram oradores: 72 pessoas, representando as mais diferentes entidades de classe, de moradores, credos e partidos políticos, pediram a palavra. Só a ordem dos oradores foi alterada à última hora. Ulysses Guimarães, que deveria ser o último a falar, cedeu a honra a Lula. É que era muito grande o número de militantes do PT neste comício, e temia-se que eles fossem embora depois de Lula falar. Com sua linguagem de pau de arara, bastante inspirado naquela noite, o presidente do PT botou fogo na massa, e o final do comício foi de arrepiar o mais empedernido indiretista: todos, no palanque e na praça, cantando o Hino Nacional de mãos dadas. Teve muita gente que chorou, e Lula era agarrado pelos que se encontravam mais próximos do palanque, como se estivesse distribuindo pratos de comida nas frentes de emergência. Ganhou o apelido de “Padim Cicho”.

Bem mais tarde, enquanto muitos ainda festejavam o êxito do comício, pelos bares da vida e petiscando carne de sol, sirenes anunciavam a passagem da caravana de Aureliano pelas ruas desertas. A pressa era justificada: Aureliano fora chamado às pressas, para uma audiência em Brasília, com o presidente Figueiredo. Logo agora, que o vice-presidente estava iniciando sua campanha junto aos convencionais do PDS, já exaustivamente cortejados por Maluf e Andreazza.

“E essa ligação para Brasília, sai ou não sai? ”, indagava no saguão do Hotel Luxar um hóspede bastante aflito. Pouco depois eu viria a saber que se tratava de um assessor do vice-presidente. “O homem precisa falar com o sr. Leitão”, disse-me ele, sem saber que eu era jornalista. No mesmo hotel, estavam também a Caravana das Diretas, a *troupe* da cantora Elba Ramalho, o eterno casal global, Glória Menezes e Tarcísio Meira, e a boataria logo ferveu, entre circunspectos políticos e tietes afoitas.

Freitas Nobre, o veterano líder do PMDB na Câmara Federal, e que acumula as funções de estrategista da caravana, sem nunca deixar de ser repórter, sua profissão primeira, fica sabendo que Aureliano fora chamado de volta a Brasília, por uma razão muito séria: “Parece que o Figueiredo foi internado no Hospital de Base, com problemas no coração”. Se em Brasília e no Rio ninguém sabia de nada, imagine-se em Teresina, no saguão do Hotel Luxor, onde os telefones e as telefonistas enlouqueceram em poucos minutos. Todo de branco, dando tchauzinho para as fãs que o esperavam na saída do hotel, à uma da manhã, Tarcísio Meira nem imaginava o motivo da confusão.

“Pegou a chave, bem?”, limitou-se a perguntar Glória Menezes, já um pouco cansada de tantos carnavais. Não, Figueiredo estava bem de saúde, o único problema era mesmo essa tal de campanha pelas diretas, que o vice Aureliano namorava, mas só platonicamente. Isso, porém, só se ficaria sabendo no dia seguinte, quando a caravana já estava seguindo para São Luís — de olho em Brasília, mas sem mudar a sua rota.

Ah, sim, houve uma pequena mudança: pelo sim, pelo não, Ulysses Guimarães resolveu convocar uma reunião da Executiva Nacional do seu partido para a sexta-feira e, com isso, cancelou-se a presença da caravana no comício de Roraima.

De madrugada, Ulysses Guimarães conseguira falar com o governador Tancredo Neves, para saber maiores informações sobre o que estava acontecendo em Brasília. Mas Tancredo só ouviu, dizendo que não sabia de nada, e procurou mudar de assunto: “Como está o tempo aí em Teresina? Você levou calção? Aí tem praias ótimas...”. Teresina, como se sabe, fica a pelo menos 100 quilômetros da praia mais próxima.

No caminho do aeroporto para o belo hotel Quatro Rodas, com seu restaurante conhecido por “mata paulista”, o deputado federal Epitácio Cafeteira, homem forte do PMDB no Maranhão, vai contando, sempre indignado, os absurdos das eleições indiretas... “Você sabia que, dos 34 delegados do PDS na convenção que vai escolher o presidente, só 8 disputaram eleições na vida? Os outros 26 nunca foram candidatos a nada. São parentes, amigos, empregados dos caciques do PDS. Tem um até, o Rochinha (Luís Rocha Filho, filho do governador do Maranhão) que nunca votou na vida. Fez 18 anos depois das eleições de 82. E agora vai votar para presidente, pode uma coisa dessas?”

Cafeteira vai cuidar da organização do comício da noite de terça-feira, e agora, no fim da tarde, a caravana tem sua primeira folga. Em frente ao hotel, entre as dunas famosas e o mar, uma cena de novela, ao vivo: Dina Sfat, que veio se incorporar à caravana, passeia de mãos dadas com alguém, que não é ator da Globo. O silêncio chega a doer nos ouvidos, um contraste brutal com o barulho dos comícios e da falação política da Caravana das Diretas. Um cachorro vadio anda de lado pela praia sem saber se vai pra cá ou pra lá, como se também se perguntasse: “Será que vai dar?”.

Cai um temporal bravo, logo no começo do comício em São Luís, na praça do Panteon, em frente à Biblioteca Municipal no centro da cidade. Até nisso há versões diferentes: há quem garanta que o local do comício chama-se praça Deodoro. Não é fácil esta missão de contar correndo o que acontece, cada dia numa cidade diferente, o horário implacável do fechamento do jornal, quase sempre antes do comício acabar. Neste comício, falou-se muito mal de José Sarney, o presidente do PDS e vice-rei do Maranhão pós-64, e é justamente no jornal dele, *O Estado*, que vou transmitir a matéria. Um veterano redator a meu lado só falta tampar os ouvidos.

No hotel, onde Ulysses e Lula se reúnem, depois do comício, para analisar a nova situação que se criou com a convocação dos presidenciáveis para a reunião de Brasília, descubro um engano: chamei Márcio Moreira Alves de deputado federal, na matéria, e ele não se elegeu. “Sou apenas escritor”, explicou-me o próprio. Ainda deu tempo para telefonar e fazer a correção, mas, por um desses insondáveis mistérios, que só as modernas tecnologias explicam, saiu errado no jornal assim mesmo.

De madrugada, Lula volta a São Paulo para assistir ao julgamento de Jair Meneghelli, na quarta-feira, depois de dizer no comício que “canalhas somos todos nós, que pensamos a mesma coisa e não temos coragem de dizer o que o Jair disse”. No aeroporto de Val-de-Cans, em Belém, breve parada para pegar o Navajo da Marabá Táxi Aéreo, para Macapá, porque o voo de linha da Vasp só chega depois da hora do comício.

É o primeiro trajeto que não se faz em avião de carreira. O jatinho que um empresário, amigo de Ulysses Guimarães, havia lhe oferecido teve problemas técnicos, e estava sendo consertado em São Paulo. Muitas pessoas se perguntam: quanto se está gastando nessa Campanha das Diretas, quem paga as viagens? Posso assegurar que a campanha custa bem menos do que essas pessoas imaginam. A passagem de avião, para todo este roteiro, fica em Cr\$ 690 mil. As diárias de hotel é que são caras: variam entre Cr\$ 40 e Cr\$ 50 mil. O fretamento do táxi aéreo para Macapá, ida e volta, com pernoite, ficou em Cr\$ 1.629.000, pagos pelo PMDB do Pará.

Cada partido paga as passagens dos seus presidentes. No caso do PMDB, os hotéis são pagos pelos diretórios regionais dos estados por onde a caravana passa. Lula costuma pernoitar nas casas de militantes do PT. Só em Belém ele ficou num hotel, a convite do governador Jader Barbalho. Ulysses, Lula e Doutel viajam sozinhos, sem assessores nem secretários, marcam eles mesmos suas passagens, pagam as contas dos restaurantes.

Ao contrário de outras campanhas, esta das diretas só dá prejuízos aos partidos, e deixa dívidas nos diretórios regionais que promovem os comícios, como aconteceu em Macapá. Depois do comício, que reuniu mais de 10 mil pessoas, 10 por cento da população da capital do território do Amapá, onde o poder político é da Marinha, que nomeia o interventor-governador, e o poder econômico é da Icomi-Bethlem Steel, multinacional de mineração, o presidente regional do PMDB, Azevedo Costa, nem participou do jantar

com Ulysses e Doutel de Andrade. Ficou fazendo as contas de quanto terá de pagar. São elas:

Combustível.....	Cr\$ 100 mil
Luz.....	Cr\$ 5.600
Palanque.....	Cr\$ 105 mil
Foguetes	Cr\$ 54 mil
Carro Volante (um dia)	Cr\$ 80 mil
Som.....	Cr\$ 30 mil
Bandeirinhas	Cr\$ 15 mil

Total das despesas do comício de Macapá: Cr\$ 389.600, que serão pagos pelo modesto diretório regional, instalado numa salinha do centro comercial. Por uma dessas coincidências da vida com as caravanas dos diretistas e dos indiretistas se cruzando nos confins do Brasil, na mesa ao lado jantava, na noite de quarta-feira, o escalão precursor do presidenciável Paulo Maluf, que chegaria no dia seguinte a Macapá. São dez pessoas, discretas, circunspectas, preparando o terreno para o chefe. Azevedo Costa, um preto forte e decidido, funcionário municipal, feliz da vida com o sucesso do comício (antes, a maior concentração política do território não conseguiria reunir mais de 800 pessoas), comentava com um sorriso: “Para nós, é muito dinheiro isso que gastamos aqui . Mas deve ser bem menos do que a conta do hotel que esse pessoal do Maluf vai pagar”. Entre as figuras conhecidas do escalão precursor malufista, podia-se ver o ex-deputado Manoel Sala (que era do antigo MDB, passou para o malufismo e não se reelegeu) e Sílvio Fernandes Lopes, que veio do pessepismo ademarista.

Doutel e Ulysses ainda tiveram ânimo para assistir ao jogo da seleção pré-olímpica, contra o Equador, até de madrugada, com a retransmissora da Rede Globo anunciando, de dois em dois minutos, um debate com o presidenciável Paulo Maluf para o dia seguinte. Logo cedo, lá estavam os dois pagando suas contas, no saguão do hotel. Já entrados nos 60, sem dispensarem a caipirinha e a cerveja nas refeições, estes senhores, que falam o dia inteiro de política e berram nos palanques, não se queixam de cansaço. Ao contrário, parecem cada vez mais animados, e nem dão

bola para a tempestade amazônica que cai sobre Macapá nesta manhã de quinta-feira, prometendo uma viagem nada agradável.

Enquanto os funcionários do aeroporto procuram guarda-chuvas, os dois dão um pique de 100 metros até o avião e começam a lembrar velhas histórias da Câmara dos Deputados. O Navajo se perde nas nuvens e Doutel dá uma breve cochilada. Ulysses quer saber tudo sobre a Amazônia de um deputado estadual do PMDB do Pará que pegou uma carona junto com uma sobrinha.

A principal preocupação de Ulysses é com a questão fundiária e ele vai fazendo anotações à margem de recortes de jornais que sempre carrega consigo. Talvez sonhe com um plano de governo, com o que fará se chegar à Presidência. Quase no final da viagem, que acaba não sendo tão terrível como prometia, a sobrinha do deputado vomita e Ulysses desce do avião meio baleado: “Não posso com cheiro de vômito”. Mas não dá nem tempo de se lamentar: lá vem pela pista o batalhão de autoridades paraenses e de jornalistas, o governador Jader Barbalho à frente. Ainda na pista, Ulysses e Doutel dão uma dezena de entrevistas, mais uma vez repetindo o de sempre, como o velho vigário nos sermões de Porangaba : “As diretas virão”.

Só mais tarde eles ficariam sabendo da confusão que deu em Belém poucos minutos antes, quando o jatinho de Maluf fez um pouso forçado e... Na confusão, Doutel de Andrade acabou perdendo a mala e passou a tarde toda procurando encontrá-la: “Todos os documentos do partido estão lá dentro. Não posso perder essa mala de jeito nenhum”, explicava ele aos seus correligionários no saguão do Hotel Equatorial (diária de Cr\$ 45.810,00 por pessoa, mais os 10% de serviço).

Ulysses fora almoçar com o governador Jader Barbalho, no Palácio do governo. Antes das duas, Jader saiu apressado para recepcionar Lula no aeroporto. A cidade começava a parar para o grande comício, carros com alto-falantes convocando a população, tendo ao fundo a música “Caminhando”, de Geraldo Vandré, uma espécie de Hino da Esperança das diretas, em todos os lugares por onde a caravana passa. Muros e postes estão cobertos de pichações do comício e palavrões contra Maluf.

A festa em Belém só não foi completa porque, no final do comício, Jader Barbalho, último orador da noite, foi vaiado por militantes do PT, que ainda atiraram bolas de papel contra o governador. São divergências da

política regional que prejudicam a unidade cada vez mais forte dos líderes partidários. No café da manhã de sexta-feira, Doutel de Andrade estava aborrecido com isso: “O Lula precisa fazer alguma coisa para que essas vaías não se repitam, porque só prejudicam a campanha”.

Mas Lula já havia ido embora de novo, de volta para São Paulo, onde o esperava uma reunião da Executiva do PT. A exemplo de Ulysses Guimarães e Freitas Nobre, que viajaram de madrugada para a reunião da Executiva do PMDB, em Brasília.

A maratona não para, apesar de todos os boatos que perseguem a caravana, falando em retrocesso, dizendo que o general Rubem Ludwig, chefe da Casa Militar, não vai permitir a marcha para Brasília no dia da votação da Emenda Dante de Oliveira, etc. As campanhas dos diretistas e dos indiretistas seguem seu rumo indiferentes aos ventos que sopram em Brasília. No Hotel Equatorial, já chegou outro escalão precursor de Maluf.

São sempre dois grupos, que abrem e fecham as incursões do prescindível indiretista nos sacrários dos convencionais do PDS. Um semeia o terreno, enquanto outro vem para garantir a colheita.

Todos, diretistas e indiretistas, estão convictos de que chegarão ao poder. Pela primeira vez em 20 anos, de qualquer forma, não se repete a rotina de um general nomeando seu sucessor, com todos sabendo quem será o próximo, muito antes das eleições — que eleições?... Está fazendo um calor sufocante, as chuvas não perdoam nesta época do ano na Amazônia, mas dá para perceber que vão surgindo os contornos de um Brasil novo, alimentando esperanças. Do jeito que está, não pode continuar, é o que se ouve por toda parte nesta verdadeira maratona do “Bye, bye, 64”.

Será que vai dar?... A sorte está lançada. Como terminará, quem pode dizer?



Esq./dir.: Lucy Montoro (1º); Franco Montoro (2º); Tancredo Neves (3º); Fernando Henrique Cardoso (4º); Fafá de Belém (5ª); e Ulysses Guimarães (6º). 1984. | Crédito: Acervo FGV/CPDOC.



Da dir. p/esq. (1º plano): José Richa (1º); Franco Montoro (2º); Tancredo Neves (3º); Ulysses Guimarães (4º). Durante comício pelas eleições diretas para presidência da República. 13 jan. 1984. Curitiba/Paraná. | Crédito: Maurício Simonetti/Acervo FGV/CPDOC.



Da esq. p/dir. (1º plano): Caetano Veloso (2º); Tancredo Neves (3º) em encontro durante campanha pelas eleições diretas para a presidência da República. 24 jan. 1984. Salvador/Bahia. | Crédito: Crildo Lima/Acervo FGV/CPDOC.

ENTRE NESSA LUTA



DIRETAS JÁ
BLOCO POPULAR PMDB

Dep. Federal: Aldo Arantes Vereador: Euler Ivo Vereador: Adalberto Monteiro

**DIRETAS JÁ!
FORA FIGUEIREDO
E O REGIME MILITAR**

Uma tempestade que brota do coração da nação brasileira percorre o solo da nossa Pátria. É a campanha por ELEIÇÕES DIRETAS JÁ para Presidente da República. Só nos últimos três meses, mais de três milhões de brasileiros já ergueram esta bandeira democrática, em comícios e passeatas por todo o Brasil. E esta tempestade que explode nas capitais e no interior, por ser uma exigência de todos, irá soterrar o Colégio Eleitoral e o regime militar, que tenta manter contra a vontade da maioria da nação, a ditadura da miséria, da opressão e do entreguismo.

Esse regime levou o país à maior crise de toda sua História, onde a indústria nacional, a agricultura e o comércio são lançados à falência e à ruína. Esse regime condenou o povo a morrer à míngua. O desemprego leva pais de família ao suicídio, à loucura de matar seus filhos para não vê-los chorando de fome. Contra tudo isso, a nação se levanta e luta. Exige ELEIÇÕES DIRETAS JÁ, para por fim ao regime militar, ao reinado do banditismo, da incompetência e da corrupção dos governantes bionicos.

No entanto, os ditadores do Palácio do Planalto, cegos e surdos à exigência unânime da população, declaram que irão manter a farsa da vergonhosa eleição indireta, o emboço do Colégio Eleitoral. Neste 31 de março, o General Figueiredo agrediu abertamente a dignidade nacional, quando afirmou que não respeitara a vontade do povo e a decisão do Congresso Nacional.

47

GOIÁS EXIGE

**diretas
já**

Lideranças Políticas.
Show com Artistas
Brasileiros.

**GRANDE ENCONTRO
PELAS DIRETAS**

Eu quero votar pra X Presidente

PMDB

**Dia 12 de abril às 17:00 hs.
PRAÇA CÍVICA**

Atividades do Bloco Popular do PMDB nas Diretas em Goiás, 1984. | Crédito: Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.



Ato pró-Diretas em 1984 na Bahia. | Crédito: Edgard Leuenroth/Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.



Caminhada em Capão da Canoa/RS pelas Diretas Já, 1984. | Crédito: Alfonso Abraham/Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.



Comício reuniu 50 mil pessoas na Boca Maldita, em Curitiba, no dia 12 de janeiro de 1984. | Crédito: Senado Federal/Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.



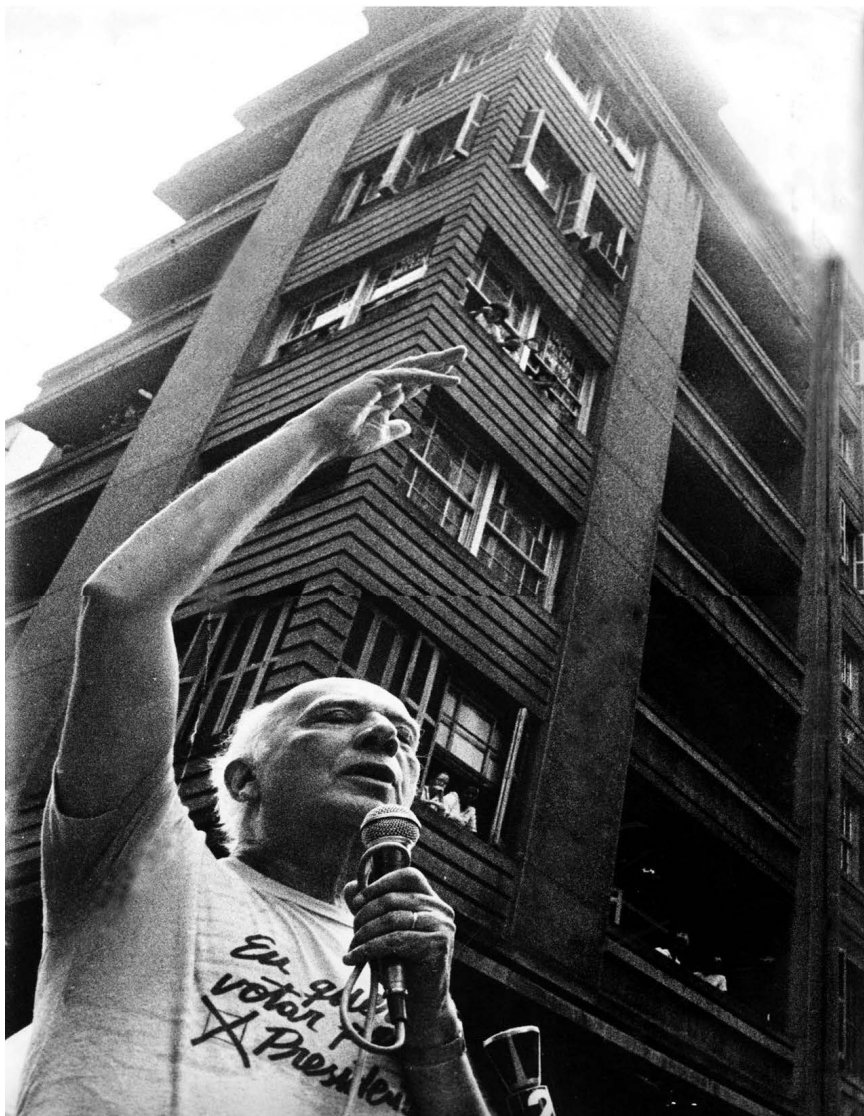
Cartaz Diretas Já — Praça Cívica Goiânia/GO. | Crédito:
Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.



Comício pró-Diretas Já no Largo da Prefeitura de Porto Alegre. | Crédito:
Agência Senado.



Detalhe da multidão no comício que reuniu 50 mil pessoas na Boca Maldita, em Curitiba, no dia 12 de janeiro de 1984. | Crédito: Agência do Senado.



Ulysses Guimarães em Porto Alegre em campanha pelas eleições Diretas Já em 1984. | Crédito: Fundação Ulysses Guimarães.

A high-angle photograph of a massive crowd of people, likely at a political rally or protest. The crowd is dense and fills the lower two-thirds of the frame. In the background, several buildings are visible, including one with a sign that reads "RESTAURANTE AMBASSY". The entire image is overlaid with a green halftone pattern. The title text is positioned in the upper left quadrant.

O Grande Comício de Minas: A certeza



Fevereiro, 25 — Belo Horizonte

Em Minas, mais de 300 mil: parecia Copa do Mundo

O ambiente durante todo o dia lembrava uma final de Copa do Mundo. Não era para menos: Minas Gerais sempre foi o ponto de equilíbrio entre o Sul progressista e o Norte conservador, berço dos principais movimentos políticos que mudaram a História do país. O comício de Minas pelas diretas, por isso, era decisivo para a campanha, um ponto crucial na caminhada.

E, ao final, o Brasil venceu. Mais de 300 mil pessoas tomaram a praça Rio Branco, em frente à rodoviária, subindo um quilômetro pela avenida Afonso Pena, até o Parque Municipal de Belo Horizonte, ocupando as ruas transversais, acotovelando-se nas janelas dos prédios, na maior manifestação cívica de Minas Gerais e do Brasil, como proclamou o governador de São Paulo, Franco Montoro, em seu discurso.

A emoção de se estar vivendo um dia histórico foi num crescendo até que, pouco depois das sete da noite, com a cidade parada, a multidão de mãos dadas cantou com Simone “Caminhando e cantando e seguindo a canção... a certeza na frente, a história na mão... vem, vamos embora, que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

Minutos depois, a apoteose, o delírio tomando a multidão, ao som do Hino da Independência, um louco foguetório anunciando na voz coletiva de um povo que perdeu o medo e ganhou definitivamente a esperança: “Já raiou a liberdade, já raiou a liberdade no horizonte do Brasil...”.

“O primeiro compromisso de Minas é com a liberdade, liberdade é outro nome de Minas Gerais” — repetia a gravação do início do discurso de posse de Tancredo Neves, que se transformou em lema da Campanha das Diretas por estas terras.

A festa em Minas começou na véspera, varou a noite e foi acompanhada de chuva de papel picado durante todo o dia, fazendo com que as faixas do lançamento da campanha do presidenciável Aureliano Chaves, há três semanas, ainda penduradas em alguns postes, parecessem reminiscências de um outro tempo, em outro país.

Passeatas, comício por toda parte, gente alegre cantando pelas ruas, parecia que o Carnaval tinha chegado mais cedo, no embalo de um grito só: “Diretas Já.” Minas, logo a pacata e comportada Minas Gerais, rasgou a fantasia. Cada um participou como pôde. Num prédio da Afonso Pena, a principal artéria de Belo Horizonte, de onde se avista o sopé da Serra do Curral, os versos de um poeta anônimo pendurados no peitoril da janela, anunciavam:

“Hoje somos ondas soltas.
E tão fortes quanto eles
nos imaginam fracas.
Quero ver quando invertida a correnteza,
como eles resistem à surpresa
como eles reagem à ressaca.”

Era a faixa dos estudantes de Engenharia Civil da Universidade Federal de Minas Gerais. Como ela, dezenas, milhares espelhadas pela cidade, enfeitando os prédios, anunciando o grande comício da tarde. Nada de improvisos, foi um comício para valer, uma superprodução, em que o governo Tancredo Neves sempre atuou com muita discrição.

O palanque de 136 metros quadrados, com 11 metros de altura, banheiros, sala de imprensa e camarins, tinha apenas uma enorme bandeira brasileira dominando toda a frente. A chuva de papel, que normalmente anuncia a passagem do ano, ontem em Belo Horizonte comemorava a passagem de uma era, duas décadas sem festa e sem alegria, que estão chegando ao fim.

A democracia é sempre uma festa, bancos fechados logo depois do almoço, repartições públicas dispensando seus funcionários. Quem haveria de querer ficar de fora, ouvindo o barulho que vinha das ruas, despertando a todos? Três da tarde, no “Pirulito” — como os mineiros chamam o obelisco comemorativo do centenário da Independência, na Afonso Pena —, a festa começa oficialmente, com o hasteamento da bandeira brasileira levada em passeata até lá.

Ao lado, o Cine Teatro Brasil passa para ninguém o filme *O Dia Seguinte*, enquanto democratas privilegiados ajeitam-se nos seus camarotes no Hotel Excelsior, bem em frente ao palanque. Marreteiros fazem a festa vendendo

mais de cem tipos diferentes de camisetas, crachás, adesivos, tudo pelas diretas. Em algumas delas lê-se: “Diretas quae sera tamem”; “Diretas já”; “Pátria livre, venceremos”; “Vai raiar a liberdade nas diretas do Brasil”; “Já sei escovar dente, posso votar para presidente”.

As faixas junto ao palanque são incisivas: “Minas exige respeito — servidores dos tribunais de Justiça e Alçada” ou “Primeira lição: diretas para presidente — sindicato dos professores”. Um paraplégico que segue para o comício indaga numa plaqueta colocada na sua cadeira de rodas: “Quero votar para presidente. Posso?”

Seguindo para o comício em passeata, cada grupo grita suas palavras de ordem como “um, dois, três, Maluf no xadrez”. E más notícias para Maluf e Andreazza no seu macartismo nativo redivivo: em frente ao palanque, há muitas bandeiras vermelhas, mas só dos partidos legalizados e registrados em cartório: PMDB, PDT e PT. Enxerga-se uma única bandeira do PCdoB e nenhuma do PC. Ah!, sim, há algumas bandeiras do MR-8, mas todas verde-amarelas.

O primeiro grito de guerra do comício não ataca os políticos do governo: “Abaixo a Rede Globo”, repete em coro a multidão, quando aparece a primeira equipe de televisão no palanque.

O cartunista Ziraldo, um dos apresentadores do comício, anuncia: “O Brasil está de olho em Minas. Mais uma vez a História do Brasil passa por Minas. E hoje o povo de Minas, nessa praça, mais uma vez, vai mudar a História do Brasil”.

Aparecem em meio ao comício volantes apócrifos de uma fantástica “Astrom-Associação dos Trombadinhas”, aconselhando o povo a não ir ao comício. “Nós vamos agir. Não adianta o comércio fechar as portas, porque nós vamos saquear”. Bobagem, as pessoas liam e jogavam fora e alguém se lembrou que foi em Minas que fizeram a edição apócrifa do semanário católico *O São Paulo*.

Foi a única coisa que se poderia chamar de anormal neste comício, um espasmo de quem sabe que não tem mais jeito. No palanque, estão até dois deputados estaduais do PDS mineiro, Luís Calicho e Otacílio Miranda, ambos aurelianistas.

Mas eles não estavam na relação de 49 políticos e artistas do programa religiosamente cumprido. Falam primeiro os líderes de entidade e dos par-

tidos de oposição na Câmara Municipal de Belo Horizonte, na Assembleia Legislativa mineira, na Câmara Federal e no Senado, os presidentes regionais dos partidos, vários convidados e, ao final, os presidentes nacionais e os governadores presentes: Gerson Camata, do Espírito Santo; Wilson Martins, do Mato Grosso do Sul; Leonel Brizola, do Rio de Janeiro; José Richa, do Paraná; e Franco Montoro, de São Paulo, além de Tancredo Neves.

Na empolgação, os apresentadores do comício até mudaram o nome da Afonso Pena para “Avenida da Vitória”. Quando pedem que levante a mão quem nunca votou para presidente é aquele mar de braços no ar. Afinal, quem tem menos de 42 anos — a grande maioria dos que estavam lá — nunca votou para presidente.

Uma professora septuagenária, Ana Coaraci, que há 52 anos participou da campanha que deu o direito de voto à mulher, uma data festejada ontem, disse com voz firme: “Hoje a mulher vem exigir o direito de votar para presidente da República. Queremos um presidente que faça o mundo inteiro saber que o Brasil é dos brasileiros”.

Os gritos de “Abaixo a Rede Globo” não perdoaram nem o ator Denis Carvalho, que veio trazer seu apoio à campanha. “Antes de ser dessa organização eu sou um cidadão brasileiro”, explicou o ator, e foi bastante aplaudido. Denis anunciou alguns dos maiores astros globais também engajados na campanha: Renata Sorrah, Marcos Paulo, Iris de Oliveira e Maitê Proença, além de Maria Bethânia. A maior ovação foi para Chico Buarque de Holanda, que ensaiou apenas alguns versos: “A gente vai levando, a gente vai levando, a gente vai levando as diretas”.

Aí veio Simone, levantando a massa com “Caminhando” e logo em seguida o comício deu a maior vaia que um político já ouviu em Minas Gerais. Foi para o empresário Aquiles Diniz, presidente regional do PTB. Não se tratava de um grupelho sectário, como se costuma afirmar nestas ocasiões: foi uma vaia mesmo da multidão toda.

“A independência parte de Minas Gerais”, anunciou Ziraldo antes da execução do Hino da Independência, e, em seguida, Osmar Santos, o locutor das diretas, assumiu o comando do comício. O jornalista Roberto D’Ávila, um dos convidados especiais, faz um apelo a todos os jornais para que sigam o exemplo da *Folha* no apoio à campanha pelas diretas.

Os governadores e presidentes nacionais dos partidos chegam pouco antes das oito da noite. Tancredo Neves logo tira o paletó, Franco Montoro arregaça as mangas da camisa, o comício chega ao seu ponto culminante, mas quem resume tudo é a atriz Bruna Lombardi: “O que está acontecendo hoje, aqui, é a vitória”. O ator Raul Cortez critica o ministro da Justiça Abi Ackel pelos processos instaurados ultimamente, com base na Lei de Segurança Nacional: “Que gente é essa que tem medo de artistas, de intelectuais? Nós continuaremos até o fim; juntos”.

Reinaldo, o grande ídolo da torcida mineira, também vai até o microfone para dar seu apoio às diretas e recebe uma ovação papal: “Rei, rei, Reinaldo é nosso rei”. O povo faz a festa, que não iria acabar tão cedo. Em Minas, o carnaval começou ontem, em clima de vitória da Seleção Brasileira numa Copa do Mundo. Aquela história de que mineiro trabalha em silêncio acabou. Foi um barulho danado, bonito demais.



Da esq. p/dir. (1º plano): Risoleta Neves (1ª); Bruna Lombardi (2ª); Tancredo Neves (3º). Da esq. p/ dir. (2º plano): Ruth Escobar (1ª); Leonel Brizola (2º, de costas); Marcelo Alencar (4º); Franco Montoro (5º). Comício pelas eleições diretas para presidência da República. 24 fev. 1984. Belo Horizonte/MG. | Crédito: Carlos Alberto/Acervo FGV/CPDOC.



Manifestação popular em apoio ao movimento das Diretas Já, em Minas Gerais. 1984. | Crédito: Acervo FGV/CPDOC.



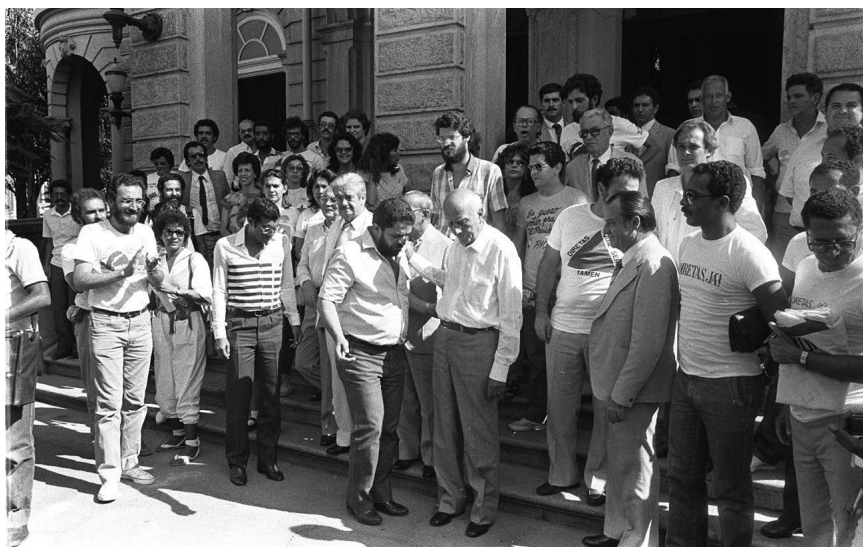
Comício “Minas pelas Diretas” na praça Rio Branco. Belo Horizonte (MG), 24/2/1984. | Crédito: Carlos Alberto/Acervo do Arquivo Público Mineiro.



Na primeira fileira, Luiz Inácio Lula da Silva (ao centro); Dante de Oliveira (1º à esquerda); e Ulysses Guimarães (à direita), durante o comício “Minas pelas Diretas” na praça Rio Branco. Belo Horizonte (MG), 24/2/1984. | Crédito: Carlos Alberto/Acervo do Arquivo Público Mineiro.



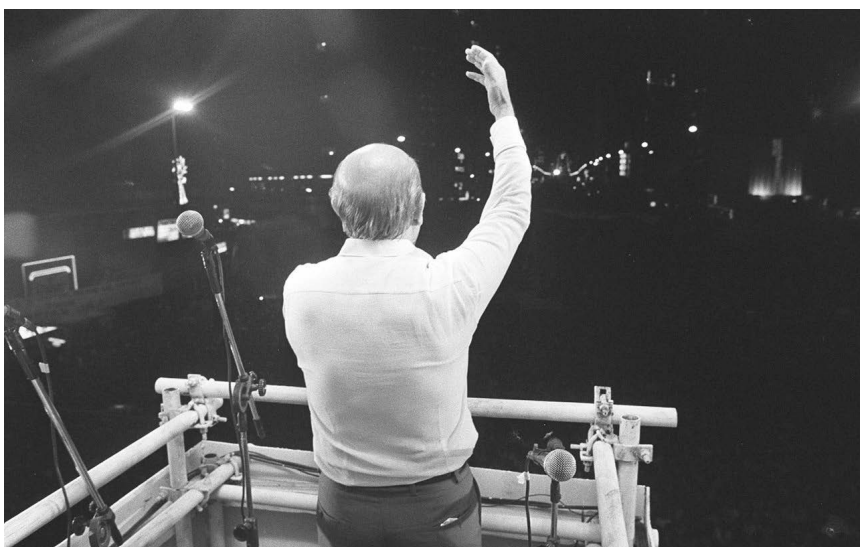
Comício “Minas pelas Diretas” na praça Rio Branco. Belo Horizonte (MG), 24/2/1984. | Crédito: Carlos Alberto/Acervo do Arquivo Público Mineiro.



No centro, Luiz Inácio Lula da Silva (à esquerda) e Ulysses Guimarães (à direita) durante o comício “Minas pelas Diretas” na praça Rio Branco. Belo Horizonte (MG), 24/2/1984. | Crédito: Carlos Alberto/Acervo do Arquivo Público Mineiro.



Diversos artistas estiveram presentes no comício “Minas pelas Diretas” na praça Rio Branco. Belo Horizonte (MG), 24/2/1984. | Crédito: Carlos Alberto/ Acervo do Arquivo Público Mineiro.



Tancredo Neves discursando para público participante do comício “Minas pelas Diretas” na praça Rio Branco. Belo Horizonte (MG). 24/2/1984. | Crédito: Carlos Alberto/Acervo do Arquivo Público Mineiro.

Fevereiro, 26 — São Paulo

Indiretistas tentam reviver o “perigo vermelho”

Naquela célebre conspiração antidiretista com os presidenciais biônicos no Palácio do Planalto, no último dia 15, o presidente Figueiredo, entre outros argumentos oferecidos nos relatórios dos ministros militares, disse que o PCdoB venceria as eleições se elas fossem promovidas este ano (segundo relato insuspeito da revista *Veja*, geralmente bem informada sobre os bastidores palacianos).

O presidencial Maluf gostou da deixa e aproveitou para mostrar fotografias provando a presença de bandeiras vermelhas nos comícios pró-diretas. A partir daí, a campanha antidiretas deflagrada canhestamente pelo grupo que se encastelou no Palácio do Planalto e seus filhotes ressuscitou, mais uma vez, a velha ladainha do “perigo vermelho”.

Ora, 20 anos depois que derrubaram um governo legítimo, exatamente para combater o “perigo vermelho” e acabar com a corrupção, nem mesmo os mais fiéis seguidores e beneficiários do regime militar acreditam ainda nesta história da carochinha.

Sem qualquer justificação política ou moral para suas candidaturas, a bordo de pífiás declarações de intenções, a título de planos de governo, os delfins Maluf e Andreazza, assustados com as dimensões da campanha pró-diretas, saíram por aí acenando com esta bobagem do “perigo vermelho”.

Nem Figueiredo, nem Maluf, nem Andreazza acreditam nesses relatórios secretos sobre manifestações públicas. Dizer que não podemos ter eleições diretas porque o PCdoB seria o vencedor é o mesmo que argumentar que, se os juízes forem honestos, se os resultados forem respeitados, o vencedor do campeonato nacional não será o Flamengo, nem o Corinthians, nem o Atlético Mineiro, mas o Operário de Várzea Grande. As chances são as mesmas.

Os órgãos de segurança e informações nem precisam gastar suas verbas secretas para descobrir o que há debaixo deste angu. Basta pegar o resultado das últimas eleições, em novembro de 1982, e ver o que está acontecendo nos comícios pró-diretas que pipocam por este país afora.

Os maiores derrotados nas últimas eleições foram exatamente os candidatos do PCdoB, cujos votos mal deram para eleger um ou outro vereador, talvez um deputado estadual. Todo mundo sabe que o eleitorado brasileiro é conservador, prefere os candidatos moderados aos radicais, e deu 5 milhões de votos a mais às oposições do que para o PDS, não porque tenha preferido candidatos de esquerda a candidatos de direita. Apenas porque o PDS representa um governo que é ruim demais e esculhambou com o que restava da economia nacional.

É verdade, Maluf e Andreazza e seus informantes têm toda razão: em todos os comícios, talvez com a única exceção de Rio Branco, no Acre, apareceram bandeiras vermelhas, algumas delas do PCdoB. Alguns poucos militantes deste partido proscrito pela ditadura — uma, duas centenas no máximo, em cada capital — levaram suas bandeiras. E daí? Queriam que eles levassem suas bandeiras aonde? Nos grandes comícios promovidos por Andreazza nos fundos dos palácios ou por Maluf nas salas de visita dos convencionais do PDS?

Cada vez mais fica evidente que o regime só não permite a legalização dos partidos proscritos para poder usar a velha, desgastada, rota bandeira do anticomunismo, do “perigo vermelho” que ronda as nossas criancinhas. Uma única eleição, livre e direta — e acabava essa lenga-lenga de embalar otário.

O curioso é que só apareceram com esse argumento antidiretas justamente no momento em que nem mesmo os presidencialistas biônicos conseguiam mais defender a legalidade e a legitimidade das eleições indiretas. Todos, com maior ou menor ênfase, passaram a se dizer também favoráveis às diretas, mas não agora. Por que não agora? “Ah, temos direito adquirido...” Sempre foi assim: desde 1964, eles prometem a democracia para o final dos seus mandatos, nunca para o começo.

“Agora é preciso sempre lembrar que diretas não são necessariamente mais democráticas do que indiretas”, escreveu Paulo Francis esta semana. Perfeito. Só que aqui não se trata de eleição indireta, mas do mais sórdido cambalacho, em que apenas um terço dos convencionais do PDS alguma vez na vida disputou uma eleição. O resto é constituído de parentes, amigos e empregados dos caciques que controlam os “grotões” do Brasil, como gosta

de falar o malufista Heitor de Aquino. Aliás, Aquino, que nunca disputou uma eleição na vida, tem dois votos na Convenção pedessista.

Qualquer eleição é democrática, desde que haja liberdade e correção no processo. Sim, a eleição na Alemanha Federal é indireta, mas querer comparar o processo de escolha do governo de Bonn com o que se passa em Brasília é, no mínimo, uma brincadeira de mau gosto. Até Maluf e Andreazza sabem disso. Mas não podem dizer.



Manifestantes durante a Campanha das Diretas hasteiam bandeiras de partidos proscritos pela Ditadura Militar. São Paulo, 1984. | Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

E todo mundo cai no Carnaval — no Carnaval das Diretas

Essa gente que se acostumou a ver no Carnaval uma das formas de alienação do povo brasileiro, assim como o futebol, vai ter que rever suas teorias, rasgar as fantasias mofadas e cair na real. Nos últimos anos, já tivemos o “carnaval da anistia”, o “carnaval da abertura” e, agora, estamos em pleno “carnaval das diretas”.

O Carnaval se politizou, perdeu seu caráter de grande festa popular? Não, nada disso, muito ao contrário: o Brasil é que mudou, o Carnaval continua o mesmo, a vida escrachada em quatro dias de festa, que resumem os sonhos de toda gente, como se tudo fosse acabar amanhã.

Pode-se esconder a realidade durante o ano todo, mas como esconder das câmaras de televisão os estandartes, as faixas, as fantasias, as mil formas de manifestação da alma popular tendo por tema as eleições diretas? Como tapar todos os microfones que multiplicam o som dos sambas e das marchinhas que pedem eleições diretas?

Muito antes de esse Carnaval começar, a festa ganhou as ruas e não tem dia para acabar. É como se todo brasileiro, mesmo o que não se destaca como folião, tivesse arrebetado as amarras destes 20 anos de sufoco e perdido a vergonha de ser alegre, mesmo em meio a tanta desgraça e safadeza.

De repente, antes, bem antes do ranger da primeira cuíca, o brasileiro voltou a sorrir pelas ruas, se vestir de verde e amarelo com orgulho, a cantar o Hino Nacional como se fosse um samba-exaltação de Ari Barroso. Quem não notou que o Brasil, de ponta a ponta, voltou a ficar mais colorido, mais musical, mais brasileiro nestas últimas semanas?

Estranhos são esses caminhos abertos sem projetos nem engenheiros, que brotam da noite para o dia, transformando lamentos em cantos fortes, derramando esperanças onde antes só havia desencantos. O que foi? Por acaso terá melhorado a vida de todo mundo de um dia para o outro? Acabou o desemprego? Pagou-se a dívida externa? Extirpou-se a corrupção que suga o trabalho honesto? Claro que não é nada disso. Ainda continua exatamente tudo como estava. Mas, agora, há a certeza de que os reis e as

rainhas de outros carnavais estão com seus dias contados, que a brincadeira deles acabou e a festa está mudando de dono.

Ou melhor: está deixando de ter dono, posto que a festa agora é de todos, como se tem visto por todos os cantos do país, desde o primeiro grito deste Carnaval, a 25 de janeiro, na praça da Sé. Com um “trio elétrico” circular, sem ponto final, o “Carnaval das Diretas” foi despertando o povo por onde passou — e a adesão foi geral, com a óbvia exceção dos biônicos presidenciais, tão poucos que não são precisos nem os dedos da mão para contar, bastam as orelhas.

Até eles, os biônicos presidenciais, se neles pulsa um coração brasileiro, não deixariam de ir atrás deste “trio elétrico” federal, se tivessem visto um único comício, em vez de ficarem se fiando nos seus SNIs particulares. Se não fossem tão daltônicos, veriam que havia nestes comícios pré-carnavalescos bandeiras de todas as cores, gente de todo jeito e uma alegria, uma saudável alegria como há muito tempo não se via neste dilacerado Brasil.

Por maior que seja a festa, no entanto, ninguém está imaginando em acordar na Quarta-Feira de Cinzas do “Carnaval das Diretas” curtindo a ressaca no Paraíso da Democracia. Mesmo que, ao final, a apoteose traga para a avenida as urnas para que todos possam votar no seu destino, este reencontro do Brasil com os brasileiros não tem dia para acabar. O “Carnaval das Diretas” é só o começo de um novo tempo.

Haja garganta e fôlego para puxar esse samba-enredo feito por 130 milhões de compositores, ao mesmo tempo seus cantores, em que se inverteu a velha máxima de que os fins justificam os meios. Na verdade, neste enredo, são os meios que justificam os fins. Nada de esperar a chegada ao oásis para a banda começar a tocar, a cerveja rolar: a própria travessia do deserto já é um motivo de festa, a liberdade dando o tom, o mestre-sala do amanhã abrindo alas para a porta-bandeira da democracia.

BANDA CHOPP-CARNAVAL 84

Quem ser'a o presidente?

Letra e música: Luiz Antonio Salles (lord Caneco)

Pelas ruas e avenidas da cidade

Surge uma nova tentação 'e a

Banda CHOPP

Fazendo a pergunta ao povao

REFRAO

Pau na crise

Pé na gente

Quem ser'a o presidente

Se segura povao

Segura o rojao

Se for o Maluf

Aguenta Coração

REFRAO

Quem gosta de samba

Quem gosta de chopp

Gosta da BANDA CHOPP

M. J. DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

DIVISAO DE ... SANTOS/SP.

SECAO DE ... PUBLICAS

LIBERADO

Santos - SP., 02/03/84

Flavio

Bela HELOISA LYRA DE PAULA
Técnica de Censura - Matr. 022.089

Luiz Antonio Salles

Luiz Antonio Salles (lord Caneco)

Letra de música do bloco de carnaval Banda CHOPP submetida a censura no carnaval de 1984. | Crédito: Arquivo Nacional.

O Grande Comício do Rio: A apoteose





Abril, 10 — Rio de Janeiro

Hélio Silva, comovido: “Jamais, em toda a História do Brasil...”

Lá pelas duas da tarde, um senhor de cabelos encanecidos e ralos, mas ainda rijo de corpo e cabeça, vai se encontrar com o também octogenário Barbosa Lima Sobrinho e, juntos, eles seguirão para o Grande Comício do Rio, na Candelária.

Este homem, Hélio Silva, autor da mais extensa e respeitada obra sobre a História do Brasil, com 70 volumes, tem um motivo especial para estar feliz com a verdadeira festa cívica que o Rio já vivia ontem à tarde, quando ele concedeu este depoimento exclusivo à *Folha* sobre as maiores manifestações políticas a que o país já assistiu.

É que hoje ele faz 80 anos, mais de 60 deles dedicados à pesquisa histórica. Jornalista, antes de se tornar o mais famoso historiador brasileiro, Hélio Silva foi o primeiro diretor da sucursal da *Folha* no Rio de Janeiro, um título que cita com orgulho no seu currículo. Entusiasmado com a festa que se arma nas ruas, ao final das duas horas de recordações esta testemunha viva da nossa história confia ao repórter: “Sabe, este comício é o maior presente que o povo poderá me dar no dia do meu aniversário...”.

Com a mesa repleta de livros que ele mesmo escreveu, consultados vez ou outra apenas para confirmar datas, Hélio Silva não precisa pensar muito para responder à última pergunta, depois de fazer uma viagem por 95 anos da história brasileira, partindo da Proclamação da República: alguma vez, neste período, houve algum movimento como o da Campanha das Diretas?

“Não. Jamais, em toda a História do Brasil, houve um movimento em que houvesse tão grande participação do povo. Desta vez, não são apenas os líderes políticos, os intelectuais, a mocidade, a massa trabalhadora, isolados ou agrupados. Mas é o povo, o povão, nivelando tudo, avolumando a manifestação, porque este período de 20 anos de privação dos direitos políticos foi o cimento que solidificou a nossa democracia. Daí surgir um povo politizado, como se demonstrará hoje nas ruas, e se imporá daqui para a frente, traçando o futuro do Brasil.”

Carioca do subúrbio de Riachuelo, Hélio Silva tem autoridade para afirmar o que está na boca de todos nesta cidade-síntese do Brasil: “A cidade do Rio de Janeiro sempre foi e continua a ser o coração do Brasil, a caixa de ressonância que assinala os grandes acontecimentos. Nada foi feito de importante que aqui não tivesse sua consagração e, sem ela, talvez nada tenha sido realmente importante... desde a Proclamação da República”.

É no episódio da Proclamação da República que ele vai buscar o primeiro vestígio de povo nas ruas do Rio de Janeiro. “Foi no campo de Santana que Deodoro comandou a tropa, intimando e depondo o gabinete Ouro Preto. A proclamação, ou melhor, a implantação da República, foi, porém, um golpe militar, como Rui Barbosa reconheceu. Por isso, a concentração era predominantemente de tropas militares, acompanhadas de uma massa pouco numerosa de curiosos. Foi essa a consagração popular de 15 de novembro de 1889.”

Em outras palavras, na Proclamação da República, o povo entrou de bicão. “A Velha República não teve grandes manifestações de rua. O povo não participava da vida política, limitada às oligarquias que transacionavam entre si o poder na política do café com leite. A primeira grande manifestação popular vem a ocorrer na campanha civilista de Rui Barbosa, em 1909, quando Rui empolga o país combatendo o ‘hermismo’, a candidatura militar do ex-ministro da guerra, marechal Hermes da Fonseca.”

“Só no início da década de 20, outra campanha popular repercutiria nas ruas, com a reação republicana de Nilo Peçanha. A sequência, com o primeiro e o segundo 5 de julho, foi notável, mas sem que as ruas se enchessem de gente. Apenas quando o candidato Artur Bernardes chega ao Rio de Janeiro para ler a sua plataforma, no tradicional banquete do Automóvel Clube, a então avenida Central (atual avenida Rio Branco, também palco do comício de hoje) se enche de ponta a ponta de uma multidão de manifestantes que apupam e vaiam o governador de Minas, acusado pelo Clube Militar de autoria de cartas falsas.”

“As campanhas políticas agitam as duas casas do Congresso, fazem as manchetes dos jornais, mas não enchem as ruas, até que a campanha da Aliança Liberal, em 1929, toma amplitude nacional e ressoa no grande tambor cívico da então Capital da República.”

Hélio Silva fala de um fôlego só, como quem faz um depoimento sobre a sua própria vida:

“O povo volta às ruas quando os candidatos Getúlio Vargas e João Pessoa atravessam a cidade, saudados por Batista Luzardo, no famoso discurso: ‘Quem vem lá?’. Só a 1º de janeiro de 1930, com Getúlio Vargas, pela primeira vez um candidato à Presidência da República dirige-se ao povo, sem intermediários, em praça pública, na Esplanada do Castelo, porque os recintos fechados lhe foram negados pelos governos federal e municipal”.

“O comício da Esplanada do Castelo reuniu a maior multidão que até então se apresentara numa reunião política. Só depois, quando chega ao Rio o corpo de João Pessoa, assassinado em julho de 30, no Recife, a cidade volta a apresentar o seu povo manifestando-se nas ruas.”

“A chegada de Vargas ao Rio de Janeiro e a sua posse na chefia do governo provisório, em novembro, tiveram aclamação popular. Mas o Rio só conheceria uma grande concentração dessas, que alteram o curso da história, quando os submarinos alemães torpedearam seguidamente 13 navios brasileiros, em 43, e o povo caminhou até o Palácio Guanabara, reclamando de Vargas a decretação do estado de guerra.”

Mergulhado na história, Hélio Silva nem parece perceber o barulho que vem lá debaixo do prédio da rua da Assembleia, no centro do Rio, onde está instalado o quartel-general do Centro de Memória Social Brasileira, que ele dirige. É o barulho de um carro de som que toca o “Frevo das Diretas” (“Vai ser barbada / a eleição direta vai ganhar de goleada”). Mas, por enquanto, ainda estamos na Segunda Guerra e o espaço é curto, e é melhor não atrapalhar esta travessia histórica.

“A partida do primeiro escalão da FEB e o regresso dos pracinhas encheram a avenida Rio Branco, mas não foram das maiores manifestações populares. Estas só aconteceram a 24 de agosto de 1954, quando do suicídio de Getúlio Vargas. A multidão incomensurável desfilou durante 11 horas diante do seu esquife e encheu o trajeto até o aeroporto, onde seu corpo foi embarcado embalsamado para São Borja.”

“A história prossegue o seu curso. Sucedem-se os governos de Café Filho, Carlos Luz, Nereu Ramos, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, até a renúncia do primeiro candidato de oposição eleito no Brasil. Este episódio, no entanto, não teve a repercussão popular que ele mesmo esperava. A

campanha da posse do vice-presidente João Goulart, a batalha parlamentar, o seu regresso processaram-se mais em Brasília, a cidade-campânula que parece construída para abafar todos os acontecimentos nacionais, isolando os dirigentes políticos do povo.”

“O governo populista de Jango foi agitado, mas não chegou a agitar as ruas, a não ser no seu final. O comício da sexta-feira, 13, em março de 64, com o aparato governamental mobilizando as massas trabalhadoras, repovoou aquele cenário onde, a 15 de novembro de 1889, diante de um número bem menor de figurantes, Deodoro derrubou a monarquia. As árvores do Campo de Santana e o edifício do Palácio da Guerra são testemunhas silentes destes acontecimentos.”

“Com os episódios que se seguiram ao levante do general Mourão Filho, na madrugada de 31 de março, partindo de Juiz de Fora, inicia-se o consulado militar que ainda se prolonga. Não eram propícias para o regime as manifestações de rua. Os estudantes, os intelectuais e o povo que a eles aderiu ainda realizaram passeatas, até a famosa ‘passeata dos 100 mil’, em abril de 68, cujo volume e significação, embora o pacifismo que as caracterizava, provocaram as represálias do poder discricionário.”

“Foram proibidas as passeatas. O Rio de Janeiro era condenado ao silêncio das ruas, mesmo quando se viu forçado a manifestações de protesto, quando foi assassinado no restaurante estudantil do Calabouço o jovem Edson Luís. Não houve, porém, restrição arbitrária, nem ameaça policial, nem pressão militar que evitasse que a multidão desfilasse pelas ruas até à Câmara Municipal, onde era velado o corpo do estudante. Ainda era um enterro que marcava a manifestação do povo do Rio de Janeiro.”

“Seria outro enterro, o do ex-presidente da República Juscelino Kubitschek, que repetiria uma grande manifestação, em que o povo venerava o presidente liberal, com tudo o que representava seu respeito à Constituição, a tolerância na promulgação da anistia aos que o combatiam, a crença na lei, no povo e na democracia.”

“Chegou a hora de cuidarmos dos vivos”, proclama Hélio Silva ao chegar de volta ao presente, às vésperas do grande comício do Rio pelas diretas. “Não esperemos que continuem a morrer aqueles que simbolizam a liberdade para sairmos às ruas, defendendo-a. Por isso, esta cidade do Rio de

Janeiro, a trincheira que nunca se rendeu, reassume seu papel de liderança cívica do país e retoma a sua missão de tambor da liberdade.”

Agora, não é o historiador quem fala, mas o cidadão carioca, que nunca se limitou a ser uma testemunha da história, vivendo-a, isto sim, intensamente: “Hoje, o Rio de Janeiro, a gloriosa e leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, tem o seu grande dia. Quero afirmar, alto e bom som, de maneira insofismável, que aqui, nesta cidade, há um só coração a pulsar pela liberdade. Liberdade que, neste momento, significa eleições diretas já”.

“Será surdez cívica, cegueira cívica, não ouvir e não ver este movimento a que nenhum brasileiro pode permanecer indiferente. Por isso, a velha testemunha sabe, pela experiência vivida, que nada mais poderá deter esse movimento.”



Manifestação popular no Rio de Janeiro pelas eleições diretas para Presidência da República. Rio de Janeiro/RJ. 1984. | Crédito: Rogério Reis/Acervo FGV/CPDOC.



Cartaz Diretas Já — Igreja da Candelária/RJ. | Crédito: Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.

Abril, 11 — Rio de Janeiro

O País grande reencontra a Nação

“É o Rio de Janeiro, velho...”

Olhando para aquela multidão, o amigo nada mais disse, nem lhe foi perguntado. Nem era preciso dizer mais nada, depois do abraço, marmanjos de olhos marejados a não ser que é o Rio de Janeiro, sim, mas é acima de tudo o Brasil, palco da maior e mais fantástica manifestação popular de todos os tempos.

Depois desse comício do Rio de Janeiro, apoteose de uma travessia que começou timidamente em São Paulo, com umas 15 mil pessoas pedindo eleições diretas, em frente ao estádio do Pacaembu, no longínquo mês de novembro do ano passado — e faz apenas seis meses —, ninguém, nunca mais, ousará falar em consenso ou negociação, que não seja o consenso das eleições diretas já, aqui e agora.

Se alguém ainda tinha alguma dúvida antes deste histórico 10 de abril, que fique sabendo que o Brasil se reencontrou definitivamente com seu destino, na grande cruz formada pelo mar humano que, a partir da Candelária, inundou a avenida Presidente Vargas, para lá da praça da República, e a avenida Rio Branco até a Cinelândia, de um lado, até a praça Mauá, de outro, explodindo num grito só, há muito tempo parado no ar, ao mesmo tempo de basta e de esperança.

Quem podia imaginar, há apenas seis meses, este Rio de Janeiro das praias, mulheres bonitas, escolas de samba e jogo do bicho, nostálgico dos tempos de capital da República, irmanado nas ruas até onde a vista da gente alcançava, batendo palmas, as mãos erguidas, no ritmo da música “Nos bailes da vida”, cantada pelos autores Milton Nascimento e Wagner Tiso?

“Todo artista tem de ir/onde o povo está”... — e eles poderiam cantar também, além do artista, o operário, o professor, o profissional liberal, o desempregado, o empresário, o colarinho branco, o lavrador, o estudante, o jornalista, o poeta, toda a gente, de todas as cores, tamanhos, angústias, ilusões, que ontem desaguou sua ira santa e a certeza bonita de que, apesar de tudo, ainda dá orgulho de ser brasileiro.

Pena que Teotônio Vilela e todos os que ficaram pelo caminho não estivessem vivos para ver como valeu a pena acreditar, resistir, ir levando até o dia em que não dava mais para segurar. O Brasil voltou 20 anos atrás em algumas horas, para poder olhar novamente para a frente, o futuro nas próprias mãos, o povo nas ruas, a vontade de perdoar, mas nunca de esquecer.

Uma faixa feita a mão por algum brasileiro anônimo no meio da multidão, segurando a sua entre milhares de outras, talvez resuma melhor do que a emoção do repórter já um pouco cansado das emoções destes últimos meses, o que aquele povo todo queria dizer: “Se alguns pediram 64, agora todos pedem diretas”.

Por uma dessas ironias da vida, está passando no Rio um filme chamado “Jango”, de Silvio Tendler, que desde sua estreia forma filas sem fim nos cinemas. Sem entrar no mérito de filme e do personagem, que não sou crítico nem comentarista político, só posso dizer que esta coincidência do encontro entre o passado e o presente está indicando um futuro ali mesmo, na próxima esquina, como se o povo estivesse fazendo a autópsia em corpo vivo de um regime que não deu certo, e ninguém quer mais, já.

Para quem não teve a alegria de estar presente nem viu televisão ontem, basta dizer só uma coisa: às 6 da tarde, ainda não havia chegado nenhuma grande estrela política, nenhum governador, os artistas eram os de sempre, e o grande comício do Rio já havia dado seu recado. Mas, mesmo que ninguém tivesse usado os microfones do “púlpito”, mesmo que não tivesse sido dita uma única palavra, este período da vida brasileira conhecido por “64” já teria sido enterrado para sempre no rosto de cada pessoa, nas chuvas de papel picado, na festa das ruas e das sacadas das janelas de todos os prédios da Presidente Vargas e da Rio Branco, no verde e amarelo que voltou a tremular como em nenhum 7 de setembro de que se tenha notícia.

O Brasil já não era o mesmo, antes do primeiro discurso do primeiro líder nacional a falar, quando o Sol se punha no céu limpo do Rio de Janeiro desta tarde de terça-feira, que ninguém vai esquecer. O palanque nobre — havia um outro atrás, que deveria ser o único, mas acabou servindo de sala de espera — fora invadido por equipes da Rede Globo, que de uma hora para outra queriam ver, ouvir e cobrir tudo do comício. O boicote da mais poderosa rede de televisão, acompanhado estes meses todos por quase toda

a chamada grande imprensa, desabava diante da grandeza de um povo, que já não precisa de convite para saber onde deve ir.

Melhor assim, do que nos comícios dos confins do Brasil onde não se encontrava um único jornalista, até poucas semanas atrás, para conversar e trocar figurinhas sobre o número de pessoas na praça, como os repórteres costumam fazer.

Demorou um bocado, mas foi bom de ver outra vez jornalistas de todos os jornais, rádios e televisões, empenhados em contar o que havia de mais importante no nosso país.

Por um momento, vendo aquela festa toda, a Rede Globo anunciando em edições extraordinárias do *Jornal Nacional*, ao vivo, lá na Candelária, que o comício já reunia mais de um milhão de pessoas, começou a passar na minha cabeça o videotape de outros comícios, em Teresina, São Luís, Macapá, Rio Branco, Cuiabá, onde não havia esse aparato todo, nem tanta gente, porque são cidades pequenas comparadas com o Rio, mas se via as mesmas expressões, a mesma vontade, a mesma pureza de cada um acreditar em alguma coisa para evitar o desespero.

Pois é, a travessia da Campanha das Diretas foi seguindo em frente, sem dar muita bola para o ceticismo de tantos aliados que até achavam bonita a festa, mas não acreditavam no final feliz. Até que, nesse comício do Rio de Janeiro, entre tantos notáveis da oposição, se descobre, na passarela que liga um palanque a outro, a figura de Eduardo Portela, o ex-ministro da Educação de Figueiredo, que ficou famoso por uma frase dita ao cair do cavalo. Parlamentares do PDS são aplaudidos, só por estarem no palanque, mesmo que ninguém preste muita atenção no que dizem. Aliás, a impressão que se tinha, ao atravessar aquela multidão, era que ninguém tinha muito interesse em ouvir, mas em falar. Foram 52 os oradores oficiais, mas centenas de milhares os que discursaram o tempo todo lá embaixo, como se fosse uma missa com o texto litúrgico distribuído na entrada da igreja.

O general Ernesto Geisel, que trabalha na Norquisa, no prédio do Banco Econômico (aquele do seu ministro Calmon de Sá, que saiu do Banco do Brasil para o Ministério da Indústria e Comércio, quando do misterioso caso de um cheque administrativo), não sabe o que perdeu. Da sua janela, bem em frente à Candelária, ele poderia ver, se tivesse ido trabalhar ontem,

um Brasil que nem imaginava no seu tempo de presidente — um Brasil com dignidade.

Nas horas que antecederam esta grande afirmação da nacionalidade, porém, o clima que se respirava no Rio era mais de tensão do que de festa. Todos sabiam que estavam no limiar de um momento histórico, mas eram muitos os que temiam por ele, não pelo povo, é claro, mas pelo que poderiam tentar os sobreviventes da turma do Riocentro, num último gesto de desespero para impedir que se transformasse em realidade a vontade nacional.

Os agentes da Polícia Federal instalados no Hotel Guanabara, em camarotes com visão privilegiada para o comício, atendendo às determinações do ministro da Justiça, Abi Ackel, são as melhores testemunhas que os habitantes do “*bunker*” do Palácio do Planalto, quando voltarem da sua nova vilegiatura por além-mar, poderão ouvir para saber o que foi que aconteceu nesta terça-feira, 10 de abril de 1984, na cidade do Rio de Janeiro. Mas, se quiserem saber antes, lendo este jornal, podem acreditar: foi bom de ver — nunca o Brasil viu nada igual. Nas ruas do Rio de Janeiro, este País grande se fez novamente uma grande Nação.

Quando todos se deram as mãos, no fim do comício, no palanque e nas ruas, para cantar o Hino Nacional Brasileiro, o Rio de Janeiro já tinha voltado a ser o Rio brasileiro, alegre e moleque, sério se for preciso, generoso sempre. E lá se foi a multidão embora, debaixo de uma chuva fina com gosto de vida nova, cantando com mais força os versos de Vandrê, que também se tornaram um hino: “Vem / vamos embora / que esperar não é saber / quem sabe faz a hora / não espera acontecer”.



Da esq. p/dir.: Leonel Brizola (1°); Ulysses Guimarães (2°); Franco Montoro (3°); Tancredo Neves (4°). Comício no centro do Rio de Janeiro pelas eleições diretas para Presidência da República. 10 abr. 1984. Rio de Janeiro/RJ. | Crédito: Ed Viggiani/Acervo FGV/CPDOC.



Ulysses Guimarães (à esquerda) e Leonel Brizola (à direita) segurando uma criança por ocasião da Campanha das Diretas. 1984. | Crédito: Acervo FGV/CPDOC.



A irresistível marcha das DIRETAS

Texto de MURILO MELO FILHO • Fotos de Antônio Ribeiro



No Rio, o centro da cidade parou com a manifestação que levou a Avenida Rio Branco, da Candelária e Cinelândia. O povo tem pressa em votar para presidente.

A campanha popular pelas eleições diretas continua empolgando as massas em todo o país: comícios sucessivos nas principais cidades demonstram que a grande maioria do povo brasileiro quer votar agora para presidente da República.

O PMDB está buscando ganhar esse entusiasmo para forçar o Congresso a aprovar no próximo dia 25 de abril a Emenda Dante de Oliveira, favorável a essas eleições diretas.

O Deputado Ulysses Guimarães está pedindo tudo isso parado e não admite sequer qualquer conversa com o governo antes do dia 25 de abril, pois ele quer a pressão da opinião pública seria suficientemente grande para obrigar os parlamentares de todos os partidos a votarem pelas eleições populares agora em 1984.

Esta ele apertadíssima de que, com a perspectiva de riscos de não se reelegerem em 1990, os atuais congressistas terminariam por votar contra a deliberação do Palácio do Planalto e reatuar a atual Constituição, que prevê a escolha do sucessor de Figueiredo pelo Colégio Eleitoral.

Essa Colégio Eleitoral é considerado pela oposição simplesmente egoísta, legal e ilegítimo.

NELE

A irresistível marcha das Diretas. Reportagem de Murilo Melo Filho, com fotos de Antônio Ribeiro. Manchete nº 1.668, abr. 1984. Páginas 14 e 15. | Crédito: Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.



A Grande Passeata de São Paulo:

Na reta de chegada



Abril, 17 — São Paulo

Todos sabiam aonde queriam chegar

Era para ser apenas mais uma passeata, da praça de Sé ao Vale do Anhangabaú, fechando o festival cívico da Campanha das Diretas, em São Paulo. Mas, quando a comissão de frente chegou ao Anhangabaú, pouco antes das seis e meia da tarde, governadores, presidentes de partidos, autoridades em geral e penetras, que se agarraram à faixa das “Diretas Já”, todos se deram conta que não era uma passeata só, eram muitas, vindas de todos os cantos, batendo mais uma vez, em questão de poucos dias, o recorde de gente em manifestações públicas no Brasil.

Aos políticos já faltavam palavras para expressar a emoção de ver o Vale do Anhangabaú transformado numa maré humana como nunca se viu antes igual no Brasil. Parecia que São Paulo inteira havia saído para as ruas, como quem vai atrás do trio elétrico, com uma diferença: aqui, todos sabiam exatamente aonde queriam chegar. A democracia, ontem à noite, em São Paulo, estava ao alcance das mãos de cada um, no tremular das bandeiras verde-amarelas, no canto de peito aberto, na alegria do reencontro de um povo com o seu destino.

Mais feliz que todos, porém, era um sujeito alto, de barba bem aparada, óculos de professor, cara de estudante, que vinha espremido no meio do bagunçado bloco do abre-alas, atrás do governador Franco Montoro e do presidente da OAB, Mario Duarte Garcia. Era o deputado Dante de Oliveira, do PMDB de Mato Grosso, também conhecido como “o próprio”, por ser o autor da emenda das diretas, que levou o seu nome.

“Agora eu tenho certeza da vitória”, proclamava o comovido deputado de primeira legislatura, 32 anos, casado, sem filhos, que, logo depois de eleito, em 1982, pediu ao pai para ajudá-lo a escrever a emenda em torno da qual o Brasil se levantou em poucos meses.

Dante de Oliveira chegou cedo à praça da Sé, onde outros dois sujeitos, também na faixa dos 30, tentavam organizar a festa e se preocupavam com a chuva: Mauro Motoryn, pelo PMDB, e José Dirceu de Oliveira Silva, pelo

PT, principais responsáveis do Comitê Paulista Pró-Diretas, para que tudo saísse bem na passeata.

José Dirceu, Mauro e Dante foram líderes estudantis, perseguidos pela polícia, e agora estavam à frente daquela que acabou sendo, contrariando o pessimismo de tantos líderes, a maior manifestação de quantas se fizeram pelo país afora nestes últimos meses. A geração esmagada dos anos 1960 e 1970 estava de novo nas ruas, sem correr da polícia, mas não só eles: apesar da chuva, a praça da Sé foi enchendo de gente. Primeiro, colegas de trabalho, depois grupos organizados de entidades, enfim famílias inteiras.



Em primeiro plano, ao centro: Lucy Montoro. Descendo do ônibus: Leonel Brizola (1°); Franco Montoro (2°); Fernando Henrique Cardoso (3°). Passeata pró-diretas em São Paulo. 16 abr. 1984. | Crédito: Acervo FGV/CPDOC.



Na primeira fileira, da esq./dir.: Fernando Henrique Cardoso (1º); Franco Montoro (2º); Leonel Brizola (3º); Lucy Montoro (4ª). Ao fundo, de pé, da esq./dir.: Dante de Oliveira (1º). Passeata pró-diretas em São Paulo em 16 abr. 1984. | Crédito: Acervo FGV/CPDOC.

“Apolo Zero Uno”

Pelo *walkie-talkie*, atendendo pelo código “Apolo Zero Uno”, Mauro Moryn e José Dirceu recebiam informações e davam ordens, algo que eles não poderiam imaginar nem faz tanto tempo. “Nós somos do tempo do megafone”, brincavam eles, lembrando os tempos das passeatas estudantis. Agora, não havia mais vanguardas, era o povo todo nas ruas, mostrando sua força na defesa de um ideal.

Mais perseguido pela imprensa do que os artistas, jogadores de futebol e políticos, Dante de Oliveira reconhece: “Não dava para imaginar que minha emenda acabasse materializando a vontade do povo brasileiro, servindo de instrumento para uma luta que já é vitoriosa”. No Rio, quando foi chamado por Brizola para falar no comício da Candelária, Dante mal conseguiu balbuciar umas poucas palavras e, ontem, diante da multidão que se formava à sua volta, às quatro da tarde, pouco antes de a passeata sair, ele contava como foi difícil conseguir as assinaturas para apresentar sua emenda, logo na abertura do Congresso, no ano passado.

“Quando eu ia pedir assinaturas, os mais antigos me gozavam, falavam assim: ‘Olha o doido, daqui a pouco vai apresentar uma emenda para resolver os problemas políticos e econômicos do país...’ Pedi até assinatura para repórter, porque não conhecia quase ninguém... Peguei gente no aeroporto, telefonei para o Richa e o Montoro, pedindo que assinassem, porque precisava de 23 senadores. O Nelson Carneiro eu peguei em casa, de pijama, tomando chazinho. Depois que estava tudo pronto, levei ao Ulysses, três dias antes da abertura do Congresso, e falei: o senhor, como presidente, deveria assinar em primeiro lugar. Ele falou: espera aí, vamos conversar. Mas eu tinha pressa. Dois dias depois, perguntei de novo: ‘doutor Ulysses, como fica a emenda?’”.

Era preciso ver se não havia outros projetos semelhantes, a Executiva do PMDB poderia reunir todos num só, mas Dante não quis esperar mais e, no dia 2 de março de 1983, às 15h30, assim que abriu o pequeno expediente, ele apresentou sua emenda, que só seria lida a 18 de abril e hibernaria por longos meses. Só no final do ano passado o país ouviria falar de uma tal Emenda Dante de Oliveira, que acabaria se transformando no símbolo da luta do povo brasileiro.

Outro símbolo estava a alguns passos de Dante de Oliveira, na Benjamim Constant, de onde deveria partir a comissão de frente da passeata: balançando ao vento, via-se o boneco de três metros de altura, um Teotônio Vilela com chapéu, óculos, bengala e tudo, admirando a grande festa em que, durante muito tempo, só ele mesmo acreditava.



Da esq. p/dir. (à frente): Lucy Montoro (1ª); Tancredo Neves (2º); Marcos Freire (7º); Miguel Arraes (9º); Luiz Inácio Lula da Silva (10º). Comício durante Campanha das Diretas Já. 16 abr. 1984. São Paulo/SP. | Crédito: José Luis da Conceição/Acervo FGV/CPDOC.



Da esq. p/dir. (à frente): Leonel Brizola (1º); Ulysses Guimarães (2º); Lucy Montoro (3ª); Tancredo Neves (4º); Franco Montoro (5º); Fernando Henrique Cardoso (6º). Comício durante Campanha das Diretas Já. 16 abr. 1984. São Paulo/SP. | Crédito: Agência Folhas/Acervo FGV/CPDOC.

“Caminhando”

A confusão já começara um pouco antes, com a passeata dos professores chegando pela contramão na Benjamim Constant, enquanto os carros de som tascavam “Caminhando”, o hino de Vandr . Quantas vezes escrevi estes versos — “vem, vamos embora, que esperar não é saber” — nas últimas semanas para contar o que o povo cantou? Quantos milhões de brasileiros não foram atrás desta toada singela, que expressa, mais do que nunca, o que vai pela alma popular?

Sai Vandr , entra Chico — “apesar de você, amanhã há de ser outro dia/ ainda pago pra ver / esse dia nascer...” — vem Milton Nascimento, entra Simone, brilha Elis, aqueles cantores todos que estão onde o povo está, e junta gente, e tome chuva de papel picado. A chuva de verdade agora parou um pouco, o sol arrisca vencer as nuvens escuras, uma professora, Maria Isabel Rodrigues, passa feliz da vida com seu cachorro, Zumbi, na coleira, vestido de amarelo como ela. “Ele foi em todas as passeatas dos professores, agora tem direito de passear pelas diretas t mb m”.

Passa o cachorro, aparece um burro, um burro mesmo, desses de orelha grande —com uma manta em que se l : “Gosto do cheiro de burros, mas prefiro as diretas”. O nome do burro, segundo seu alegre dono, o contador Roberto Bottacin,   Delfin. Ao lado do boneco de Teotônio, uma caricatura de Maluf, tampando os ouvidos, e perguntando: “Passeata onde?”.

Pouco antes das cinco da tarde, o governador Montoro e o cortejo de políticos convidados — Tancredo, Brizola, Arraes, Lula, Doutel de Andrade, Ulysses Guimarães, etc. — surgem no saguão da Secretaria da Cultura, no Largo São Francisco. A passeata vai, finalmente, com car. Mas por onde? Assim que a comissão de frente aparece na rua, surge o impasse. Ninguém mais consegue andar nem para a frente, nem para tr s, nem para os lados.

“Tem que organizar”, grita alguém l  de tr s, mas como? Brizola ajuda a salvar dona Mora, mulher de Ulysses, engolfada pela multidão. Os seguranças entram no bolo nadando de braçadas, cotovelos abertos, mas t mb m não resolvem. Tentando organizar a confusão, Montoro consegue ainda falar para o repórter: “A emenda passa, não tenho mais d vida nenhuma”.

A única d vida, a essa altura, é saber para onde a passeata vai seguir. Voltar para a Benjamim Constant, onde deveria com car, não d  mais. Quin-

ze minutos de negociações depois, a passeata segue mesmo em frente, pela Líbero Badaró, rumo à praça do Patriarca. Lá vêm eles, segurando uma tosca faixa em que se lê: “já, já, já, já, passeata de São Paulo pelas diretas já”. O trio elétrico, com Osmar Santos e os artistas, que deveria seguir à frente da passeata, sumiu, e o deputado José Gregori é improvisado como locutor do carro que serve de abre-alas.

Na entrada do viaduto do Chá, novo impasse. O único refrão que se ouve agora é: “calma, calma”. Outras passeatas confluem para o viaduto do Chá; ninguém mais, apesar de todos os *walkie-talkies*, tem ideia do que está acontecendo. Fernando Henrique Cardoso e Orestes Quêrcia abandonam seus postos na fila de honra da comissão de frente e tentam abrir caminho. Quinze para as seis, a passeata chega finalmente à praça Ramos de Azevedo, com secretários de Estado já transformados em seguranças. Doutel e Lula não aguentam mais ficar atrás da faixa, esmagados, e passam por baixo, postam-se à frente.

Dá para ver que o Anhangabaú está apinhado de gente até onde a vista alcança, até o viaduto Santa Efigênia, de um lado, até a praça da Bandeira, de outro. “Tem muita gente viajando de carona no carro da democracia”, ironiza Doutel de Andrade, ao parar um pouco para tomar fôlego. Ulysses está feliz da vida: “Há seis meses era mais fácil organizar uma passeata dessas. Agora... Agora, nossos problemas são de crescimento, de gigantismo...”. Lula acende um cigarro, vendo aquela alegre bagunça brasileira — eu disse bagunça, não baderna, bem entendido. Atrás do teatro, novo congestionamento humano. Quando a passeata chega na avenida São João, alguém berra: “À direita, à direita”. “À direita, nunca”, rebateu em cima Rogê Ferreira, o presidente do PDT paulista.

Daí para a frente, não dava para ver mais nada. Nem era preciso: o Anhangabaú, lotado, dava o grande recado político para Brasília ouvir. O coro é ensurdecidor: “Chora, Figueiredo, Figueiredo chora, chora Figueiredo, que chegou a sua hora”. As estrelas do comício são levadas em automóveis até a passarela palanque do Anhangabaú e o cine Saci continua passando, para ninguém, o filme *Os bárbaros invadem o templo de Shaolim*. Abaixo do cartaz do filme, uma faixa amarela: “Diretas já, eu quero votar para presidente”.



Passeata pró-diretas em São Paulo. 16 abr. 1984. | Crédito: Acervo FGV/CPDOC.



Em primeiro plano, da esq./dir.: Luiz Inácio Lula da Silva (1°); Ulysses Guimarães (2°); Orestes Quécia (4°); Leonel Brizola (5°); Franco Montoro (6°); Tancredo Neves (7°); Osmar Santos (8°); Fernando Henrique Cardoso (9°). Passeata pró-diretas em São Paulo. 16 abr. 1984. | Crédito: Acervo FGV/CPDOC.



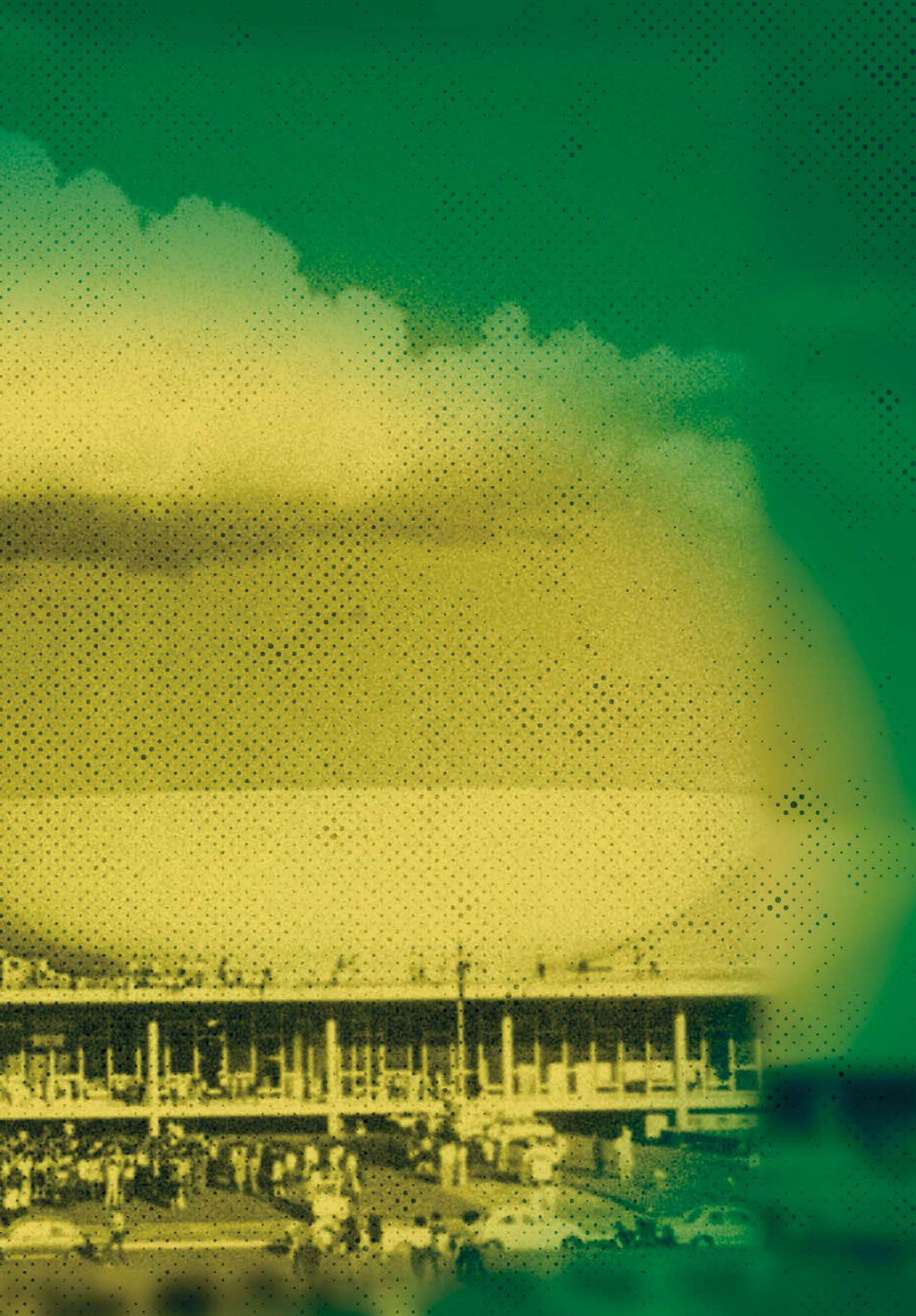
Da esq. p/dir.: Luiz Inácio Lula da Silva (3º); Ulysses Guimarães (4º); Orestes Quêrcia (6º); Leonel Brizola (7º); Franco Montoro (8º); Tancredo Neves (9º); Osmar Santos (10º). Comício durante Campanha das Diretas Já. 16 abr. 1984. São Paulo/ SP. | Crédito: Ariovaldo dos Santos/Acervo FGV/CPDOC.



Da esq. p/dir.: Luiz Inácio Lula da Silva (2º); Ulysses Guimarães (3º); Orestes Quércia (5º); Leonel Brizola (6º); Franco Montoro (7º); Tancredo Neves (8º); Osmar Santos (9º); Fernando Henrique Cardoso (10º). Comício durante Campanha das Diretas Já. 16 abr. 1984. São Paulo/ SP. | Crédito: Ariovaldo dos Santos/ Acervo FGV/CPDOC.

The background of the entire page is a halftone image. It depicts a large stadium, likely for a football match, filled with a dense crowd of spectators. In the background, behind the stadium, there is a tall, slender structure, possibly a tower or a monument, against a sky with some clouds. The halftone pattern consists of small dots of varying sizes, creating a textured effect across the entire image.

***A decisão
em Brasília:
E agora?***



Abril, 22 — Brasília

Um outro país, pronto a proclamar “vencemos”

No já longínquo 27 de novembro do ano passado, não mais que 15 mil pessoas se reuniam em frente ao Estádio do Pacaembu, na primeira manifestação pública em favor das eleições diretas. Naquela tarde, morria Teotônio Vilela. Foi um começo triste, frustrante.

Quem poderia imaginar toda esta festa, menos de cinco meses depois, com a Nação brasileira novamente de pé, exigindo seus direitos em praça pública?

Quarenta mil quilômetros e incontáveis milhões de pessoas depois daquele comício do Pacaembu, quando eram muito poucos os que acreditavam num final feliz, olha aí a Caravana das Diretas chegando a Brasília para a grande decisão da próxima quarta-feira.

Aconteça o que acontecer, ganhe quem ganhar a votação da Emenda Dante de Oliveira, um grande vencedor já desponta, incontestável: é este povo massacrado por 20 anos de autoritarismo, que encontrou forças para se levantar num grito uníssono que varre o Brasil nestes poucos, loucos meses, ricos de vida e de esperança.

Não será exagero dizer, agora, os rins doendo de tantas viagens, o coração batendo mais forte, que tudo parece um sonho, um sonho bom demais para ser verdade. Não diziam que este povo era acomodado, conformado, que tudo continuaria como estava por muitos anos ainda, porque o brasileiro é assim mesmo, não sabe reagir?

Pois a melhor, entre tantas histórias que ouvi por este Brasil afora — às vezes me perguntando onde mesmo estava ao acordar —, foi agora, já no fim, na véspera do comício do Rio. O motorista do táxi que me levou do aeroporto à Sucursal da Folha, na Presidente Vargas, parecia em estado de graça, apesar do carro caindo aos pedaços e de sua aparência algo combalida.

“Meu amigo, o brasileiro é que nem aquela história do cachorro. Conhece a história do cachorro manso? O cachorro passou a vida apanhando, levando chute sem chiar, até que um dia... Até que um dia o cachorro ficou bravo e mordeu o dono...”

Menos de 24 horas depois, a avenida Presidente Vargas e redondezas eram inundadas por uma enchente humana, que escrachava para quem ainda não queria ver o fato realmente novo desta Campanha das Diretas: pela primeira vez na História do Brasil, reunia-se no palanque e lá embaixo, nas ruas, gente de todas as tendências políticas, de rendas familiares as mais díspares, de todas as classes sociais, de todos os credos religiosos — o povo, enfim, em torno de um ideal.

Durante todo o tempo que a Caravana das Diretas cruzou várias vezes este país continental, confrontavam-se estes dois mundos: o das elites, nos gabinetes, procurando uma negociação que ninguém sabia explicar exatamente em torno do que, e o do povo nas ruas, gritando, sem tergiversações, que não quer mais isso que aí está.

Por isso mesmo, já está sacramentado para todos que essa campanha não tem donos e, se algum herói existe na história, é o homem anônimo que foi para as ruas, lotou as praças, exigiu que a televisão mostrasse seu rosto, roubou espaço nos jornais e reconquistou o direito à cidadania. Se vai reconquistar o direito de votar — quer dizer, decidir sobre seu próprio destino — já é outra história. Que ele existe, esse homem sem títulos nem cartão de visita, ninguém duvida mais.

Mas é de justiça, também, reconhecer que, se essa Campanha das Diretas chegou onde chegou, obrigando o estrebuchante regime de 64 a admitir emendas na Carta outorgada pela Junta Militar em 1969, mesmo que para vigorar só mais tarde, isso se deve à obstinação de dois brasileiros chamados Ulysses Guimarães e Luiz Inácio Lula da Silva, homens de origens, idades, histórias de vida bem diversas, mas que, num determinado momento da nossa história, se encontraram para expressar a vontade popular: chega, basta, fora com esse regime que desgraçou o Brasil.

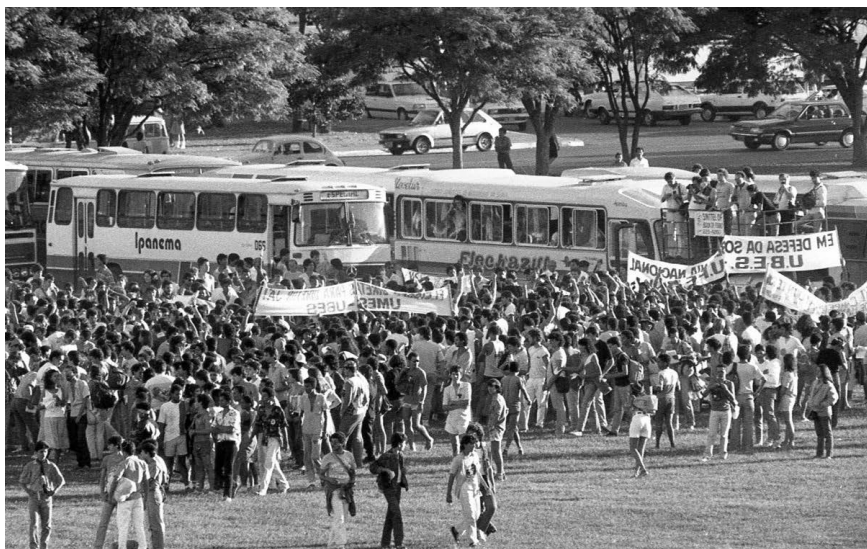
Foi isso que eles repetiram até a exaustão pelas dezenas de palanques erigidos em dezenas de cidades de todos os estados brasileiros, sem esquecer os territórios, sem se limitarem a condenar o que ninguém quer mais, mas acenando sempre com a perspectiva de melhores dias, de alguma esperança numa vida melhor. E deve-se acrescentar um terceiro nome, o de Doutel de Andrade, presidente do PDT, que, representando sempre o governador Leonel Brizola, como fazia questão de deixar claro em todos os comícios,

esteve presente, ao lado de Ulysses e de Lula, em todas as escalas cívicas desta verdadeira viagem de volta ao Brasil dos brasileiros.

Claro que nem eles nem os milhões que os ouviram esperam que o milagre se opere no dia seguinte ao da eleição direta, transformando o inferno a que chegamos no final do ano passado no paraíso que todos sonham. É apenas o primeiro passo, o início de uma longa jornada que nos devolverá a soberania e o orgulho de ter nascido nesta terra generosa, que nem todo o arbítrio e toda a corrupção conseguiram ainda destruir. Cada um, nos palanques e nas ruas, parecia ter plena consciência disso e, se nem todos os que foram aos comícios sabiam o que representavam as eleições diretas, uma coisa é certa, posso garantir, como testemunha desta romaria: de lá, eles saíram sabendo, e ninguém foi ver artistas.

Os artistas, os políticos, os jornalistas, os líderes da constelação de entidades da sociedade civil que se multiplicou e veio à luz nestes últimos meses, todos eles apenas fizeram parte da procissão, que seguiria em frente, com ou sem eles, mas que ficou mais forte, mais unida, a partir do momento em que foram deixadas de lado as vaidades, as divergências ideológicas, aquelas histórias antigas das oposições que todos conhecemos.

Entre mortos e feridos, salvaram-se todos — e é exatamente isso, a unidade demonstrada pelos líderes nos momentos mais agudos, e a explosão popular que sacudiu o Brasil, o grande trunfo da Caravana das Diretas ao desembarcar em Brasília para a batalha final esta semana. Por mais que Brasília resista a esta verdade, o Brasil de abril de 1984 é outro país. Na quarta-feira, dia 25, sem precisar de nenhuma guerra, sem dar um tiro, sem traumas e sem remorsos, esta Nação de 130 milhões de cidadãos — se os congressistas e o que resta do regime tiverem um mínimo de juízo — poderá gritar: “Vencemos!”



Manifestantes em Brasília. Brasília, abril de 1984. | Crédito: Moreno/EBC.



Manifestantes se dirigindo para o Congresso Nacional. Brasília, abril de 1984.
| Crédito: Herminio/EBC.

Abril, 24 — Brasília

Em seu cavalo branco, o executor vê a tropa passar

Montado num imponente cavalo branco, que ganhou do presidente João Figueiredo, o general de divisão Newton Araujo de Oliveira e Cruz, comandante militar do Planalto e da 11^a Região Militar — e, desde a última quarta-feira, executor plenipotenciário das medidas de emergência — adentrou o gramado do Setor Militar Urbano às 9 horas da manhã, dando início ao mais portentoso desfile de tropas de que se tem notícia em Brasília.

Acompanhado de políticos e protestando contra a revista policial no aeroporto de Brasília, pouco tempo depois chegava à capital federal o deputado Ulysses Guimarães, também conhecido por “sr. Eleições Diretas”, seguindo imediatamente para o seu quartel-general instalado no Congresso Nacional, onde passou a tarde preparando o pronunciamento que fará hoje, “em nome da maioria do povo brasileiro”.

Se o desfile do general-executor “Nini”, como é mais conhecido em Brasília o comandante militar do Planalto, foi uma resposta às manifestações populares em defesa da democracia que levantaram o país nos últimos meses, o discurso de Ulysses promete ser uma resposta às arbitrariedades das medidas de emergência e ao retrocesso institucional que ameaça a Nação brasileira nestes dias.

Em nenhum outro lugar do Brasil, com toda certeza, é possível perceber tão claramente o confronto que se desenha entre estes dois poderes — o militar, do general Newton Cruz, e o político, do deputado Ulysses Guimarães.

Os poucos quilômetros que separam o Setor Militar Urbano, que o povo chama de “Forte Apache”, do Congresso Nacional mais parecem a fronteira entre dois países — o Brasil oficial, submetido a duas décadas de arbítrio, e o Brasil real, das ruas, dos anseios populares de uma vida melhor, simplesmente.

Muitos, como o historiador Hélio Silva, que ainda outro dia se referiu a Brasília como a “cidade campânula”, chegam a culpar seus idealizadores, o urbanista Lucio Costa e o arquiteto Oscar Niemeyer, pelo abismo que

separa estes dois mundos, tornando impossível que se faça ouvir aqui o eco dos gritos de um povo que não quer mais ser tutelado.

Na verdade, Lucio Costa e Oscar Niemeyer desenharam seus sonhos nas pranchetas e num tempo diferente, em que o governo de Juscelino Kubitschek permitia os voos altos da liberdade. Como poderiam eles prever o que aconteceria depois, até se chegar ao dramático cenário ontem desnudado: a cidade livre, literalmente sitiada, cercada, violentada, a polícia vigiando a todos nas ruas, 6 mil homens marchando no “Forte Apache”, mostrando seus carros de combate como se fossem para uma guerra?

Que guerra?, perguntavam-se todos. Só se Brasília declarou guerra ao Brasil. Sim, falava-se muito em guerra ontem em Brasília e, por um desses mistérios do inconsciente coletivo, remetia-se a imaginação à Argentina, ao trágico episódio em que os militares de lá declararam guerra à Inglaterra.

Ao apaar do cavalo branco e ajudar algumas criancinhas a montar nele, afável, sorridente, para pouco depois pronunciar sua ordem do dia aos berros — “voz de comando cumpre-se, não se discute” —, o general executor “Nini” lembrava o general Leopoldo Galtieri, aquele que levou a Argentina à guerra.

Só que, aqui, não havia massas delirantes para carregar o general em triunfo: para assistir ao mais impressionante desfile militar já montado no país mais de 6 mil homens, apresentando os mais modernos equipamentos, da infantaria motorizada ao batalhão logístico, do pelotão de remuniciamento aos 180 paraquedistas trazidos especialmente em três aviões “Hercules” do Rio de Janeiro — não havia mais de 500 civis, incluindo 3 do Centro Educacional da Zona Norte, levados em ônibus fretados.

Nunca antes o Comando Militar do Planalto comemorou com tanta pompa, circunstância e poder o seu aniversário. Nem se tratava de uma data tão importante: O CMP apenas completava 24 anos. Mas o general Newton Cruz, que queria fazer o desfile domingo, em pleno Eixo Monumental — e acabou desistindo depois de uma conversa do presidente do PDS, José Sarney, com o ministro do Exército, Válder Pires —, não deixou por menos.

Paraquedistas soltando granadas fumígenas coloridas, músicas marciais, viaturas novinhas em folha, barulho de sirenes, cornetas e tambores, cavalaria em marcha ligeiríssima, cães pastores, armamento de todo tipo — foi algo para impressionar qualquer cristão civil.

“Que se ressalte a coesão militar como símbolo de normalidade! Nós assim o fazemos. Que as pregações maliciosas não assinalem imaginárias dissensões entre os que prometeram cumprir rigorosamente as ordens das autoridades a que estão subordinados, respeitar os superiores hierárquicos, tratar com afeição os irmãos das armas e com bondade os subordinados. A disciplina militar não é um meio nem um fim, antes é um estado”, proclamou o general-executor, cercado no palanque por oficiais gerais, o governador do Distrito Federal, coronel José Ornellas, e a família Cruz, incluindo a filha, o genro e os netos.

O estado, ontem, em Brasília, ao contrário do que afirmou o general, não era propriamente de normalidade, mas de emergência, como deixa claro o decreto do presidente João Figueiredo da semana passada. Mas, ali, no “Forte Apache”, o clima era realmente de absoluta normalidade. Até a imprensa pôde trabalhar livremente. Nenhum jornalista foi ameaçado ou agredido. O general Newton Cruz, desta vez, apenas se recusou a falar com a imprensa.

“Eu gosto muito de vocês. Mas não adianta. Vocês não insistam, porque eu não vou falar nada. A única coisa que eu tinha que falar eu já falei na minha ordem do dia”. Como o batalhão de repórteres insistisse, aos tropeções, cercado pela Polícia do Exército, “Nini” aconselhou: “Cuidado, vocês vão se machucar...”

Livre dos repórteres, o general-executor avançou até onde se encontrava perfilada a Companhia de Brigada de Paraquedistas do Rio de Janeiro. “Eu vou dar ‘hip’ três vezes e vocês vão responder ‘hurra’”. E assim se fez: “hip, hip, hip”, “hurra, hurra, hurra”.

Uma hora depois, estava tudo acabado. Os repórteres ainda insistiam: “como vai ser a censura?”; “e o dia 25...”; “por que um efetivo tão grande?”. Nenhuma resposta. O Brasil oficial já tinha dito o que tinha a dizer, e o general se retirou sorridente no Opala beje placas (particulares) BA 0482.

Ao contrário do que aconteceu com o outro estado de emergência em Brasília, quando da votação dos pacotes salariais no ano passado, desta vez a população não demonstrava medo, mas revolta. Nem foi preciso andar muito pelo Congresso Nacional para reencontrar o Brasil real: no Salão Verde da Câmara, era o próprio vice-governador de São Paulo, Orestes Quércia, quem comandava um comício-relâmpago para protestar contra

o cerco aos prefeitos e vereadores da Frente Municipalista, impedidos de chegar a Brasília.

Não mais do que 30 prefeitos haviam conseguido chegar para a reunião que Quércia marcara no auditório Nereu Ramos, às duas da tarde. O auditório não fora cedido pelo presidente da Câmara Flávio Marcílio, um malufista que defende as medidas de emergência, nem o vice-governador de São Paulo conseguira deixar as recepcionistas com camisetas amarelas da Frente Municipalista no balcão que montou no aeroporto. Tudo proibido. Reclamar para quem?

“Cercaram a Universidade de Brasília”, corre o boato alarmista, pouco depois confirmado. O Congresso Nacional, como sabemos, é uma imensa central de boatos, sempre — o pior é que, ontem, muitos deles acabaram sendo confirmados pelos fatos. Deputados do PDS, que pensavam em votar a favor das diretas, me contam que o presidente Figueiredo lhes telefonou neste fim de semana, ameaçando: “O que vocês estão querendo? O Brizola? Se tivermos eleições agora, entra o Brizola. É isso que vocês querem?...”

No Salão Verde, Quércia continua verberando: “Não queremos conchas, não. Queremos negociação, queremos diretas, já”. O café e os corredores da Câmara fervem: “Em frente à Brasília Rádio Center, na Asa Norte, uma patrulhinha está prendendo quem aparece de camisa amarela... Estão tirando os adesivos das diretas dos carros... Estão revistando os ônibus urbanos para ver se encontram alguém com propaganda das diretas...”.

No Plenário, a mais santa calma: em sessão conjunta, Câmara e Senado homenageiam Ivete Vargas. O líder do PDS, Nelson Marchezan, lê um discurso sem muita vontade. Ninguém presta atenção nos oradores.

Tudo é decidido fora do Plenário. Muito estranho: quem mais fala contra as diretas, que a Emenda Dante de Oliveira não tem mais chance, são o secretário-geral do PMDB, Afonso Camargo, o “Afonzinho”, e o primeiro secretário da Executiva, Roberto Cardoso Alves, o “Robertão”. Este último chegou a ameaçar alguns correligionários: “Vocês estão vendendo ilusões ao povo. Este negócio de tudo ou nada agora significa mais seis anos de general”.

O ritual de sempre se repete. Freitas Nobre, o líder do PMDB, ataca as medidas de emergência, “surgidas das catacumbas do sistema na Granja do Torto”; (...) “a Nação está conosco, não há força que possa derrubar os

ideais da Nação”; (...) “estas medidas constituem um grave retrocesso na nossa Pátria”; (...) “a Nação não é meia dúzia”.

Nelson Marchezan, o líder do PDS, cumpre seu papel de responder à oposição. Buscando argumentos num editorial de *O Globo*, que chamou de “jornal independente”, e contestando Freitas Nobre, com dados da *Folha* — “este jornal que tomou uma posição clara a favor das diretas” —, Marchezan não parece muito à vontade. A discussão toda é porque o líder do PMDB falara em 20 milhões nas ruas a favor das diretas e a *Folha* de domingo registrava 5 milhões nos comícios.

Mas a discussão foi longe, recuou para a década de 1950, descambou para as usinas nucleares, e o líder do governo dava a impressão de que não sabia onde queria chegar. Até que foi ao ponto: falou em governo de transição (sinônimo de mandato tampão, conciliação, “O.B” etc.), elogiou “esse grande governador que é Tancredo Neves”.

Regimentalmente, terminava a contenda das lideranças e a Câmara passou a homenagear o centenário de nascimento do poeta Augusto dos Anjos. Cabisbaixo, sem seu charuto, ignorado por parlamentares e jornalistas, o ex-major Heitor Aquino, cabo eleitoral malufista, que está servindo em Paris, retirou-se da sala do café. Ulysses Guimarães continuou em seu gabinete, preparando o discurso de hoje. Ninguém, em Brasília, sabe dizer como será o próximo capítulo desta novela sem sinopse nem autor, que acabará tendo seu último capítulo escrito por quem a assiste, lá de longe, do Brasil.



No dia 25 de abril de 1984, o Congresso Nacional se reuniu para votar a Emenda Dante de Oliveira. Foi determinada a censura prévia às emissoras de rádio e de televisão, sendo proibida a transmissão ao vivo de qualquer informação sobre a sessão. | Crédito: Arquivo da Câmara dos Deputados.



Comício das mulheres na rampa do congresso. Brasília, abril de 1984.
| Crédito: Herminio/EBC.

1

CONFIDENCIAL

Serviço Nacional de Informações

AGÊNCIA CENTRAL

INFORME Nº 070/16/AC/84

041175 84



DATA : 04 MAI 1984

ASSUNTO : PRISÕES EFETUADAS NA VÉSPERA DA VOTAÇÃO DA EMENDA DANTE DE OLIVEIRA.

ORIGEM : AC/SNI.

AValiação : A-1.

DIFUSÃO : SE-06.

Dep. Carlos So not reportar

Em 24 de abril de 1984, durante uma passeata, realizada na Esplanada dos Ministérios, em BRASÍLIA/DF, em favor das eleições diretas já, foram presos os Deputados Federais ALDO SILVA ARANTES, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)/GOIÁS e militante do Partido Comunista do Brasil (PC do B), e DALTO JACQUES DORNELAS, do Partido Democrático Trabalhista (PDT)/RIO DE JANEIRO e militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB/Ala Prestes), ambos liberados no mesmo dia, e JOSE EDUARDO UTZIG, Vice-Presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) e militante do Partido Revolucionário Comunista (PRC), este liberado na manhã do dia 25 de abril. Participaram, ainda, da referida passeata os seguintes parlamentares:

- Deputado Federal/PMDB/PE ROBERTO JOÃO PE REIRA FREIRE, membro do Comitê Central do PCB;
- Deputado Federal/PMDB/SP ALBERTO GOLDMAN, membro do Comitê Central do PCB;
- Deputado Federal/Partido dos Trabalhadores (PT)/SP JOSE GENOINO NETO, militante do PRC; e
- Deputado Federal/PDT/SP EDUARDO MATARAZZO SUPLICY, advogado de subversivos.

Foram detidos, ainda, vindos do PARÁ, os Deputados Estaduais pelo PMDB PAULO CÉSAR FONTELES DE LIMA, militante do PC do B, e ROMERO XIMENES PONTES, militante do PCB, e, também, RAIMUNDO ANTÔNIO DA COSTA JINKINGS, membro do Comitê

CONFIDENCIAL

Módulo 208

1/2

Prisões efetuadas na véspera da votação da Emenda Dante de Oliveira, 1984.

| Crédito: Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.



Na noite de 24 de abril de 1984, véspera da votação da Emenda Dante de Oliveira, ocorreram manifestações na Esplanada dos Ministérios em favor das eleições diretas. Em resposta, o general Newton Cruz mobilizou as tropas para reprimir os protestos. | Crédito: Acervo Agência Senado.



General Newton Cruz, em vídeo filmado, discursando sobre a sua participação no golpe de 1964. Em 1984, Newton Cruz era comandante militar do Planalto. Às vésperas da votação da Emenda Dante de Oliveira, realizou diversas prisões arbitrárias. | Crédito: Arquivo Nacional.

Abril, 25 — Brasília

Em clima de festa, o Sr. Diretas é consagrado

As galerias e o Plenário de pé, com exceção dos vice-líderes do PDS, cantando o Hino Nacional, mãos dadas, braços erguidos: a Caravana das Diretas finalmente conquistava também o Congresso Nacional, ao final do discurso feito ontem à tarde por Ulysses Guimarães.

Mas este senhor calvo, erecto aos 67 anos, que, entre abraços e cumprimentos, me dizia “esta é a recompensa máxima da minha vida pública”, ao sair do Plenário, ainda não achava que era o bastante. “Preciso ir até as galerias para agradecer a presença dessa gente”, disse ele aos assessores.

E foi em frente. Procuraram convencê-lo que era difícil, melhor desistir. O único jeito era encontrar o pessoal na saída, pois já estavam descendo todos, depois de uma confusão com a segurança. “Então, vamos lá”, decidiu Ulysses. E foi em frente.

Deu a volta pela garagem, chegou à rampa. “Quer dizer que, finalmente, o senhor vai subir a rampa?...”, brinquei com ele. “É, vamos subir a rampa do povo”, respondeu ele. E foi em frente. Na entrada da porta principal do Congresso Nacional, Ulysses Guimarães acabou recebendo a maior consagração que poderia imaginar nestes seus 40 anos de política.

Quem estava nas escadarias parou ali mesmo. Os que já se encontravam no saguão começaram a aplaudir — e começou a festa geral, não escapando nem porteiros e seguranças do Congresso. Ulysses, o velho Ulysses, aquele peemedebista doido que resolveu ir em frente, sem olhar para os lados, estava no meio do povo, cantando, gritando junto com ele: “Um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil”.

(Um pequeno parêntese. Esta cena que estou descrevendo aconteceu umas duas horas atrás e, agora, na redação, não está dando para escrever. É um infernal barulho de buzinas, todo mundo botando a boca no mundo, berrando: “Vai acabar, vai acabar, vai acabar”. O pessoal vai saindo da sucursal da Folha, embarcando na folia. O carnaval começou como se o Brasil tivesse acabado de conquistar a Copa do Mundo — e a votação da emenda das diretas é só amanhã, mas ninguém quer nem saber. Na janela, está o

Fernando Gabeira, não sei se rindo ou chorando, ou tudo junto, como se acordasse de um sonho, ou de um pesadelo, e lhe pergunto: você poderia imaginar uma coisa dessas? “Não, isso aí não...” O povo de Brasília tomara as ruas, literalmente, às seis e quinze da tarde do dia 24 de abril do ano da graça de 1984. Um cara vem me perguntar aqui na janela: “Onde é que se acha fogos para comprar?” E eu lá sei... Esse parêntese já está ficando grande demais e preciso terminar de escrever a matéria.)

Como eu ia dizendo, antes de ser interrompido pelo carnaval, o “sr. Eleições Diretas” estava lá no saguão do Congresso, quando pediu silêncio. “Meus amigos, eu vim aqui para dizer duas palavras”. Ninguém consegue ouvir direito sua voz, o tumulto é geral e, pela prática de outros tempos, as pessoas que estão agora sentadas no chão, à sua volta, vão repetindo frase por frase o que Ulysses está dizendo.

“O meu discurso passou a ser o discurso da Nação (referindo-se ao pronunciamento que acabara de fazer da tribuna da Câmara) graças a vocês, que venceram o aparelho da vergonha e da coerção, e vieram aqui, ao Congresso Nacional, com seus aplausos, seus gritos e com o Hino Nacional. O arbítrio está no fim”.

“O arbítrio está no fim” — a voz grave e rouca de Ulysses Guimarães ainda ecoa no ar, e um verdadeiro delírio toma conta daquela gente, agarrando o velho, chorando, tentando encompridar aquele momento. Alguns mais exaltados querem levantar Ulysses, mas ele não permite. Com os olhos também molhados, fazendo força para não dar bandeira, Ulysses procura a porta. Como alguém que percorreu milhares de quilômetros, por muitos anos, para chegar até aqui, e poder dizer, sem falar, a mão direita estendida para o alto: esta é a minha vingança, esta é a minha esperança.

Ulysses vai embora, ao encontro de outra reunião e, lá dentro, o povo continua gritando: “O povo unido jamais será vencido”. Quem diria, quem poderia prever, lá na escola de tribunos das Arcadas de São Francisco no fim dos 30, começo dos 40, que esse professor de Latim que gostava de estudar música no Conservatório de São Paulo com Mário de Andrade, graças à ajuda do mecenas embaixador José Carlos Macedo Soares, ainda por cima poeta inveterado, moderado e conciliador nato, cevado no PSD velho de guerra, viesse um dia a encarnar o intransigente cavaleiro a pé da democracia brasileira?

Desde a sua quixotesca anticandidatura à Presidência, contra o general Ernesto Geisel, em 1973, Ulysses começou a pegar gosto pelos palanques, deixando um pouco de lado as articulações de gabinete, e encarando o povo de frente. Sua anticandidatura, como era de se esperar, levou à sua antivitória. Mas, poucos anos depois, nas eleições municipais de 1976, ele seria recompensado, depois de um comício no Crato, interior do Ceará, quando um matuto o cercou na saída do palanque e lascou: “O senhor me desculpe, mas, com o perdão da palavra, vai falar bem assim na p.q.p...”

Antes de se jogar de vez, porém, na maior cruzada pela democracia brasileira, que se resumiu nas palavras “diretas já”, no final do ano passado, Ulysses teve de enfrentar a pior batalha da sua vida para se reeleger presidente do PMDB. Acabou ganhando, derrotando os negociadores tancredistas, que ameaçavam lhe puxar o tapete, mas teve de engolir tipos como o biônico Afonsinho Camargo e o melífluu Roberto Cardoso Alves, que até hoje não se sabe por que foi cassado, em dois postos-chaves do partido: secretaria geral e primeira secretaria da Executiva, respectivamente.

Mesmo assim, no dia seguinte, Ulysses partiu para a luta, quer dizer, saiu em campanha pelas eleições diretas. Retaguarda à parte, não deixou mais de seguir em frente, como fez ontem à tarde, depois do seu discurso na Câmara, quando cismou de cumprimentar as galerias.

(Outro parêntese. A sucursal da Folha agora virou um inferno, uma feira livre, um comício, sei lá. O Ruy Lopes invade a redação, contando que, ao descer da rampa no Planalto, o general Figueiredo teve de ouvir, mesmo sem ver nada, esse buzinaço federal que sacode a cidade. E, ainda por cima, os membros da guarda presidencial erguiam o polegar para os repórteres, que se divertiam. Há uma confraternização geral aqui, gente que acabou de se conhecer se abraçando como velhos amigos, como é que vou conseguir chegar ao final dessa matéria? Até já não se comenta mais o último boato da tarde, dando conta que o Congresso havia sido cercado. A essa altura, que diferença faz? Nem se fala mais na Emenda Dante de Oliveira. É como se ela já tivesse sido aprovada, pelo povo de Brasília, antes mesmo de ser votada no Congresso. Já perdi a vontade de voltar para o Brasil, como aconteceu no domingo, quando cheguei aqui como se estivesse desembarcando num país inimigo. Em poucos minutos, neste final de tarde, Brasília se transformou no mais fantástico retrato desse Brasil das diretas.)

Vamos em frente. Para enfrentar a barra em casa, quer dizer, com dona Mora, já que suas ausências se tornavam cada vez mais prolongadas, Ulysses se preocupava em não esquecer as encomendas da mulher. E lá vinha ele, carregando pelas escalas da Caravana das Diretas as trepadeiras, os pentes de tartaruga, os passarinhos que dona Mora pedia. Às vezes, as encomendas não chegavam vivas ao destino, mas sempre valia o esforço.

Aconteciam também coisas engraçadas. Em Aracaju, ou Maceió, ninguém lembra direito, a tal pomba que a Fafá de Belém sempre solta de dentro dos seios famosos, ao final da música “Menestrel das Alagoas”, estava, como dizer?, com problemas intestinais. Ao perceber o drama, Fafá jogou a bichinha para cima de Ulysses. No fim, com dor de barriga e tudo, a pomba levantou voo, mais ou menos como a Campanha das Diretas, que só enfrentou um drama desses logo no começo, em Porto Alegre, depois do sucesso do pontapé inicial de 1984, com mais de 50 mil pessoas em Curitiba.

Menos de 2 mil pessoas iam atrás de Ulysses na passeata de Porto Alegre e, naquele momento, o velho balançou. Mas, logo depois, o balão das diretas levantaria voo, Brasil afora, para chegar inflado, como chegou, ao Congresso Nacional, ontem.

Duro, no começo, foi aguentar seu fiel escudeiro Freitas Nobre, 61 anos, líder do PMDB na Câmara, tocando o telefone do hotel todo dia às seis da manhã, para irem à praia ou à piscina. Eles sempre iam dormir tarde nas viagens, mas Freitas — um jornalista que conheceu Ulysses como repórter entrevistando o político — tem mania de vida saudável, ginástica, ar puro, essas coisas, sem dispensar as mensagens psicografadas por Chico Xavier, porque, acima de tudo, é espírita convicto.

No fim, era Ulysses quem acordava Freitas para ir à praia, mesmo quando esquecia de levar o calção. Sempre acabava aparecendo um, pouco maior ou menor, não importa: aí, a campanha já era uma festa nacional, e quem não queria ter a honra de emprestar um calção para o velho Ulysses?

Aconteciam coisas incríveis. Um dia, a gente estava almoçando num mocó de São Luís, no Maranhão, que só o deputado Epitácio Cafeteira conhece, uma caranguejada inesquecível, e, lá pelas tantas, a dona veio avisar que o deputado Sarney queria falar com Ulysses. Como assim, o deputado Sarney, filho do senador José Sarney, presidente do PDS? Exatamente: Sar-

ney Filho descobriu Ulysses no restaurante para lhe dizer só isso: apesar do pai, estava fechado com as diretas. E ele é do PDS.

Por dezenas de histórias como essas, que não cabem numa página de jornal, nem num livro, mesmo com todas as medidas de emergência, pressões, ameaças e o diabo, Ulysses Guimarães estava com fé, ontem à tarde, contra todas as previsões dos políticos negociadores, que a emenda das diretas vai passar logo mais no Congresso Nacional. E nós vamos cair numa democracia. Baseado em quê? Em nada: quando se entra numa cruzada dessas, só tem uma palavrinha pequena que explica tudo e não explica nada: fé.

Foi essa fé que levou Ulysses Guimarães a ser aplaudido de pé ao ser chamado para a tribuna da Câmara, depois de trocar sua gravata azul por uma amarela — aplaudido, consagrado pelo Plenário e pelas galerias da Câmara, antes de dizer a primeira palavra. Era um estadista brasileiro que estava ali, e que seria aplaudido mais 23 vezes em cena aberta, antes de encerrar seu pronunciamento, que resumia o que estava na cabeça, no coração e na boca de todos os brasileiros: “A Pátria é o povo e o povo vencerá”. Pode ser hoje, pode ser amanhã, mas é inevitável, e não demora.



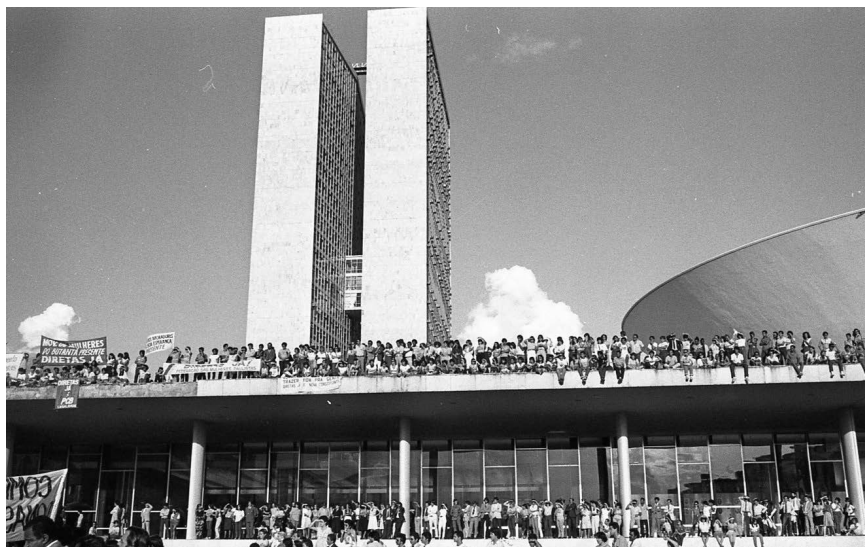
Ulysses Guimarães durante a votação da Emenda Diretas Já no Plenário da Câmara dos Deputados, em que também estão Dante de Oliveira e Freitas Nobre. | Crédito: Dorgivan-CPDOC-JB/Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.



O público presente nas galerias do Plenário da Câmara dos Deputados em abril de 1984 comemorando com entusiasmo a cada voto favorável à emenda. | Crédito: Arquivo da Câmara dos Deputados.



Manifestantes no Congresso Nacional. Brasília, abril de 1984. | Crédito: Moreno/EBC.



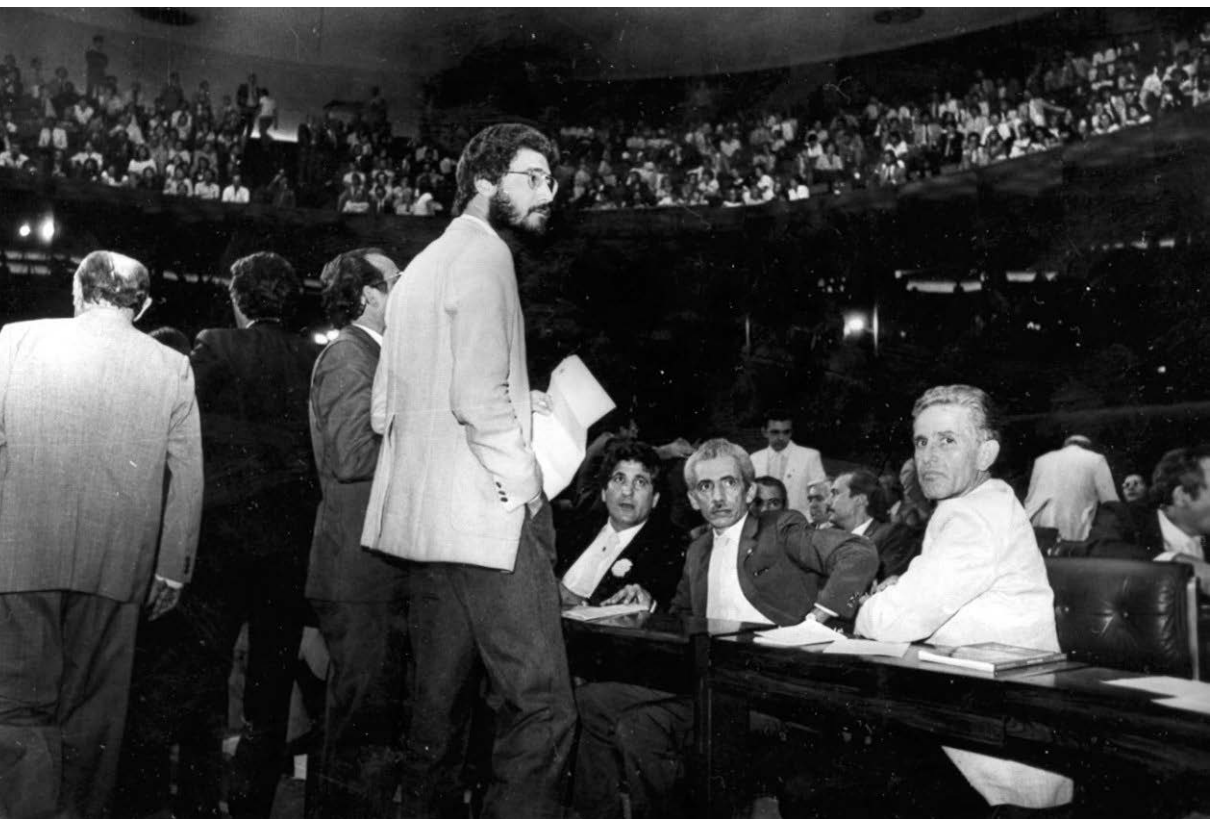
Manifestantes no Congresso Nacional. Brasília, abril de 1984. | Crédito: Herminio/EBC.



Da esq. p/dir.: Fernando Henrique Cardoso (2°); Tancredo Neves (3°); Ulysses Guimarães (4°); Franco Montoro (5°). Votação da Emenda Dante de Oliveira. 25 abr. 1984. Brasília (DF). | Agência Folhas/Acervo FGV/CPDOC.



Da dir. p/esq. (1º plano): Tancredo Neves (1º, de pé); Ulysses Guimarães (2º, sentado). Votação da Emenda Dante de Oliveira. 25 abr. 1984. Brasília (DF). | Crédito: Orlando Brito/Acervo FGV/CPDOC.



O deputado Dante de Oliveira, no Plenário da Câmara dos Deputados, durante a votação da emenda que levou o seu nome e que propunha o restabelecimento de eleições diretas em todos os níveis. 25 abr. 1984. | Crédito: Acervo Agência Senado.



Roberto Freire, então deputado federal pelo PCB-PE, discursa no Plenário da Câmara dos Deputados, em defesa da Emenda Dante de Oliveira. Abril, 1984. | Foto: Célio Azevedo/Agência Senado.

Abril, 26 — Brasília

Madrugada dos ausentes, o fim do dia da esperança

Pelo chão acarpetado do Plenário da Câmara Federal, quando tudo acabou, os representantes de um povo derrotado no seu maior anseio pisavam sobre as pétalas dos crisântemos amarelos, que estes meses todos simbolizaram uma luta, um sonho, um encontro — o grito de liberdade desta humilhada Nação brasileira.

Lá fora, depois das duas da manhã, algumas centenas de cidadãos ainda esperavam o impossível, uma reversão no resultado que ninguém queria: a esmagadora maioria dos 130 milhões de brasileiros arrasada pela ausência dos deputados malufistas e andreazzistas do PDS.

Assim como ninguém há de esquecer esta memorável campanha, também ninguém esquecerá os nomes destes traidores da vontade nacional, que, com sua ausência, permitiram que a minoria evitasse a maioria de dois terços, exigida pela Constituição para que os brasileiros possam finalmente ser donos novamente do seu destino.

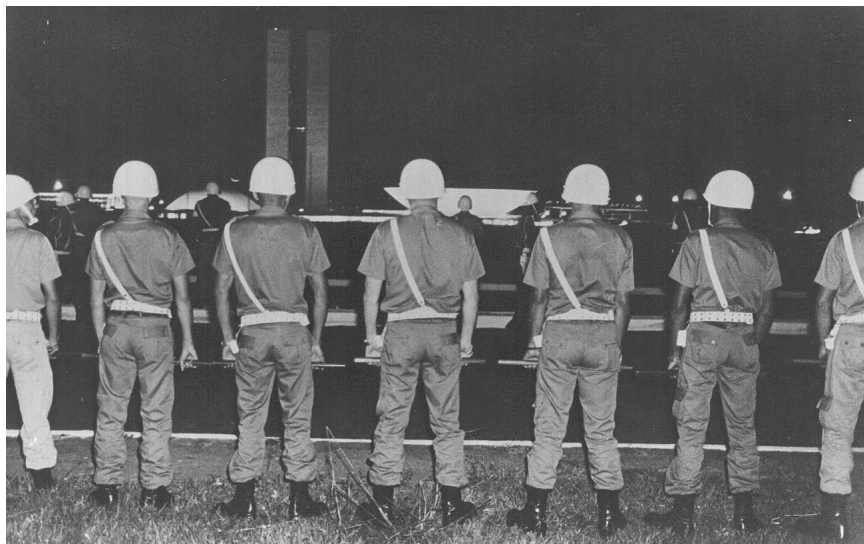
Foi um dia que pareceu uma eternidade, discursos e mais discursos adiando a decisão — intermináveis 17 horas de uma sessão histórica para que ao final o povo brasileiro ficasse sabendo que continua tutelado, sem direitos.

As oposições unidas — só um dos parlamentares de partidos de oposição, João Mendonça Falcão, do PTB de São Paulo, deixou de votar a favor das diretas — não conseguiram impedir a humilhação do Parlamento, que depois destes meses todos do maior movimento cívico da nossa História, acabou negando as duas palavras que resumiam a liberdade, a esperança de melhores dias: diretas já.

“Sim, pelo bem do Brasil”, “Sim, pela liberdade”, “Sim, pela soberania nacional”, completavam os parlamentares da oposição ao anunciarem seus votos. E o que acrescentavam os deputados do PDS? Nada. Só um, Eduardo Galil, do Rio, fez questão de tripudiar: “Não, com muita honra”. Amaral Neto, malufista carioca, como Galil, levou a maior vaia ao fazer um discurso

para dizer “não”. Não cabia em si de felicidade ao viver seu dia de glória ao contrário.

Estado por Estado, a votação do “sim” esteve sempre à frente do “não”, mas a vitória não passava de uma ilusão: os pedessistas ausentes, na calada da madrugada, iam definindo o resultado. Os pedessistas que apareceram dizem um “não” baixinho, envergonhados. Alguns não se dignam sequer a ir até os microfones, sussurram seus votos lá do fundo do Plenário. Em compensação, os do PDS que votaram a favor da vontade nacional foram aplaudidos.



Votação da Emenda Dante de Oliveira. 25 abr. 1984. Brasília (DF). | Crédito: Paula Simas/Acervo FGV/CPDOC.



Plenário da Câmara dos Deputados em abril de 1984. As galerias estavam repletas de representantes de diversos segmentos da sociedade no dia da votação da Emenda Dante de Oliveira. A emenda, que propunha o restabelecimento das eleições diretas para presidente, recebeu 298 votos favoráveis e 181 contrários, faltando 22 votos para sua aprovação. | Crédito: Arquivo da Câmara dos Deputados.

Ovação a Sarney

A maior ovação acabou para José Sarney Filho, deputado do PDS do Maranhão, filho do presidente nacional do partido José Sarney. Mas, ao conferirem suas listas, os jornalistas não demoraram a perceber que muitos dos considerados pró-diretas à última hora acabaram não aparecendo. Não apareceu nem mesmo o presidente da Câmara Federal, malufista Flávio Marcílio.

Da mesma forma, desapareceu de vista o relator da Emenda Dante de Oliveira, Ernani Satiro, que não se dignou a confirmar nos microfones seu voto contrário. Desapareceu o vice-líder Edson Lobão, malufista do Maranhão, tão ativo durante todo o dia, mas invisível na hora da decisão. Também não responde à chamada o deputado pernambucano Tales Ramalho, secretário-geral do antigo MDB, negociador emérito, que pulou para o PP e de lá para o PDS.

“Vossa Excelência faça o favor de se levantar”, quase implora o presidente do Senado, Moacir Dalla, que dirigiu a sessão, quando um deputado do PDS, Afrisio Vieira Lima, se escondeu atrás dos colegas para balbuciar “não” longe dos microfones.

À meia-noite, a tendência parecia irreversível e boa parte dos jornalistas preferia ver televisão no comitê de imprensa ou dormir pelas mesas do que continuar acompanhado esta inominável tragédia. A votação avança para 115 a 36 à meia-noite e meia, quando Mário Juruna arranca aplausos: “Vota pra Brasil, sim”.

Desgraçadamente, os malufistas e andreazzistas do PDS, com raras exceções, recusaram-se a votar a favor do Brasil. Os pedessistas que votaram “sim” faziam questão de repetir seus nomes nos microfones. O primeiro secretário da Câmara, Fernando Lira, que faz a chamada para a votação, quebra um pouco o ambiente tenso, pouco depois da uma da manhã, ao errar três vezes o nome do pedessista mineiro Vicente Guarairoba, que não apareceu. Risos nervosos também acompanharam o voto do deputado paulista Aurélio Peres, do PMDB, que, “em nome da soberania brasileira”, acabou dizendo “não” quando queria dizer “sim” e corrigiu o engano a tempo. A votação se arrastava, as horas passando, as pessoas que insistiam em ficar

em volta do Congresso à espera do momento de gritar e festejar a devolução da sua cidadania plena, iam aos poucos se retirando, cabisbaixas, caladas.

Até os boatos desapareceram na madrugada da vergonha e da afronta, uns dizendo aos outros, sem ter que falar nada, só com os olhos: “É, desta vez, não deu...” Mas que ninguém pense que esta cena se repetirá impunemente. Uma Nação, que se levantou em tão poucos meses de campanha, não se agacha mais. Por mais escura que esteja a madrugada, como já disse um poeta, mais perto se está da luz de um novo dia.



Público presente no dia da votação da Emenda Dante de Oliveira em abril de 1984. | Crédito: Arquivo da Câmara dos Deputados.

Sarney Filho avisa o pai e vota contra o "Centrão" e o governo

por Mariângela Hamu
de Brasília

Quando votou a favor da emenda Dante de Oliveira por eleições "Diretas Já", em abril de 1984, contrariando a orientação do então presidente do PDS, senador José Sarney, seu pai, o deputado José Sarney Filho foi acusado de estar formando um dueto que beneficiaria politicamente os dois.

Um ficaria com o governo federal votando contra, o outro cortejaria o eleitorado no Maranhão, votando a favor da emenda.

A versão, amplamente divulgada à época, nunca foi completamente confirmada ou contestada.

Ontem, um dia depois de haver sido destituído do cargo de vice-líder na Constituinte, por votar contra as teses do seu grupo de origem — o "Centrão" — na questão da reforma

agrária, "Zequinha" Sarney, como é conhecido, transformou-se, novamente, no centro de uma polémica que pode levar ao esclarecimento — almejado pela maioria de seus pares no Congresso — das reais convicções políticas do filho mais ilustre do presidente da República.

A versão divulgada ontem a este jornal por fontes ligadas à intimidade do presidente da República e de sua família confirma o gesto de independência do jovem deputado, preocupado em conquistar uma ampla parcela do eleitorado do Maranhão, estado que pretende governar depois de Epitácio Cafeteira, seu atual governador.

A decisão de afastar-se do "Centrão" — segundo essas fontes — teria sido manifestada por "Zequinha" ao pai, dias antes do voto da última quarta-feira, depois de uma longa conversa em que o presi-

dente o aconselhava a afastar-se por alguns dias. O deputado Sarney Filho prometeu licenciar-se por dez dias para uma bateria de exames de rotina no Instituto do Coração (Incor), em São Paulo.

Na tarde de quarta-feira, logo depois do voto que apanharia de surpresa seus correligionários, "Zequinha" conversou com o líder do PFL na Constituinte, deputado José Lourenço (PFL-BA), que acabou decidindo por sua destituição da vice-liderança. Lourenço teria, então, telefonado ao presidente José Sarney para relatar o que acabara de ocorrer.

"Mas ele nem está em Brasília, como pode estar votando contra nós?", indagou o presidente Sarney a Lourenço. O líder do PFL revelou, então, que "Zequinha" não estava em São Paulo, como prometera ao pai, e sim em Brasília, bem mais próximo das teses de-

fendidas pelo senador Mário Covas do que das defendidas pelo governo, através do "Centrão".

Pelo menos dois ministros de Estado telefonaram em seguida ao presidente — segundo as mesmas fontes — para pedir o apoio de Sarney à atitude de José Lourenço. "Se ele não fizesse isto, como poderíamos, depois, encerrar os nossos companheiros, a menos de um mês da definição do mandato, presidente?", disse-lhe um dos ministros.

O presidente Sarney concordou com a atitude do líder José Lourenço e, em seguida, arranjou com o governador Cafeteira a remoção de "Zequinha" para o Maranhão, onde ele assumiu ontem mesmo a Secretaria de Governo. A versão dessas fontes assegura que o deputado Sarney Filho, apesar da decisão contundente do pai, gostou da mudança.

Notícia do jornal *Gazeta Mercantil*. A manchete é de 6 de maio de 1988.

| Crédito: Arquivo Nacional.

Abril, 27 — Brasília

Galerias explodem e não deixam a luta terminar

Alguns deputados choravam, outros se prostravam em silêncio. Ao ser anunciado o resultado da votação da Emenda Dante de Oliveira, pouco depois das duas horas da manhã de ontem, a grande festa que todo o povo brasileiro esperava corria o risco de se transformar num imenso velório.

Mais uma vez, porém, este povo reagiu. Em vez de ficarem lamentando os 22 votos que faltaram para que o Brasil voltasse a ser uma democracia, os homens e as mulheres que lotavam as galerias bradaram seu grito de guerra: “Um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos eleger o presidente do Brasil”.

As mesmas galerias que se comportaram como se estivessem no parlamento britânico, durante as 17 horas de discussão e votação da emenda, agora explodiam sua revolta. De repente, os políticos pareciam estar novamente no meio das fantásticas mobilizações que nos últimos cinco meses sacudiram o gigante adormecido.

“O povo unido jamais será vencido”, “o povo quer votar, diretas já”, “a luta continua” — esta gente não aceitava a derrota que uma covarde minoria de parlamentares lhe acabara de impor. Os refrões da grande cruzada democrática voltavam a ecoar no Congresso Nacional e ganhavam um novo grito de guerra: “O povo não esquece, acabou o PDS”.

Sem banda, nem regente, lá vinham eles de novo, cantando o Hino Nacional. Lá embaixo, no Plenário, os parlamentares também se deram as mãos, braços erguidos, e se refazia a corrente, todos cantando juntos. As tropas do general Newton Cruz, o “Nini”, haviam conseguido o que queriam; a rejeição da emenda das eleições diretas que todos queriam.

Mas ainda não era o bastante. Vários parlamentares, tendo à frente os deputados Aírton Soares (PT-SP) e João Hermann Neto (PMDB-SP), tiveram de participar de intermináveis negociações com os homens do general “Nini” para permitir que as cerca de mil pessoas, em sua maioria jovens, pudessem ir embora sem maiores riscos, já que tropas continuavam acantonadas na Esplanada dos Ministérios.

Afinal, foi feito um acordo e, junto com os parlamentares, eles começaram a subir pela contramão da Esplanada. Dali a pouco veio uma contraordem do general e eles tiveram de mudar. Mais adiante, o cortejo foi novamente barrado. Quer dizer, a certa altura, não podia mais ir em frente, nem para trás, nem para os lados.

Aí as tropas do general “Nini”, já que estavam ali mesmo, resolveram jogar algumas bombas de gás lacrimogêneo e atirar seus cães pastores em cima dos inimigos vencidos. Uma hora depois, os dois esbaforidos parlamentares conseguiram chegar ao restaurante Tarantella, o mais badalado de Brasília, onde outros notáveis da sociedade civil refaziam-se das agruras da longa jornada. O alarido era o mesmo de outros dias e, se algum forasteiro menos atento baixasse ali naquele momento, teria a impressão de que a emenda das diretas havia sido aprovada.

Só uma mulher, Christiane Torloni, a musa das diretas, dava bandeira de que havia chorado — e não foi pouco. “Eu aguentei até chegar perto do Ulysses. Aí não aguentei, dei um abraço no velho e chorei que nem criança”. Não só ela: Gilson de Barros, um deputado do PMDB de Mato Grosso, dois metros de altura por quase isso de largura, conhecido como o “Hulk” da Câmara, desabou num choro sentido. Nem se pode dizer que fosse choro de tristeza: era choro de quem tem vergonha na cara, algo que jamais pode acontecer com os parlamentares do PDS que fugiram da votação.

Se o Brasil chorava de vergonha, na mais sombria madrugada de que consigo me lembrar, um homem se regozijava: claro, ele, o general Newton Cruz, que às três e meia da madrugada mandou a tropa se perfilar diante do Ministério do Exército, onde funciona seu QG do Comando Militar do Planalto. Depois de cumprimentar os rapazes pelo belo trabalho, ordenou seis “hip hip hurra” para festejar a vitória.

Outros foram mais discretos: Calim Eid e Heitor de Aquino, os marechais malufistas na guerra antidiretas, limitaram-se a acender charutos e a gozar em generosas baforadas a humilhação do povo brasileiro. Pleno de satisfação, o malufista Edson Lobão, vice-líder do PDS, foi mais discreto ainda: assim que o sistema de som do Congresso anunciou o resultado, ele, que fugira do Plenário na hora da votação, deixou seu gabinete e escafedeu-se lampeiro pelos subterrâneos do parlamento, a caminho da glória.

Para que a humilhação fosse completa, os “Nini” e seus braços políticos não tinham limites. Na mesma noite em que o Congresso se preparava para decidir sobre os destinos do povo brasileiro, a PM de Brasília, subordinada ao general Newton Cruz para executar as medidas de emergência, invadia uma escola na cidade-satélite de Taguatinga, o Centro Educacional Ave Branca. Alguns alunos haviam vaiado duas viaturas da PM, gritando refrões pelas diretas: foi o que bastou para que 60 homens da tropa de choque avançassem sobre professores e estudantes, empunhando cassetetes de madeira, chutando e batendo. Outra vitória das tropas da emergência: vários feridos, dois estudantes presos, mulheres grávidas desmaiadas.

O inimigo, quer dizer, o povo, não desistia. Ainda se ouviam buzinas tocando quando o dia amanheceu em Brasília, como a anunciar que uma derrota não significa silêncio. Mesmo sem rendição incondicional dos inimigos, o general de divisão Newton Araújo de Oliveira e Cruz, comandante do CMP e executor das medidas de emergência, mandava anunciar ao povo do Brasil, por meio de uma resolução (nº 02/ME/84) e um comunicado (nº 05/ME/84), que, como os objetivos foram atingidos, os inimigos poderiam relaxar um pouco.

A resolução suspendia a censura das telecomunicações — instaurada para impedir que todo o país soubesse, ao vivo, quais eram seus traidores — e o comunicado informava que foram liberados os 35 presos, suspenso o controle dos acessos à Universidade de Brasília e retirados os bloqueios nas entradas da cidade.

O inimigo Dante de Oliveira, aquele da emenda vitoriosa e rejeitada, no entanto, não se rendia. “A rejeição da emenda e o fim da sessão do Congresso só fizeram mostrar a desmoralização total do governo e do seu partido”, repetia ele, ontem à tarde, no Congresso, mais disposto do que nunca a prosseguir na luta.

Perto dele, a deputada e atriz Beth Mendes (PT-SP), que, de manhã, chorava ao ler o editorial de primeira página da *Folha*, procurava animar quem encontrasse pela frente. “Ontem, foi fogo segurar aquela barra. Mas, hoje, já está tudo bem de novo, nós não perdemos, nós ganhamos, você vai ver”. De fato, nem as nuvens escuras e a chuva do fim de tarde em Brasília, depois destes dias de sol, foram capazes de apagar a chama. Num apartamento da W3, ainda resistia, apesar de tudo, uma faixa em que se podia ler simplesmente: BRASIL.



Cartaz Diretas Já, 1984. | Crédito: Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.



Convenção do PMDB em julho de 1984, solicitando a homologação da chapa de Tancredo Neves. Na foto, entre outras personalidades, estão Tancredo Neves à esquerda, em pé, e Ulysses Guimarães, sentado. | Crédito: Arquivo do Senado Federal.



Convenção do PMDB em julho de 1984 solicitando a homologação da Chapa de Tancredo Neves. | Crédito: Arquivo do Senado Federal.



Dissidentes do PDS formaram a Frente Liberal e se uniram ao PMDB, criando, em 1984, a Aliança Democrática, que lançou Tancredo Neves e José Sarney na eleição indireta do Colégio Eleitoral. No dia 15 de janeiro de 1985, o Colégio Eleitoral reuniu-se e Tancredo Neves foi eleito presidente para um mandato de seis anos com 480 votos contra 180 dados a Paulo Maluf, candidato do regime militar. 1984. | Crédito: Acervo Agência Senado.



Fafá de Belém e Tancredo Neves em 1985. Nessa foto também aparece Aécio Neves (ao fundo). Fafá de Belém e Tancredo Neves foram fundamentais na Campanha das Diretas de 1984. Fafá de Belém ficou conhecida como a “cantora das diretas”. Com a derrota da Emenda Dante de Oliveira, as mobilizações passaram a dar coro à campanha de Tancredo Neves à Presidência. | Crédito: Acervo Jornal Movimento/Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Posfácio

de Fernando Mitre

Dúvidas, descrença, receios, oposição à ideia, opção por outros caminhos, silêncio da mídia — tudo isso ainda afastava ou mantinha dispersas as ondas democráticas da aposta na Campanha das Diretas, quando o repórter Ricardo Kotscho entrou na sala do diretor de seu jornal e propôs o ousado e amplo projeto de cobertura do que se tornou a maior mobilização popular da história política do país. Só isso já seria uma marca significativa numa vida profissional dedicada ao jornalismo.

Mas Koscho foi à luta, entrou em campo com seu projeto aprovado e adotado pela *Folha* e, num trabalho incansável e competente, viajou pelo Brasil reproduzindo e, ao mesmo tempo, motivando aquele incrível capítulo: as forças democráticas, completamente despertas a partir de certo momento, em vez de estarem seguindo seus líderes, acabavam sendo seguidas por eles. Até ali, algo inédito na nossa história, era o povo à frente. (Quase escrevo: no comando.)

A jornada das diretas e o trabalho de Ricardo Koscho se confundiam e se alimentavam, crescendo juntos e ocupando o Brasil.

“Leia este livro”, disse Ulysses Guimarães no prefácio da primeira edição publicada em 1984. E eu li.

Na verdade, reli — já que reencontrei nele muito do que eu havia lido, naqueles belos textos da invejável cobertura diária do concorrente que mais incomodava o jornal dirigido por mim.

Isso não impediu que eu me emocionasse com a sensibilidade, os personagens, os sentimentos, a esperança e os valores que se expressavam na linguagem privilegiada do grande jornalista.

E agora, 40 anos depois, o que eu encontro no que posso chamar de terceira leitura do livro?

A resposta pode surpreender. Surpreendeu a mim mesmo. A emoção da primeira leitura voltou com a mesma intensidade e me mostrou, além de tudo, a atualidade do texto e do seu significado maior: a luta pela demo-

cracia, que continua e exige atenção permanente. A eterna vigilância é um preço que, no Brasil — e não só no Brasil — a consciência democrática não pode deixar de pagar, em nenhum momento. Os argumentos e advertências se multiplicam.

Relendo o Koscho, vejo, confirmo e sinto de maneira mais intensa que a democracia é a grande referência da nossa geração.

No dia 13 de março de 1964, o foca inexperiente, que era eu, cobria o comício de Jango na Central do Brasil, já entendendo que os sinais do golpe se fortaleciam e tomavam a forma que, logo, se impôs. Vimos ali — e sentimos — a democracia morrendo.

Nos primeiros meses de 1984, o chefe de redação do *Jornal da Tarde*, que eu me tornara, se empolgava com a criação das capas históricas e a edição dos comícios nas grandes cidades, como o maior de todos, no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, em 16 de abril. Vimos ali — e festejamos — a democracia renascendo.

No dia 17 de julho de 1989, nos estúdios da Band, o diretor de jornalismo, que era eu, se movimentava com uma competente equipe para pôr no ar o primeiro debate da história do Brasil entre candidatos à Presidência da República. Vimos ali — e celebramos — a democracia se consolidando.

Aquilo que se perdia em 1964, se exigia em 1984 e se realizava em 1989 pontua uma história de mais de 60 anos de política. E nela se expressam valores, interesses e choques de forças que continuam vivas.

Anote-se: as forças que levaram Getúlio ao suicídio, em 1954, são as mesmas que tentaram impedir a posse de Juscelino, em 1955. Não são diferentes daquelas que se movimentaram contra a posse de Jango, em 1961, forçando o parlamentarismo. E são as mesmas — exatamente as mesmas — que deram o golpe em 1964. E cuidado: elas ainda estão por aí, talvez um tanto transfiguradas. Mas são elas.

É assim que minha geração, que se encontra com a do Ricardo Kotscho, foi marcada pela luta por democracia num corpo a corpo com a ameaça e — por um tempo determinado — com a prática mesmo de formas abertas ou disfarçadas de violência e autoritarismo. Contra isso nossa realidade nos ensina algo essencial. É preciso evoluir num ponto ainda um tanto frágil na nossa sociedade: na alma democrática.

Lições, que são advertências permanentes, não faltam na nossa história — em inúmeros períodos que falam por si só. Como tantos que jornalistas desses tempos vivenciaram em coberturas marcantes, como relato no meu livro *Debate na Veia*.

As forças democráticas acabaram vencendo, mas o rastro deixado pelos adversários sempre foi claro. E clara a advertência. Está aí a história política recente, onde aquelas forças sempre ressurgem e se realimentam.

E, com maiores ou menores disfarces, renovadas nos seus atores, continuam aí, dando seus pinotes, como vimos antes, durante e depois do 8 de janeiro em Brasília. Para neutralizar essas forças, além da sempre citada eterna vigilância, a evolução do país, numa construção diária, além da arquitetura institucional, é a grande e necessária resposta, fortalecendo princípios, valores e atitudes na vida coletiva. Desafio tanto maior quanto mais claros e mais perigosos se tornam, entre nós — e em outros países — os sinais de uma crise complexa da democracia representativa, conjugada com um crescimento persistente de ondas extremistas, sempre uma ameaça. Esse desafio — estamos vendo — só vai aumentando. Um sinal permanente de alerta.

A lição de que o povo é capaz de ocupar as ruas, exigir seus direitos, nortear e condicionar o debate público, assumir o tom e a pauta da discussão e, ocupando a liderança, inverter a velha relação, convocando os políticos a virem juntos — essa lição, até então inédita, já está assimilada, marcada e registrada na nossa história. Na história das Diretas, ganhando vida no texto poderoso de seu cronista, que transpira entusiasmo democrático. Às vezes, até na pontuação.

Sei que não fica bem para um repórter escrever assim, com ponto de exclamação e tudo, já ensinavam velhos manuais. Mas o que eu tive a felicidade de ver e de viver nestes últimos meses não está mesmo em manual nenhum. Foi indo devagarinho, as multidões crescendo a cada semana, a festa se animando, toda gente acreditando que chegou a nossa vez, e que o Brasil, além de grande, é um belo país, mais viável do que nunca, com o povo que tem, apesar de todos esses governos que procuraram provar o contrário.

Esse último parágrafo foi copiado do texto de Kotscho — um P.S. na página 31 deste livro —, quando ele expressa em palavra e emoção um dos momentos em que o jornalista, levado por seus princípios e valores, se torna e se sente também protagonista do evento que cobre como profissional.

Depois de 20 anos de intimidações, censuras, cassações e proibições, inclusive de escolher seu presidente, o que esperar de um Ricardo Kotscho no meio da multidão, senão o comportamento de sentir e viver o que cada brasileiro ali viveu e sentiu?

Fernando Mitre⁴

4 Fernando Mitre (Oliveira, MG, 1941) iniciou sua carreira no jornalismo como repórter do jornal Correio de Minas (1962). Passou pelo Diário de Minas e o seminário O Binômio. Integrou a equipe que fundou o Jornal da Tarde (SP), onde foi diretor de redação por 13 anos. Em 1989, passou a trabalhar na Rede Bandeirantes de Televisão, na direção de jornalismo. Depois de passar, no seu tempo de Belo Horizonte, pelas faculdades de Direito e Ciências Econômicas, graduou-se em Letras e se pós-graduou em Teoria Literária pela PUC de São Paulo. Recebeu, entre vários prêmios, o Grand Prix do Clube de Criação de SP, em 1984, pela sequência de capas do Jornal da Tarde, na cobertura da mobilização popular e da derrota das “Diretas Já” no Congresso Nacional. O Grande Prêmio da APCA veio em 1989 pela realização do primeiro debate entre candidatos a presidente, na Band. Premiado também como o melhor “Executivo de Veículo de Comunicação” por três anos, recebeu o título de “Mestre em Jornalismo” do Prêmio Comunique-se, em 2013. Mitre é autor do livro “Debate na Veia - a democracia no centro do jogo”.







CARLOS. Pichações nos pilares da fachada frontal do edifício da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, RJ:[s.n.], [19--]. Cópia fotográfica de gelatina e prata, p&b, 18,4 x 24 cm. | Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Anexos

Depoimento

Um sonho que completa 40 anos

Há quatro décadas, o povo brasileiro saiu às ruas, congestionou as avenidas e invadiu as praças.

Fez tudo isso em paz, com muita alegria, ao som de canções, com o coração e a alma das multidões vibrando. Não houve quebradeiras nem destruição. Muito pelo contrário. O que se viu foram multidões movidas apenas pelo seu acendrado amor ao país e por sua devoção radical à democracia.

O povo que estava nas ruas sabia o que queria, tinha um lema, cultivava um sonho, ecoava a uma só voz um único e generoso projeto de vida e de país: Diretas Já!

Era uma aspiração nacional.

Éramos uma Nação que, exaurida pelo autoritarismo imposto em 1964, vencia por fim o medo e se mobilizava. Unidos pela esperança, queríamos reconstruir o país. E para chegarmos a isso apostávamos no voto, na arma insuperável que é a urna.

Aquela foi uma revolta pacífica, alegre, contagiante, que movimentou pessoas que há duas décadas não tinham o direito de escolher o presidente da República.

Aquele anseio que só se realizaria cinco anos depois fora sonhado primeiramente por um visionário, o menestrel das Alagoas. Aquele era o sonho de um poeta, de um peregrino que vinha armado apenas de seu vozeirão, de um sorriso sedutor e de uma santa ira, com quem eu percorreria o país. Teotônio Vilela era o nome dele.

Em outubro de 1982, Teotônio concedeu uma entrevista ao programa *Canal Livre*, quando, com a serenidade dos santos e a firmeza dos justos, fez um apelo aos partidos políticos para refletir sobre a melhor maneira de devolver o Brasil ao Estado democrático de direito.

Teotônio falava da primeira eleição direta que os brasileiros teriam para governadores dos estados, desde 1965. E antecipava o degrau seguinte: o voto direto para presidente.

Esse sonho compartilhado com Teotônio começou a se tornar realidade meses depois, na simbólica data de 31 de março de 1983, em Abreu e Lima, um município de pouco mais de 70 mil habitantes na região metropolitana de Recife, a 16 km da capital pernambucana.

Foi realizado lá o primeiro ato público das Diretas Já. Havia tão pouca gente na praça que são raros os registros. Mas aquele sonho que parecia tão distante começou a correr pelo país.

Quando começamos a pensar, no MDB, em recuperar a eleição para a Presidência, tínhamos muita apreensão, muitas dúvidas. Porém, já na largada, tivemos uma surpresa fantástica. Foi em Curitiba, uma capital que não era conhecida como propícia às grandes concentrações. Mas o povo de lá foi às ruas pelas diretas.

Logo contaminou Goiás, chegou ao Piauí, alcançou o Paraná, infestou Pernambuco e irrompeu no meu Rio Grande do Sul. Eram pequenos focos, cada vez mais incontrolláveis, disseminados, que minavam aquele regime que desprezava o voto e a vontade popular.

Em 27 de novembro de 1983, o câncer matou meu amigo Teotônio Vilela, no mesmo dia em que a maior cidade do país, São Paulo, registrava um público de apenas 15 mil pessoas no seu primeiro ato clamando por eleições diretas.

Em 25 de janeiro de 1984, o movimento popular voltou a São Paulo. Se lá estivesse, Teotônio veria que, apenas dois meses após a tímida estreia paulistana, a multidão na praça da Sé tinha aumentado de forma espantosa, reunindo então 300 mil brasileiros que gritavam juntos: Diretas Já!

No mês seguinte, em 24 de fevereiro de 1984, uma multidão ainda maior — 400 mil pessoas — abarrotou a praça da Rodoviária, no início da avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte.

O clamor ecoou pelas capitais e cidades do interior, subiu as serras e desceu aos campos, invadiu as praias do litoral e alcançou os limites das fronteiras, transbordando a impaciência dos cidadãos finalmente desperitados para a liberdade.

O legado de Teotônio foi tomado, a punho e a voz, por Ulysses Guimarães, nosso grande líder, o Senhor Diretas. As multidões se sucediam.

Chegou a vez de o Rio de Janeiro, em 10 de abril, promover a maior manifestação pública da história brasileira até então: um milhão de pessoas no comício da Candelária.

O fecho de ouro do mais retumbante movimento de massas do Brasil aconteceu na maior cidade do continente, São Paulo, que reuniu, em 16 de abril de 1984, um milhão e meio de pessoas no Vale do Anhangabaú.

Nessa empreitada cívica, que teve mais de 40 grandes concentrações, juntou-se a Teotônio e a Ulysses um outro nome decisivo naquele momento único de nossa história: Tancredo Neves.

Quando a democracia foi interrompida pelas manobras e casuísmos eleitorais da ditadura, foi Tancredo quem nos indicou o caminho da realidade antes amaldiçoada do Colégio Eleitoral.

Quando a desesperança parecia vencer, Tancredo bradou: “Vamos ao Colégio Eleitoral para desmontá-lo. Vamos ao Colégio Eleitoral para recriar a democracia”. E assim foi feito. Fomos ao Colégio Eleitoral, em janeiro de 1985, e ganhamos com Tancredo. O sonho, assim, tornou-se realidade.

A construção da democracia é um empreendimento que prescinde da violência e se funda na consciência e nos sonhos de todos nós. Aquela foi a mais espetacular campanha cívica já vivida no Brasil.

Todos os brasileiros ansiavam por uma mudança radical da nossa realidade. Todos queriam um novo modelo econômico, social e institucional. O povo estava desabafando após um longo silêncio de 20 anos.

O movimento pelas Diretas Já encontrou terreno fértil no Rio Grande do Sul, onde a tradição de resistência política se alinhou com a luta nacional pela redemocratização.

Enquanto o Brasil mergulhava nas sombras do autoritarismo com a imposição do AI-5, a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul se destacou como o único parlamento do país a manter suas portas abertas. Enquanto outras casas legislativas sucumbiam à repressão e eram fechadas, a Assembleia gaúcha não só continuou seus trabalhos, como tornou-se palco de debates essenciais sobre o futuro democrático do Brasil.

Ali, onde a coragem prevaleceu sobre o medo, plantaram-se as sementes da redemocratização, demonstrando que, mesmo em tempos de escuridão, a força do diálogo e da liberdade jamais deveria ser subestimada.

A Assembleia do Rio Grande do Sul não apenas resistiu, mas se transformou em símbolo vivo da luta contra a ditadura, reafirmando que a verdadeira democracia nasce do compromisso inquebrantável com o povo e suas liberdades.

Sob esse pano de fundo, no dia 13 de janeiro de 1984, ocorreu uma passeata que teve como ponto alto um grande comício no encontro da rua dos Andradas com a avenida Borges de Medeiros. Lá estavam Ulysses Guimarães e Tancredo Neves, bem como vários políticos e artistas: Raul Cortez, Ruth Escobar, Martinho da Vila e a dupla Kleiton e Kledir.

Ainda naquele mesmo dia, viajamos com Tancredo e Ulysses para Cachoeira do Sul, onde houve um debate sobre a urgente necessidade de eleições diretas e, também, um comício.

Ao longo de todo aquele verão de 1984 ocorreram outras manifestações no estado, especialmente nas cidades praianas. Já no dia 19 de fevereiro, em Capão da Canoa, cerca de 50 mil pessoas participaram de uma caminhada histórica.

Em sua tese *As Diretas Já no Rio Grande do Sul*, o historiador Marcos Elias registra: “Em abril de 1984, o PDS não teve como ir contra o movimento. [...] o governador Jair Soares liberou o funcionalismo público estadual para assistir ao comício das Diretas Já realizado na praça Montevideu, no largo da Prefeitura de Porto Alegre, no dia 13”.

Estimou-se que ali estavam reunidas 200 mil pessoas. Reafirmo: como é do conhecimento geral, os gaúchos são fortemente politizados. É uma tradição nossa que vem desde a Revolução Farroupilha, em 1835.

Em abril de 1984, no dia 25, ocorreu a votação da Emenda Dante de Oliveira. O governo reagiu com sua tática arbitrária, com sua violência, decretando as medidas de emergência.

Sem essas medidas, sem o cerceamento ao Congresso Nacional, sem as tropas cercando Senado e Câmara, sem a censura ao rádio e à televisão, e se pudesse aquela sessão do Congresso ser transmitida ao vivo para todo o Brasil, teríamos vencido.

Alguns ministérios ficaram de plantão para as trocas de favores de última hora a fim de angariar votos contra a emenda. Mesmo assim, 55 parlamentares do PDS votaram pela aprovação da emenda. Tão somente faltaram 22 votos, com a coação, com a pressão, com as ameaças.

Passa o episódio da Emenda Dante de Oliveira. O então presidente da República fala à Nação reconhecendo que o povo deseja reformas e mudanças.

Muitas entidades, algumas delas que nunca se haviam manifestado sobre o campo institucional, se pronunciaram. A grande imprensa fez coro sistemático e permanente. Mas o governo defendia que a abertura política deveria ser lenta, gradual e segura.

Com essas palavras assumiu o general Geisel o seu mandato, em meados dos anos 1970, e iniciou-se o longo processo da chamada abertura brasileira: lenta, gradual e segura.

A oposição achava que a mudança de regime não precisava ser nem tão lenta, nem tão gradual, que podia ser mais audaciosa e mais rápida. O certo é que, 20 anos após o começo da ditadura, o cenário social, político e econômico nacional era catastrófico. A dívida externa do Brasil atingira uma cifra assombrosa.

A nossa inflação, uma das mais altas do mundo, corroía o salário dos trabalhadores brasileiros. Poderia a Nação esperar mais quatro anos por uma transição? Será que, após 11 anos — 6 anos de Figueiredo e 5 anos de Geisel —, teríamos ainda que esperar?

Todo regime forte, todo regime de exceção, toda ditadura, pode durar 1, 10 ou 20 anos. Porém, se ouvirmos os que empolgam o poder, escutaremos deles que sempre falta algum tempo para completar sua obra.

Esperar pelo quê?

Era a pergunta que então nos fazíamos.

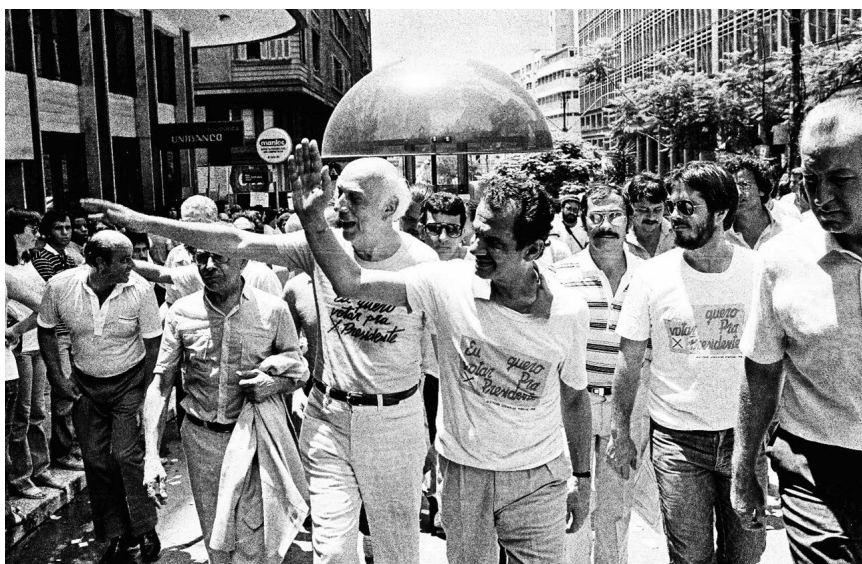
Tínhamos cinco teses importantes: as eleições diretas, a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, o fim da tortura, a anistia e a liberdade de imprensa. Todas elas, por fim, foram vitoriosas. Agora, 40 anos passados, podemos dizer que a nossa vida política é plena. Há radicalismos, sim, de lado a lado. Mas as nossas instituições, que hoje funcionam vigorosamente, estavam de mãos amarradas há 40 anos.

Caminhamos muito, sim, e caminhamos bem. E tudo isso começou com o sonho de um poeta chamado Teotônio Vilela.

Pedro Simon



Da esq. p/dir. (1º plano): José Fogaça (2º); Ulysses Guimarães (3º); Pedro Simon (4º); Tancredo Neves (5º). Passeata pelas eleições diretas para Presidência da República. 3 mar. 1984. Porto Alegre/RS. | Crédito: Adolfo Gerchmann /Acervo FGV/CPDOC.



Caminhada em Porto Alegre pelas Diretas Já, 1984. | Crédito: Alfonso Abraham/Acervo Digital da Fundação Ulysses Guimarães.

Emenda Dante de Oliveira

05

Classificação de acordo com o art. 158
da Resolução 581/1972 Subsecretaria
de Arquivo, 15 de setembro de 1984
Walter Pires Oliveira
Chefe da Seção de Arquivo de Proposições

DCN-I de 10.3.83 4

FICHADO


CONGRESSO NACIONAL

PROPOSTA DE EMENDA A CONSTITUIÇÃO

N.º 05, de 1983

EMENTA: DISPÕE SOBRE A ELEIÇÃO DIRETA PARA PRESIDENTE E VICE-PRESIDENTE DA
REPÚBLICA.

(Apresentada pelo DEPUTADO DANTE DE OLIVEIRA)

NOTA

Fim do prazo na Comissão: 18.05.83

176 DEP.
24 SEN.

GP-0- 414

Brasília, 11 de março de 1983

Senhor Presidente,

Tenho a honra de encaminhar a Vossa Excelência a Proposta de Emenda Constitucional, de autoria do Senhor Deputado Dante de Oliveira e subscrita por mais 173 Senhores Deputados e 24 Senhores Senadores, que "dispõe sobre a eleição direta para Presidente e Vice-Presidente da República".

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência protestos de apreço.


Flávio Marçílio
Presidente da Câmara dos Deputados

A Sua Excelência o Senhor
Senador Nilo Coelho
Presidente do Senado Federal

vra

SENADO FEDERAL
Protocolo Legislativo
P. E. C. 25/83
Fls. 21



CÂMARA DOS DEPUTADOS

*Publicou-se. Ao Senado Federal
Em 02.3.83*
*À Comissão de
Em 18.4.83*

PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 05., DE 1983

Secretaria do Senado Federal
SERVIÇO DE PROTOCOLO LEGISLATIVO
986/05 de 1983
Em 13-06-83
Guimarães

* Dispõe sobre a eleição direta para Presidente e Vice-Presidente da República.

*Rejeitada, em 26.4.84
Ao Arquivo
Smoys*

ÀS MESAS DA CÂMARA DOS DEPUTADOS E DO SENADO FEDERAL, NO USO DAS ATRIBUIÇÕES QUE LHEZ CONFERE O ARTIGO 49 DA CONSTITUIÇÃO, PROMULGA A SEGUINTE EMENDA CONSTITUCIONAL:

Art. 19 - Os artigos 74 e 148 da Constituição Federal, revogados seus respectivos parágrafos, passarão a vigor com a seguinte redação:

Art. 74 - O Presidente e Vice-Presidente da República serão eleitos, simultaneamente, entre os brasileiros maiores de trinta e cinco anos e no exercício dos direitos políticos, por sufrágio universal e voto direto e secreto, por um período de cinco anos.

Parágrafo Único. A eleição do Presidente e Vice-Presidente da República, realizar-se-á no dia 15 de novembro do ano que anteceder ao do término do mandato presidencial.

GER 20.01.0050.5

adff
SENADO FEDERAL
Protocolo Legislativo
P. E. C. 05/83
Fls. 22



Art. 143 - O sufrágio é universal e o voto é direto e secreto; os partidos políticos terão re apresentação proporcional, total ou parcial, na forma que a lei estabelecer.

Art. 2º - Ficam revogados o artigo 75 e respectivos parágrafos, bem como o § 1º do artigo 77 da Constituição Federal, passando seu § 2º a constituir-se parágrafo único.

J U S T I F I C A Ç Ã O

Apresentamos esta emenda com o intuito de restabelecer a eleição direta do Presidente e Vice-Presidente da República.

O que se colima é restaurar a tradição da eleição direta, através do voto popular, tradição esta profundamente arraigada não só no Direito Constitucional brasileiro como também nas aspirações do nosso povo.

Desde a primeira Constituição republicana, a eleição direta do primeiro mandatário da Nação foi um postulado que se integrou na vida política do país. E os maiores presidentes que o Brasil já teve vieram, todos eles, ungidos pelo consenso popular.


SENADO FEDERAL
Protocolo Legislativo
P. E. C. 09/83
Fls. 13



Não só a tradição constitucional, ou as aspirações populares militam em favor do restabelecimento do direito do povo de escolher o primeiro magistrado.

A legitimidade do mandato surge límpida, incontestada, se sua autoridade for delegação expressa da maioria do eleitorado.

Assim, o presidente passa a exercer um poder que o povo livre e expressamente lhe conferiu. Este passa a ser o mais alto representante desse mesmo povo, que não somente o escolheu, mas apoiou suas idéias, seu programa, suas metas.

Difere do que ocorre com outros candidatos, escolhidos em círculos fechados e inacessíveis à influência popular e às aspirações nacionais. Um presidente eleito pelo voto direto está vinculado ao povo e com ele compromissado. As eleições diretas para Presidente da República pressupõe um novo pacto social. Serão as forças vivas da nação, do assalariado ao empresariado, que irão formar a nova base social de poder. Um presidente eleito por um colégio eleitoral, não tem compromisso com o povo. Mas está diretamente vinculado àquelas forças que o apoiou, no círculo diminuto e fechado que o escolheu.

Para completar o disposto no artigo 74 e a revogação do artigo 75 e seus parágrafos, bem como a do parágrafo 1º do



artigo 77, a proposta exclui, do texto do caput do artigo 148 da Constituição Federal a ressalva constante das palavras "salvo nos casos previstos nesta Constituição", bem como, seu parágrafo único, a fim de que fique expresso que o sufrágio é universal e o voto direto e secreto em todas as eleições.

Ao submetermos esta proposta ao exame do Congresso Nacional, estamos certos de sermos porta-vozes do anseio da Nação, da imensa maioria do nosso povo, que, há muito, acalenta esta aspiração, mais forte agora, após ter ressuscitado politicamente, com a última eleição direta para governador.

A presente Proposta de Emenda à Constituição deve ser vista, também, como a única solução à crise econômica, política e social porque passa o país.

A nós basta um mínimo de patriotismo, de honestidade e de sentimento humano, para entendermos que é hora de mudar.

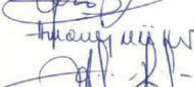
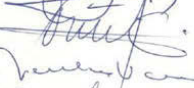
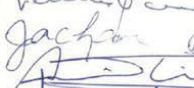
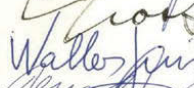
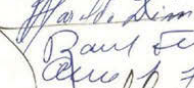
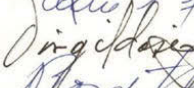
Sala das Sessões, em


Deputado DANTE DE OLIVEIRA

SENADO FEDERAL
Protocolo Legislativo
P. E. C. 25/83
Fls. 05

PROPOSTA A EMENDA CONSTITUCIONAL - ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESIDENTE

DA REPÚBLICA

- | | | |
|------|---|-----------------------------|
| 01 - |  | FERNANDO LIRA |
| 02 - |  | HORÁCIO ORTIZ |
| 03 - |  | ADEMIR SANTILLO |
| 04 - |  | CRISTÓVÃO ARELHA |
| 05 - |  | MAUDY MÜLLER |
| 06 - |  | ODILON SAMPAIO |
| 07 - |  | WARNER DE LENCASTRE |
| 08 - |  | SINCEN CARNEIRO |
| 09 - |  | JACKSON BARRETO |
| 10 - |  | FIDEI DE LIMA |
| 11 - |  | PIMENTA DA VEIGA |
| 12 - |  | DARCY PASSOS |
| 13 - |  | CASSIO GONÇALVES |
| 14 - |  | MANOEL CORTES JR |
| 15 - |  | WÁLTER GUIMARÃES |
| 16 - |  | RENATO BERVAROTO |
| 17 - |  | FONTINHO FONTADO |
| 18 - |  | BELA MENDES |
| 19 - |  | ELVISSOM SOARES |
| 20 - |  | HAROLDO LIMA |
| 21 - |  | RAUL FERRAZ |
| 22 - |  | GENOBALDO CORREIA |
| 23 - | | VIRGÍLIO DE LENCASTRE |
| 24 - | | NADYR ROSSETTI-R.S |
| 25 - | | MATHEUS SCHMIDT |
| 26 - | | ALDO PINTO |
| 27 - | | JÚLIO CARUSO RJ |
| 28 - | | WAGNER LAGO-MD |
| 29 - | | CARLOS AKBEILO DE CASTRO/AM |
| 30 - | | |
| 31 - | | |
| 32 - | | |

PROPOSTA E EMENDA CONSTITUCIONAL - ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESIDENTE

DA REPÚBLICA

- 33 - ~~Randolph de Figueiredo~~ RANDOLFO BITTENCOURT (AM)
- 34 - ~~NYDER BARBOSA~~ NYDER BARBOSA
- 35 - ~~ROBERTO FREIRE~~ ROBERTO FREIRE
- 36 - ~~CARLOS WILSON~~ CARLOS WILSON
- 37 - ~~MARCO COVAS~~ MARCO COVAS
- 38 - ~~SIEGFRIED HEUSER~~ SIEGFRIED HEUSER
- 39 - ~~JOSE CARNE - M. G.~~ JOSE CARNE - M. G.
- 40 - ~~LEONIDAS SAMPAIO~~ LEONIDAS SAMPAIO
- 41 - ~~MARCIO MACHES~~ MARCIO MACHES
- 42 - ~~ORASO COIMBRA~~ ORASO COIMBRA
- 43 - ~~ALBERTO GOLDMAN~~ ALBERTO GOLDMAN
- 44 - ~~ALENCAR FURTADO~~ ALENCAR FURTADO
- 45 - ~~EPITACIO CAPETEIRA~~ EPITACIO CAPETEIRA
- 46 - ~~MIGUEL ARRAES~~ MIGUEL ARRAES
- 47 - ~~CRISTINA TAVARES~~ CRISTINA TAVARES
- 48 - ~~MANUEL VIANA~~ MANUEL VIANA
- 49 - ~~PAULINO PERES~~ PAULINO PERES
- 50 - ~~PAULO MINICARDONER~~ PAULO MINICARDONER
- 51 - ~~CLECHOS VINAGRE - PARI~~ CLECHOS VINAGRE - PARI
- 52 - ~~JOAO GILBERTO~~ JOAO GILBERTO
- 53 - ~~ALUIZIO BEZERRA~~ ALUIZIO BEZERRA
- 54 - ~~ULISSES GUIMARAES~~ ULISSES GUIMARAES
- 55 - ~~Carlos Mosconi~~ Carlos Mosconi
- 56 - ~~JOSE CARLOS VASCONCELOS~~ JOSE CARLOS VASCONCELOS
- 57 - ~~PROBAC DE BARROS~~ PROBAC DE BARROS
- 58 - ~~VICENTE AUGUSTO~~ VICENTE AUGUSTO
- 59 - ~~JOSE FOGAGA~~ JOSE FOGAGA
- 60 - ~~SINAL GUZZELLI~~ SINAL GUZZELLI
- 61 - ~~JOSE GONCALVES NETO~~ JOSE GONCALVES NETO
- 62 - ~~MARCIO LACERDA~~ MARCIO LACERDA
- 63 - ~~HEERLITO FORTES~~ HEERLITO FORTES
- 64 - ~~SEBASTIAO CARVALHO~~ SEBASTIAO CARVALHO
- 65 - ~~OMAR SANTANA PADEIRA~~ OMAR SANTANA PADEIRA
- 66 - ~~Jorge Viana~~ Jorge Viana
- 67 - ~~OSCAR LIMA~~ OSCAR LIMA
- 68 - ~~OSCAR LIMA~~ OSCAR LIMA

PROPOSTA DE EMENDA CONSTITUCIONAL - ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESI-
DENTE DA REPÚBLICA

- 69 - ~~Egídio F. Lima~~ - EGÍDIO F. LIMA
70 - ~~Alcides~~ - ALCEIRO
71 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
72 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
73 - ~~Fernando Gomes~~ - FERNANDO GOMES
74 - ~~DEL BOSCO AMARAL~~ - DEL BOSCO AMARAL
75 - ~~LELIO STORZ~~ - LÉLIO STORZ
76 - ~~Matiaso Suplicy~~ - MATIASO SUPICÝ
77 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
78 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
79 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
80 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
81 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
82 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
83 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
84 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
85 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
86 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
87 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
88 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
89 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
90 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
91 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
92 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
93 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
94 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
95 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
96 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
97 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
98 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
99 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
100 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
101 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
102 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
103 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~
104 - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~ - ~~Luiz~~

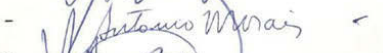
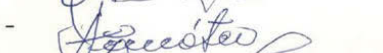
PROPOSTA DE EMENDA CONSTITUCIONAL - ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESI-
DENTE DA REPÚBLICA

- 105 - ~~Antônio~~ ANÍBAL TEIXEIRA
106 - ~~João Carlos~~ Aníbal
107 - ~~Adelino~~ Helió Manhães - ES.
108 - ~~Edilson~~
109 - ~~Alcides~~ - RAYMUNDO ADEIRA - PG.
110 - ~~Alcides~~ - ALVIZO CAMPOS
111 - ~~Edilson~~ - PA.
112 - ~~Alcides~~ - A.C.
113 - ~~Edilson~~ - RIZARDO RIBEIRO
114 - ~~Alcides~~
115 - ~~Alcides~~ (ITURIVAL) GO
116 - ~~Alcides~~ (MARCIO BRAGA) R.J.
117 - ~~Alcides~~ (JANA R. PASSONI)
118 - ~~Alcides~~ (HARRY AMORIM - AP)
119 - ~~Alcides~~ (ISRAEL PINHEIRO)
120 - ~~Alcides~~ - (EA)
121 - ~~Alcides~~ ADEMIR ANDRADE
122 - ~~Alcides~~ MARCIO SANTILLI - SP
123 - ~~Alcides~~ - S.P.
124 - ~~Alcides~~ - ROSA FLORES
125 - ~~Alcides~~ JOSE EDEUS.
126 - ~~Alcides~~ (MILTON BEVILACQUA)
127 - ~~Alcides~~ (ALTON SOARES)
128 - ~~Alcides~~ (JUAZEL BATISTA)
129 - ~~Alcides~~ (PAULO JUSTO)
130 - ~~Alcides~~ NELTON FRIEDRICH
131 - ~~Alcides~~ HÉRMES ZANETI
132 - ~~Alcides~~ MARIO KATO
133 - ~~Alcides~~ (DELIO SANTOS)
134 - ~~Alcides~~ DIONISIA Ha
135 - ~~Alcides~~
136 - ~~Alcides~~
137 - ~~Alcides~~
138 - ~~Alcides~~

SENADO FEDERAL
Pronunciado Legislativo
P.T.C. 15/193
Fls. 22

PROPOSTA DE EMENDA CONSTITUCIONAL - ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESI-

DENTE DA REPÚBLICA

- 139 -  OLAVO PIRES RO
140 -  ORESTE MUNIZ
141 -  AGENOR MARIK
142 -  THEODORO MENDES
143 -  E. Cont.
144 -  EUCLIDES SAMPAIO
145 -  PAULO DE ALMEIDA (S.P.)
146 -  WALL FERRAZ
147 -  SEBASTIÃO AERY
148 -  HAWES (R.M.)
149 -  JOAQUIM RORIZ
150 -  JORGE UEQUED
151 -  RALPH DIAS
152 -  GASTONE RIGHI
153 -  AGNALDO TIMOTEO
154 -  PAULO ZAKEUR.
155 -  MOACYR FRANCO
156 -  MENDES BOTELHO (S.P.) PTB
157 -  NELSON DO CARMO (ART 74 e 148)
158 -  MAGNO BAREL (MA)
159 -  AURADO MOLETTA (PR)
160 -  MAURÍCIO FRUET (PR)
161 -  WILSON HAEFKE (RS)
162 -  FLÁVIO BIERRENBACH (SP)
163 -  FERNANDO CUNHA
164 -  JOÃO HERCÚLIO
165 -  RAM SADI (GO)
166 -  JOÃO DIRINO
167 -  INGOZ BENARES
168 - VITOR MAGER
169 -
170 -
171 -
172 -

PROPOSTA DE EMENDA CONSTITUCIONAL - ELEIÇÕES DIRETAS PARA
PRESIDENTE DA REPÚBLICA

- 173- *João Mendonça de Moraes* - MG.
174- *Milton Reis* -
175- *Israel* -
176- *João Zélio de Oliveira* - JOSE ULISSES (MG)
177- *Guilherme* -
178- *Arthur* -
179- *Marcondes Pereira* -
180- *João* -
181- *Reato Pereira* -
182- *Reato Pereira* -
183- *Reato Pereira* -
184- *Reato Pereira* -
185- *Reato Pereira* -
186- *Reato Pereira* -
187- *Reato Pereira* -
188- *Reato Pereira* -
189- *Reato Pereira* -
190-
191-
192-
193-
194-
195-
196-
197-
198-
199-
200-
201-
202-
203-

SENADO FEDERAL
Protocolo Legislativo
P. E. C. 05-193
Fla. 11

Texto original da Emenda Dante de Oliveira e assinatura dos apoiadores desta. A Emenda foi a 5ª a ser apresentada no ano de 1983. Sua rejeição ocorreu em 1984, o que levou ao seu arquivamento. | Crédito: Arquivo do Senado Federal.

O Brasil após 25 de abril de 1984, segundo o SNI

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO GABINETE DO MINISTRO CIE	CONFIDENCIAL BRASÍLIA, DF	SNI AGÊNCIA CENTRAL 010311 17MA/84 PR de 16 MA 1984 01/05
---	------------------------------	---

INFORMAÇÃO Nº 0579 -S/102-A7-CIE

1. Assunto: CONTINUAÇÃO DA CAMPANHA PELO RESTABELECIMENTO IMEDIATO DE ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESIDENTE DA REPÚBLICA - 1.4.3.
2. Origem: CIE
3. Difusão: AC/SNI-CI/DPF-CIM-CISA-I-II-III-IV EX-CMP-CMA-DGP-DGS-DMB-DEC-DEP-SEF-4aDE-5aRM/DE-6aRM-8aRM-9aRM/DE-10aRM
4. Difusão Anterior: -
5. Referência: -
6. Anexo: -



1. Em 25 Abr 84, foi rejeitada pelo CONGRESSO NACIONAL, a Emenda DANTE DE OLIVEIRA, que pretendia o restabelecimento imediato de eleições diretas para Presidente da República, modificando o Art 74 da CONSTITUIÇÃO FEDERAL.

Esta emenda foi a bandeira de luta de intensa campanha desencadeada por diversas entidades legais e ilegais, inclusive pelas várias Organizações Subversivas que atuam no país. O principal órgão que ordenou o movimento foi o Comitê Nacional Pró-Diretas que congrega, entre outras agremiações: a OAB, a ABI, a ANDES, a UNE, a CUT e a CONCLAT, organizações infiltradas ou dominadas por agentes do Movimento Comunista.

2. Atrelado ao objetivo acima mencionado, as OS e as entidades ilegais têm o interesse de sensibilizar a opinião pública para sua legalização, bem como conseguir esse compromisso dos partidos políticos de oposição, caso esses consigam eleger no próximo pleito, um seu representante para o cargo de Chefe da Nação.

3. Derrotados no CONGRESSO NACIONAL, em 25 Abr 84, as OS, os partidos de oposição e as mencionadas entidades não abandonaram a luta e, já no dia seguinte, reiniciaram a campanha trabalhando a opinião pública, de modo especial através dos órgãos de imprensa, para que a reivindicação continue, uma vez que esse intento pode ser alcançado durante a votação da nova proposta de emenda à Constituição Federal, remetida pelo Poder Executivo.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(Cont. d. a INFORMAÇÃO n. 0579 / S. 102 / A7 CIE. de 16 MAI 1984 02/05 -)

4. Com dificuldade em permanecer, de imediato, arregimentando as massas populares em grandes eventos, principalmente por restrições de ordem financeira, os agentes e as Organizações Subversivas desencadearam uma campanha de desmoralização dos parlamentares que não votaram a favor da Emenda DANTE DE OLIVEIRA, bem como do General NEWTON CRUZ, executor das Medidas de Emergência determinadas pelo Presidente da República e sem as quais não teria sido possível a livre manifestação dos parlamentares e a manutenção da ordem pública no DISTRITO FEDERAL.

5. Abaixo são transcritas atividades de conhecimento deste Centro, realizadas após o dia 25 Abr 84, que foram prosseguimento à campanha pelo restabelecimento das eleições diretas de imediato.

26 Abr - MARÍLIA/SP e BAURURU/SP

Ato público contra o Dep Fed ALCIDES FRANCISCATO - (PDS/SP). Em BAURURU/SP foi queimado um boneco estilizando o parlamentar.

Os filhos do deputado abandonaram suas escolas por estarem sendo hostilizados.

26 Abr - MARÍLIA/SP

Um boneco de pano com o nome do Dep Fed DIOGO NOMURA foi surrado e queimado em praça pública, durante a vigília do Comitê Municipal Pró-Diretas.

26 Abr - RIO DE JANEIRO/RJ

Conício contra os parlamentares que votaram contra a aprovação da emenda. Presença de menos de 1.000 pessoas, a maioria militantes de Organizações Subversivas (PCB, PC do B, MR-8 e CS). Foi incentivada a continuação da luta por "eleições diretas, já".

27 Abr - CURITIBA/PR

Pequeno grupo realizou uma manifestação de desagrado no Aeroporto AFONSO PENA, contra parlamentares do PDS que chegavam de BRASÍLIA/DF.

O Dep Fed JOAQUIM DOS SANTOS FILHO sofreu tentativa de agressão da parte de LUIZ ALBERTO AMARAL MANFRESINI, ligado ao PC do B.

CONFIDENCIAL



29 Abr - ITAJUBÁ/MG

Foi colocada na Praça TEODOMIRO SANTIAGO, um quadro-negro com os nomes de parlamentares mineiros com os dizeres: "Congressistas representantes de si próprios, espelhos de parlamentares, fiapos de homens públicos, fósseis da ditadura".

03 Mai - FORTALEZA/CE

Realizada, na Praça do FERREIRA, uma manifestação organizada pelo Vereador MARCUS JOSÉ FERNANDES DE OLIVEIRA (PMDB/CE), militante do MR-8, na qual foi feito o enterro simbólico do Gen NEWTON CRUZ.

08 Mai - FORTALEZA/CE

Em reunião no Centro Médico Cerrense, foram homenageados os deputados que votaram a favor da Emenda DANTE DE OLIVEIRA.

09 Mai - GOIÂNIA/GO

Foi apresentado na Assembleia Legislativa de GOIÁS, pelo Dep Est IVAN ORNELAS (PMDB/GO), militante do PCB, requerimento propondo a concessão de título de "persona non grata" ao Comandante Militar do Planalto, General NEWTON CRUZ.

Por determinação do Presidente da Casa, o requerimento foi retirado da pauta do dia.

11 Mai - SÃO PAULO/SP

Em manifestação organizada pelo Comitê Paulista Pró-Eleições Diretas, foi feito o velório e o enterro dos deputados federais de SÃO PAULO que não votaram a favor da Emenda DANTE DE OLIVEIRA.

SÃO PAULO/SP

Instituição, pela FOLHA DE SÃO PAULO, do Prêmio JUSTO VERÍSSIMO para eleição do Deputado mais odiado do país, que além do caráter jocoso teve o objetivo de dar ênfase aos nomes dos parlamentares que mais se pronunciaram contra a campanha pelo restabelecimento das eleições diretas.

RIO DE JANEIRO/RJ

Foi colocado em circulação o nº 775 (3/9 Mai 64) do PASQUIM com críticas grosseiras aos parlamentares que não votaram a favor da Emenda DANTE DE OLIVEIRA.



CONFIDENCIAL

6. Alguns comitês organizadores têm novos eventos previstos e com datas determinadas:

25 Mai - BELO HORIZONTE/MG

Enterro simbólico dos treze deputados mineiros que votaram contra a Emenda DANTE DE OLIVEIRA, pelos integrantes do Comitê pelas Eleições Diretas, na Praça RIO BRANCO.

25 Mai - CAMPINA GRANDE/PB

Marcha, seguida de ato público, em prol das Eleições Diretas.

25 Mai - BRASÍLIA/DF

Realização de um comício pelas "diretas, já", na Torre de TV.

25 Mai - SÃO PAULO/SP

Por proposta do PT/SP, ao Comitê Paulista Suprapartidário pelas Eleições Diretas, deverá ser realizada a "noite do barulho". O PT/SP propõe, também, a realização de uma grande manifestação pública na primeira semana de junho, bem como "jornadas nacionais de luta pelas diretas", todos os meses em cada dia 25.

7. Sem uma definição quanto às datas, comitês de diversas outras cidades decidiram que manterão a campanha pelas eleições diretas e reafirmaram o propósito de dar continuidade às manifestações de ruas, promovendo concentrações, passeatas e atos públicos.

8. Não tendo sido aprovada pelo CONGRESSO NACIONAL em 25 Abr 84, a Emenda DANTE DE OLIVEIRA que previa a eleição do sucessor do atual Presidente da República através de eleições diretas, difícil, mas não impossível, continua para as oposições, eleger um seu representante para esse cargo.

A campanha desencadeada com maior ênfase ao longo dos quatro primeiros meses do ano, buscou proporcionar aos partidos de oposição uma nova chance no pleito presidencial, uma vez que foram derrotados nas eleições de 15 Nov 82, que julgavam vencer e das quais participaram conhecendo as regras estabelecidas.

No movimento pelas eleições diretas estiveram e estão presentes os agentes da subversão militantes dos partidos políticos da oposição e de entidades legais e ilegais que atuam no país. Sendo os participantes

CONFIDENCIAL

mais ativos nos eventos programados e desencadeados, buscam, com a alteração do artigo 74 da CONSTITUIÇÃO FEDERAL, ver vitorioso um político da oposição, para dele cobrar, posteriormente, em troca do apoio fornecido, benesses para as Organizações Subversivas e entidades ilegais como a UNE, a CUT e a CONCLAT, principalmente o seu reconhecimento.

Como era de se prever, mesmo derrotados não abandonaram seu intuito. Vislumbrando nova oportunidade na votação que apreciará a Emenda enviada ao Poder Legislativo pelo Exmo Sr Presidente da República, tentam manter mobilizada a opinião do povo, que desconhecendo os verdadeiros objetivos desses perversos brasileiros, acreditam, em função da campanha, ser o restabelecimento das eleições diretas a solução dos problemas econômico-financeiros que assolam o país e a nação, em decorrência, principalmente, de uma conjuntura internacional adversa.

Enquanto reagrupam suas forças, os diversos comitês pelas eleições diretas existentes nas cidades brasileiras realizam concentrações públicas com o escopo de desmoralizar, junto ao povo, os deputados que não votaram pela aprovação da Emenda. DANTE DE OLIVEIRA e o General NEWTON CRUZ que, como executor das Medidas de Emergência, conseguiu impedir a ação nefasta dos agentes da subversão que intentavam pressionar os parlamentares, bem como perturbar a ordem pública na Capital Federal.

A fase seguinte da campanha, conforme vem sendo divulgado pelos seus organizadores é a realização contínua de manifestações de ruas, através de concentrações, passeatas e atos públicos.

Conclui-se, portanto, que a população continuará sendo insuflada contra os poderes constituídos e que nova pressão contra os membros do CONGRESSO NACIONAL será exercida na data de votação da Emenda enviada pelo Exmo Sr Presidente da República, à apreciação do Poder Legislativo.

TODA PESSOA QUE TOME COPIAMENTO DESTA DOCUMENTO
É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DE SEU SIGILO (RSAS).



CONFIDENCIAL

Arquivo do SNI reúne informações acerca da continuidade das manifestações em prol das Diretas Já após a rejeição da Emenda Dante de Oliveira. |

Crédito: Arquivo Nacional.

Quem votou a favor e quem votou contra

A favor

Acre

Aluizio Bezerra (PMDB)
Geraldo Fleming (PMDB)
José Melo (PMDB)
Rui Lino (PMDB)
Wildy Vianna (PDS)

Amazonas

Arlindo Porto (PMDB)
Arthur Virgílio Neto (PMDB)
Mário Frota (PMDB)
Randolfo Bitencourt (PMDB)

Rondônia

Francisco Erse (PDS)
Múcio Athaíde (PMDB)
Mário Olavo Pires (PMDB)
Orestes Muniz (PMDB)

Pará

Ademir Andrade (PMDB)
Brabo de Carvalho (PMDB)
Carlos Vinagre (PMDB)
Coutinho Jorge (PMDB)

Dionísio Hage (PMDB)
Domingos Juvenil (PMDB)
Lucia Viveiros (PDS)
Ronaldo Campos (PMDB)
Vicente Queiróz (PMDB)

Maranhão

Cid Carvalho (PMDB)
Epitácio Cafeteira (PMDB)
Jaime Santana (PDS)
João Alberto de Souza (PDS)
João Rebelo (PDS)
Sarney Filho (PDS)
Wagner Lago (PMDB)

Piauí

Ciro Nogueira (PMDB)
Heráclito Fortes (PMDB)
Jonathas Nunes (PDS)
Wall Ferraz (PMDB)

Ceará

Antônio Morais (PMDB)
Chagas Vasconcelos (PMDB)

Lucio Alcantara (PDS)
Manoel Gonçalves (PDS)
Moisés Pimentel (PMDB)
Paulo Lustosa (PDS)
Paes de Andrade (PMDB)
Tomáz Coelho (PMDB)

R. G. do Norte

Agenor Maria (PMDB)
Antônio Câmara (PMDB)
Henrique E. Alves (PMDB)
João Faustino (PDS)

Paraíba

Aluízio Campos (PMDB)
Carneiro Arnaud (PMDB)
João Agripino (PMDB)
José Maranhão (PMDB)
Tarcísio Buriti (PDS)
Raimundo Asfora (PMDB)

Pernambuco

Arnaldo Maciel (PMDB)
Carlos Wilson (PMDB)
Cristina Tavares (PMDB)
Egídio Ferreira Lima (PMDB)
Fernando Lyra (PMDB)
Geraldo Melo (PDS)
Inocência Oliveira (PDS)
Jarbas Vasconcelos (PMDB)
José C. Vasconcelos (PMDB)
José Jorge (PDS)
Mansueto de Lavor (PMDB)
Miguel Arraes (PMDB)
Osvaldo Lima Filho (PMDB)

Roberto Freire (PMDB)
Sérgio Murilo (PMDB)

Alagoas

Alberico Cordeiro (PDS)
Fernando Collor (PDS)
Geraldo Bulhões (PDS)
José Thomaz Nonô (PDS)
Djalma Falcão (PMDB)
Manoel Alfonso (PMDB)
Sérgio Moreira (PMDB)

Sergipe

Gilton Garcia (PDS)
Jackson Barreto (PMDB)
José Carlos Teixeira (PMDB)

Bahia

Carlos Sant'Anna (PMDB)
Domingos Leonelli (PMDB)
Elquisson Soares (PMDB)
Fernando Gomes (PMDB)
Fernando Santana (PMDB)
França Teixeira (PDS)
Francisco Pinto (PMDB)
Genebaldo Correia (PMDB)
Haroldo Lima (PMDB)
Jorge Medauar (PMDB)
Jorge Vianna (PMDB)
José Lourenço (PDS)
Jutahy Junior (PDS)
Marcelo Cordeiro (PMDB)
Raimundo Urbano (PMDB)
Raul Ferraz (PMDB)
Rui Bacelar (PDS)

Virgildasio de Senna (PMDB)

Espírito Santo

Hélio Manhanes (PMDB)

Max Mauro (PMDB)

Myrthes Bevilacqua (PMDB)

Nelson Aguiar (PMDB)

Nider Barbosa (PMDB)

Stelio Dias (PDS)

Teodorico Ferraço (PDS)

Rio de Janeiro

Abdias do Nascimento (PDT)

Agnaldo Timóteo (PDT)

Aloisio Teixeira (PMDB)

Alvaro Valle (PDS)

Arildo Teles (PDT)

Bocaiuva Cunha (PDT)

Brandão Monteiro (PDT)

Carlos Peçanha (PMDB)

Celso Peçanha (PTB)

Clemir Ramos (PDT)

Daso Coimbra (PMDB)

Delio dos Santos (PDT)

Denisor Arneiro (PMDB)

Fernando Carvalho (PTB)

Francisco Studart (PTB)

Gustavo Faria (PMDB)

Jacques D'Ornellas (PDT)

Jorge de Araújo Jorge (PDT)

Jorge Curi (PTB)

Jorge Leite (PMDB)

José Colagrossi (PDT)

José Eudes (PT)

José Frejat (PDT)

Leonidas Sampaio (PMDB)

Marcelo Medeiros (PMDB)

Márcio Braga (PMDB)

Márcio Macedo (PMDB)

Mário Juruna (PDT)

Roberto Jefferson (PTB)

Sebastião Ataíde (PDT)

Sebastião Nery (PDT)

Sérgio Lomba (PDT)

Walter Casanova (PDT)

Vilmar Palis (PDS)

Minas Gerais

Aécio Cunha (PDS)

Aníbal Teixeira (PMDB)

Antonio Dias (PDS)

Carlos Mosconi (PMDB)

Cássio Gonçalves (PMDB)

Emílio Galo (PDS)

Fúed Dib (PMDB)

Gerardo Renault (PDS)

Humberto Souto (PDS)

Israel Pinheiro (PDS)

João Herculano (PMDB)

Jorge Carone (PMDB)

Jorge Vargas (PMDB)

José Carlos Fagundes (PDS)

José Machado (PDS)

José Maria Magalhães (PMDB)

José M. de Moraes (PMDB)

José Ulisses (PMDB)

Juarez Batista (PMDB)

Julia Marise (PMDB)

Luiz Dulci (PT)

Luiz Baccarini (PMDB)

Luiz Guedes (PMDB)
Luiz Leal (PMDB)
Luiz Safair (PMDB)
Manoel Costa Junior (PMDB)
Marcos Lima (PMDB)
Mário Assad (PDS)
Mário de Oliveira (PMDB)
Mauricio Campos (PDS)
Navarro Vieira Filho (PDS)
Melo Freire (PMDB)
Milton Reis (PMDB)
Oscar Correa Júnior (PDS)
Osvaldo Murta (PMDB)
Paulino Cicero (PDS)
Pimenta da Veiga (PMDB)
Raul Belém (PMDB)
Rosemburgo Romano (PMDB)
Sérgio Ferrara (PMDB)
Wilson Vaz (PMDB)

São Paulo

Airton Sandoval (PMDB)
Airton Soares(PT)
Alberto Goldman (PMDB)
Aurelio Peres (PMDB)
Beth Mendes (PT)
Cardoso Alves (PMDB)
Celso Amaral (PTB)
Darci Passos (PMDB)
Del Bosco Amaral (PMDB)
Djalma Bom (PT)
Doreto Campanari (PMDB)
Eduardo M. Suplicy (PT)
Farabulini Júnior (PTB)
Felipe Cheidde (PMDB)

Flávio Bierrenbach (PMDB)
Francisco Amaral (PMDB)
Francisco Dias (PMDB)
Freitas Nobre (PMDB)
Gastone Righi (PTB)
Gióia Júnior (PDS)
Herbert Levy (PDS)
Irma Passoni (PT)
Israel Dias Novaes (PMDB)
João Bastos (PMDB)
João Cunha (PMDB)
João Hermann (PMDB)
José Genoíno (PT)
Márcio Santilli (PMDB)
Marcondes Pereira (PMDB)
Mário Hato (PMDB)
Mendes Botelho (PTB)
Moacir Franco (PTB)
Nelson do Carmo (PTB)
Octacilio de Almeida (PMDB)
Pacheco Chaves (PMDB)
Paulo Zarzur (PMDB)
Raimundo Leite (PMDB)
Ralph Biasi (PMDB)
Ricardo Ribeiro (PTB).
Roberto Rollemberg (PMDB)
Rui Codo (PMDB)
Samir Achoa (PMDB)
Teodoro Mendes (PMDB)
Tidei de Lima (PMDB)
Ulysses Guimarães (PMDB)

Goiás

Aldo Arantes (PMDB)
Fernando Cunha (PMDB)

Genésio de Barros (PMDB)
Iram Saraiva (PMDB)
Irapuan Costa Júnior (PMDB)
Iturival Nascimento (PMDB)
João Divino (PMDB)
Joaquim Roriz (PMDB)
Juarez Bernardes (PMDB)
Paulo Borges (PMDB)
Tobias Alves (PMDB)

Mato Grosso

Dante de Oliveira (PMDB)
Gilson de Barros (PMDB)
Márcio de Lacerda (PMDB)
Milton Figueiredo (PMDB)

Mato Grosso do Sul

Albino Coimbra (PDS)
Harry Amorim (PMDB)
Plínio Martins (PMDB)
Ruben Figueiró (PMDB)
Saulo Queiroz (PDS)
Sérgio Cruz (PMDB)

Paraná

Alceni Guerra (PDS)
Alencar Furtado (PMDB)
Amadeu Gears (PMDB)
Anselmo Peraro (PMDB)
Antonio Mazurek (PDS)
Aroldo Moletta (PMDB)
Borges da Silveira (PMDB)
Celso Saboia (PMDB)
Dilson Fanchin (PMDB)
Hélio Duque (PMDB)

José Tavares (PMDB)
Luiz Antonio Fayet (PDS)
Mattos Leão (PMDB)
Norton Macedo (PDS)
Olivir Gabardo (PMDB)
Osvaldo Trevisan (PMDB)
Paulo Marques (PMDB)
Pedro Sampaio (PMDB)
Renato Bernardi (PMDB)
Renato Loures Bueno (PMDB)
Santinho Furtado (PMDB)
Sebastião Rodrigues Jr. (PMDB)
Valmor Giavarina (PMDB)
Walber Guimarães (PMDB)

Santa Catarina

Cacildo Maldaner (PMDB)
Dirceu Carneiro (PMDB)
Evaldo Amaral (PDS)
Fernando Bastos (PDS)
Ivo Vanderlinde (PMDB)
Luiz Henrique (PMDB)
Nelson Wedekin (PMDB)
Odilon Salmoria (PMDB)
Paulo Meiro (PDS)
Pedro Colin (PDS)
Renato Vianna (PMDB)
Walmor De Luca (PMDB)

Rio Grande do Sul

Aldo Pinto (PDT)
Amauri Muller (PDT)
Augusto Trein (PDS)
Floríceno Paixão (PDT)
Hermes Zaneti (PMDB)

Ibsen Pinheiro (PMDB)
Irajá Rodrigues (PMDB)
João Gilberto (PMDB)
Jorge Uequed (PMDB)
José Fogaça (PMDB)
Júlio Castamilan (PMDB)
Lélio Souza (PMDB)
Matheus Schmidt (PDT)

Nadyr Rossetti (PDT)
Nilton Alves (PDT)
Osvaldo Nascimento (PDT)
Paulo Mincarone (PMDB)
Rosa Flores (PMDB)
Siegfried Heuser (PMDB)
Sinval Guazzelli (PMDB)

Contra

Acre

Amilcar de Queiroz (PDS)
Nosser Almeida (PDS)

Amazonas

José L. de Albuquerque (PDS)
Vivaldo Frota (PDS)

Pará

Jorge Arbage (PDS)
Manuel Ribeiro (PDS)
Osvaldo Melo (PDS)
Sebastião Curió (PDS)

Maranhão

Eurico Ribeiro (PDS)

José Burnett (PDS)
Magno Bacelar (PDS)
Vieira da Silva (PDS)
Victor Travão (PDS)

Piauí

Milton Brandão (PDS)
Tapety Júnior (PDS)

Ceará

Furtado Leite (PDS)
Marcelo Linhares (PDS)
Orlando Bezerra (PDS)

Paraíba

Joacil Pereira (PDS)

Pernambuco

Antônio Faria (PDS)
João Carlos De Carli (PDS)
Nilson Gibson (PDS)
Osvaldo Coelho (PDS)
Ricardo Fiuza (PDS)

Bahia

Afrísio Vieira Lima (PDS)
Ângelo Magalhães (PDS)
Djalma Bessa (PDS)
Felix Mendonça (PDS)
Fernando Magalhães (PDS)
Gorgonio Neto (PDS)
Helio Correia (PDS)
Nei Ferreira (PDS)
Wilson Falcão (PDS)

Rio de Janeiro

Amaral Neto (PDS)
Darcílio Aires (PDS)
Eduardo Galil (PDS)
Hamilton Xavier (PDS)
Saramago Pinheiro (PDS)

São Paulo

Armando Pinheiro (PDS)
Ferreira Martins (PDS)
Renato Cordeiro (PDS)
Salles Leite (PDS)

Goiás

Brasílio Caiado (PDS)
Siqueira Campos (PDS)

Mato Grosso

Maçao Tadano (PDS)

Mato Grosso do Sul

Ubaldo Barem (PDS)

Paraná

Ari Kffuri (PDS)
Fabiano Braga Cortes (PDS)
Ítalo Conti (PDS)
José Carlos Martinez (PDS)
Otavio Cesario (PDS)
Santos Filho (PDS)

Santa Catarina

Adhemar Ghisi (PDS)

Rio Grande do Sul

Balthazar de Bem e Canto (PDS)
Darci Pozza (PDS)
Emídio Perondi (PDS)
Guido Moesch (PDS)
Hugo Mardini (PDS)
Irineu Colato (PDS)
Nelson Marchezan (PDS)
Oly Fachin (PDS)
Pedro Germano (PDS)
Pratini de Moraes (PDS)
Rubens Ardenghi (PDS)
Victor Faccioni (PDS)

Ausentes

Acre

Alécio Dias (PDS)

Amazonas

José Fernandes (PDS)

Josué de Souza (PDS)

Rondônia

Assis Canuto (PDS)

Francisco Sales (PDS)

Leonidas Rachid (PDS)

Rita Furtado (PDS)

Pará

Antônio Amaral (PDS)

Gerson Peres (PDS)

Maranhão

Bayma Júnior (PDS)

Edison Lobão (PDS)

Enoc Vieira (PDS)

José Ribamar Machado (PDS)

Nagib Haickel (PDS)

Piauí

Celso Barros (PDS)

José Luiz Maia (PDS)

Ludgero Raulino (PDS)

Ceará

Aécio de Borba (PDS)

Carlos Virgílio (PDS)

Cláudio Philomeno (PDS)

Evandro Ayres de Moura (PDS)

Flávio Marcílio (PDS)

Gomes da Silva (PDS)

Haroldo Sanford (PDS)

Leorne Belém (PDS)

Mauro Sampaio (PDS)

Ossian Araripe (PDS)

Sérgio Philomeno (PDS)

R. G. do Norte

Antônio Florêncio (PDS)

Jessé Freire (PDS)

Vingt Rosado (PDS)

Wanderley Mariz (PDS)

Paraíba

Adauto Pereira (PDS)

Álvaro Gaudêncio (PDS)

Antônio Gomes (PDS)

Edme Tavares (PDS)

Ernani Satiro (PDS)

Pernambuco

Gonzaga Vasconcelos (PDS)

José Mendonça Bezerra (PDS)

José Moura (PDS)

Josias Leite (PDS)
Pedro Corrêa (PDS)
Thales Ramalho (PDS)

Alagoas

Nelson Costa (PDS)

Sergipe

Adroaldo Campos (PDS)
Augusto Franco (PDS)
Celso Carvalho (PDS)
Francisco Rollemberg (PDS)
Helio Dantas (PDS)

Bahia

Antônio Osório (PDS)
Eraldo Tinoco (PDS)
Etelvir Dantas (PDS)
Francisco Benjamim (PDS)
Horácio Matos (PDS)
Jairo Azi (PDS)
João Alves (PDS)
José Penedo (PDS)
Lour Lomanto (PDS)
Manoel Novaes (PDS)
Prisco Viana (PDS)
Romulo Galvão (PDS)

Espirito Santo

José Carlos Fonseca (PDS)
Pedro Ceolim (PDS)
Rio de Janeiro
Alair Ferreira (PDS)
Figueiredo Filho (PDS)
Lázaro Carvalho (PDS)

Léo Simões (PDS)
Osmar Leitão (PDS)
Ruben Medina (PDS)
Simão Sessim (PDS)

Minas Gerais

Bonifácio de Andrada (PDS)
Carlos Eloy (PDS)
Castejan Branco (PDS)
Cristovam Chiaradia (PDS)
Emilio Hadad (PDS)
Homero Santos (PDS)
Jairo Magalhães (PDS)
Magalhães Pinto (PDS)
Nilton Velloso (PDS)
Raul Bernardo (PDS)
Ronaldo Canedo (PDS)
Rondon Pacheco (PDS)
Vicente Guariroba (PDS)

São Paulo

Adail Vettorazzo (PDS)
Alcides Franciscato. (PDS)
Cunha Bueno (PDS)
Diogo Nomura (PDS)
Estevam Galvão (PDS)
José Camargo (PDS)
Maluli Neto (PDS)
Mendonça Falcão (PTB)
Natal Gale (PDS)
Paulo Maluf (PDS)
Salvador Julianelli (PDS)

Goiás

Ibsen de Castro (PDS)

Jaime Câmara (PDS)
Wolney Siqueira (PDS)
Mato Grosso
Bento Porto (PDS)
Cristino Cortes (PDS)
Jonas Pinheiro (PDS)
Mato Grosso do Sul
Levy Dias (PDS)

Paraná

Antônio Ueno (PDS)
Santa Catarina
Epitácio Bittencourt (PDS)
João Paganella (PDS)
Nelson Morro (PDS)

Amapá

Antônio Pontis (PDS)
Clarck Platon (PDS)
Geovani Borges (PDS)
Paulo Guerra (PDS)

Roraima

Alcides Lima (PDS)
João Batista Fagundes (PDS)
Júlio Martins (PDS)
Mozarildo Cavalcanti (PDS)



Abstenções



Oscar Alves (PDS-PR)
Reinhold Stephanes (PDS-PR)
Renato Johnsson (PDS-PR)

Cronologia

(março/83-abril/84)

Fonte: Banco de Dados da Folha de S.Paulo

1983

Março

02 — O deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT) apresenta no Congresso Nacional a emenda que restabelece as eleições diretas para a Presidência da República. Nenhum registro de destaque foi notado nos jornais de peso.

11 — Deputados peemedebistas encaminham documento à Executiva do Partido com planos para uma campanha pelas eleições diretas.

18 — Tristão de Athayde, na *Folha de S.Paulo*: “Eleições constituem atos elementares em toda vida social em regime democrático”.

27 — Editorial em que a *Folha de S.Paulo* se declara favorável ao pleito direto em todos os níveis.

Abril

05 — Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Ivo Lorscheiter pregam a necessidade das eleições diretas.

— O gal. Costa Cavalcanti, presidente da Eletrobras, afirma ser contra as eleições diretas porque é “defensor da Constituição”.

20 — PMDB decide procurar outros partidos e entidades representativas da sociedade civil para que se integrem à campanha em elaboração.

22 — Pesquisa da *Folha de S.Paulo* confirma vontade popular pelas eleições diretas.

27 — O gal. Antônio Carlos de Andrada Serpa defende a sucessão do presidente da República por via direta como uma forma de “ruptura pacífica com os 20 anos do passado revolucionário, desonerando as Forças Armadas das responsabilidades do poder”.

— O PT apoia o PMDB na luta pelas eleições diretas.

Junho

15 — Em Goiânia, a direção nacional do PMDB lança oficialmente a campanha pelo restabelecimento das eleições diretas, na presença de 5 mil pessoas.

26 — Ulysses Guimarães, presidente nacional do PMDB, participa, em Teresina (PI), de ato público, na sequência à campanha pelas diretas.

29 — Inicia-se, no Rio de Janeiro, a formação de uma frente supra-partidária que reúne, no Palácio da Guanabara, o governador Franco Montoro (SP), o presidente nacional do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, e o governador fluminense, Leonel Brizola. “Essa campanha não é para 85 ou 86. É para ontem ou para amanhã”, diz Lula.

Julho

04 — O ex-senador Teotônio Vilela (então presidente interino do PMDB) e Lula decidem realizar encontros com OAB, UNE, CNBB e outras entidades representativas para obtenção de adesões à campanha pelas eleições diretas.

07 — O mesmo Teotônio reitera a necessidade de eleições diretas já, e contesta a conciliação com o governo: “O voto direto deve ser conquistado e não barganhado com ninguém”.

19 — O presidente da OAB, Mário Sérgio Duarte Garcia, compromete-se a engajar a entidade na campanha pelo voto direto.

Agosto

02 — Tancredo Neves (PMDB), governador mineiro, se diz contrário às negociações com o governo caso justifiquem a manutenção do pleito por via indireta para Presidência da República.

— Em Cleveland (EUA), o presidente João Figueiredo admite eleições diretas para 1990, segundo afirmações do ministro César Cals, das Minas e Energia.

04 — Cals desmente a notícia e atribui o ocorrido a um “mal-entendido”.

12 — O PMDB pernambucano lança campanha pelas diretas em ato público ao qual comparecem Teotônio Vilela e partidos de oposição.

Setembro

03 — PT, PDT, PTB e PMDB formam, em caráter extraoficial, comitê suprapartidário que encaminhará a campanha.

06 — No Rio de Janeiro, pesquisa indica ser a maioria dos presidentes de sindicatos de indústrias fluminenses favorável às eleições diretas.

25 — Roberto Magalhães, governador de Pernambuco (PDS), diz apoiar o pleito direto na sucessão da Presidência da República.

Outubro

19 — Aureliano Chaves, vice-presidente da República, reconhece soberania do Congresso Nacional para votar proposta do deputado Dante de Oliveira.

Novembro

01 — O ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência, Leitão de Abreu, garante: “não há dogma ou tabu por parte do governo com relação à realidade de eleições diretas”.

03 — Intensifica-se no Congresso a discussão pela tese do voto direto para sucessor de Figueiredo.

04 — “Eleições diretas só virão depois de ampla negociação”, diz o ministro Danilo Venturini.

09 — Pesquisa da *Folha de S.Paulo* revela que um terço dos deputados pedessistas votaria a favor de mudança no processo eleitoral.

12 — Sobre a mudança: “O presidente Figueiredo não faria essa tolice”, afirma Mário Andreazza, ministro do Interior.

16 — Em Lagos, Nigéria, o presidente Figueiredo diz ser favorável às diretas, mas que o PDS não as quer. Logo em seguida ele reformularia suas declarações.

24 — Artistas promovem ato público nas escadarias no Teatro Municipal, em São Paulo, e contam com a presença de políticos do PT e PMDB.

— Empresários ligados à FIESP se declaram pró-diretas.

25 — O governador Espiridião Amin (PDS), de Santa Catarina, também o faz.

27 — O PT, apoiado pelo PMDB, PDT e entidades diversas, realiza festa-comício pelas eleições diretas, no Pacaembu (SP), à qual comparecem 15 mil pessoas.

— Em Maceió (AL), morre Teotônio Vilela, “porta-voz” das oposições na campanha pelo voto direto.

Dezembro

08 — 80 entidades da sociedade civil fluminense anunciam formação do Comitê Estadual de Defesa das Eleições Diretas.

— “Não estou interessado em eleições diretas”, afirma o ex-secretário do PCB, Luiz Carlos Prestes.

— O vice-governador paulista, Orestes Quércia, lança a Frente Municipalista pelas Diretas.

09 — PMDB paranaense inicia campanha no interior do estado com manifestação em Ponta Grossa para as mil pessoas presentes.

10 — Procurados pela *Folha de S.Paulo*, Roberto Marinho (presidente das Organizações Globo) e José Antônio do Nascimento Brito (vice-presidente executivo do *Jornal do Brasil*) preferem não responder se são favoráveis às eleições diretas.

16 — Polícia Militar apreende panfletos, faixas e megafones, material utilizado por militantes petistas enquanto se manifestam pelas diretas, no centro de Belo Horizonte (MG).

23 — A eleição direta “seria um belo presente para os nossos corações”, declara o cardeal-arcebispo D. Paulo Evaristo Arns, em sua mensagem de Natal.

— “Só o Congresso é que pode mudar. Que mude e faça as eleições diretas”, afirma o então ministro da Marinha, Maximiano da Fonseca, em cerimônia de diplomação de oficiais a que presidia.

1984

Janeiro

03 — Pesquisa do governo de São Paulo revela que 91% da população entrevistada é pelas eleições diretas.

05 — Em Olinda, cerca de 15 mil pessoas comparecem à abertura da campanha em Pernambuco, com a presença de lideranças do PMDB local e regional.

07 — O Comité Pró-Diretas pernambucano inaugura, em Olinda, mural-denúncia dos políticos do estado não favoráveis às diretas.

08 — 91,2% da população recifense apoia as eleições diretas, segundo pesquisa do Ibope.

— O jornal *Tribuna de Alagoas*, que pertenceu a Teotônio Vilela, adere à campanha e realiza votações simuladas.

09 — Em entrevista à *Folha de S.Paulo*, o governador do Ceará, Gonzaga Mota (PDS), diz ser “inteiramente favorável” às eleições diretas.

10 — “Eu Quero Votar pra Presidente”, diz um dos cartazes que o Movimento Pró-Diretas paulista começa a distribuir aos milhares como parte da divulgação do comício do dia 25, na praça da Sé, quando os organizadores preveem um mínimo de 50 mil pessoas.

— A Executiva Nacional do PDS rejeita formalmente a tese das eleições diretas.

12 — Lançamento nacional da campanha pró-diretas, em comício realizado em Curitiba (PR), ao qual comparecem entre 50 e 60 mil pessoas. Presentes o governador paranaense José Richa, Franco Montoro, Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Juan Carlos Quintana (representante do governo argentino) e artistas.

— “Que comício? Ninguém sabe onde é”, ignora o porta-voz da Presidência, Carlos Átila.

13 — A Federação dos Jornalistas e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais encaminham protesto a Roberto Marinho, presidente da Rede Globo de Televisão, pela omissão nos noticiários da emissora da campanha pelas eleições diretas.

14 — PMDB, PT e PDT se reúnem para passeata em Ipanema, no Rio, com a participação de artistas e mil cariocas.

18 — Em Brasília é distribuído o manifesto “Ao Povo do Distrito Federal”, que pede eleições diretas.

— Outro manifesto é divulgado no Rio, redigido pela OAB, SBPC, ABI e várias entidades da sociedade civil.

— Três mil pessoas participam de ato público em Rio Claro (SP), em favor das eleições diretas.

19 — Meio artístico lança “Projeto Vota Brasil”, que prevê shows e participação nos comícios, em prol da campanha.

20 — PMDB promove comício em Salvador (BA), ao qual comparecem 15 mil baianos. Presentes Tancredo Neves, Ulysses Guimarães e Caetano Veloso.

21 — Primeira manifestação pelas diretas realizada em Vitória (ES), com 10 mil participantes.

— No Largo do Rosário, em Campinas (SP), 12 mil pessoas comparecem a ato público.

23 — Mulheres organizam manifestação na praça da Sé, São Paulo, para convocação do “comício-monstro”.

24 — Nove em cada dez brasileiros preferem as diretas, diz pesquisa do Gallup.

25 — Na *Folha de S.Paulo*, em Editorial: “A multidão virá transbordar a praça de alegria e esperança, de convicção e patriotismo”.

— No 430º aniversário da cidade de São Paulo, 400 mil pessoas (250 mil, segundo *Jornal da Tarde* e *Jornal do Brasil*) se comprimem na praça da Sé em comício ao qual se fazem presentes as mais importantes lideranças nacionais (governadores opositores, Ulysses Guimarães, Lula, entre outros), políticos do PDS, representantes da sociedade civil e numerosos artistas, comandados pelo locutor e animador Osmar Santos.

26 — O Comitê Teotônio Vilela promove comício pró-diretas em João Pessoa (PB), com a presença de 10 mil pessoas. Falaram Ulysses Gui-

marães, Lula, Doutel de Andrade (presidente nacional do PDT), Miguel Arraes (PMDB-PE), Francisco Julião, entre outros.

— Em Santos (SP), a Comissão Suprapartidária realiza comício com cerca de 6 mil comparecimentos.

27 — O estado do Maranhão lança Comitê Pró-Diretas. Presentes 800 pessoas, políticos locais e a deputada Beth Mendes (PT-SP).

— 90% dos votantes em eleição simulada, em Natal (RN), se dizem favoráveis ao voto direto.

— Em Olinda, novo comício reúne 30 mil pernambucanos (15 mil, segundo a *Veja*), com a presença de artistas, políticos do PDS e lideranças oposicionistas. Entre os mais aplaudidos, Lula, Ulysses Guimarães, o ex-senador Marcos Freire, Miguel Arraes e Franco Montoro.

29 — Na praia de Pajuçara, em Maceió, 20 mil pessoas se reúnem para caminhada e comício pelas eleições diretas. Presentes Ulysses Guimarães, Lula, Doutel de Andrade, Fafá de Belém e outros.

Fevereiro

07 — O presidente do Senado, Moacir Dalla, anuncia que restringirá a entrada de populares nas galerias do Congresso e garante que ninguém entrará com faixas e cartazes alusivos à Emenda Dante de Oliveira, no dia de sua votação.

10 — O Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais realiza passeata como parte da programação “24 horas pelas diretas”.

11 — O deputado Dante de Oliveira, em São Paulo, defende diálogo com PDS.

12 — Em Editorial, a *Folha de S.Paulo* diz ser a campanha “Use Amarelo pelas Diretas” uma opção simbólica da necessidade de afastar corajosamente as nuances do espectro político para abraçar apenas uma delas, cristalina como a luz do dia que dispensa interpretações”.

14 — Presidentes do PDT, PMDB e PT comparecem ao comício de São Luís (MA), com a presença de 15 mil pessoas. Lançada a campanha “Use Amarelo pelas Diretas”, em São Paulo, juntamente com divulgação de documento do Movimento 25 de Janeiro, composto por artistas e intelectuais.

16 — Mário Andreazza acusa ser a campanha pelas eleições diretas de “inspiração comunista”. Realiza-se passeata no Rio, de 50 mil pessoas, da Candelária à Cinelândia, promovida pelo Comitê Pró-Diretas e com apoio dos partidos de oposição.

— Em Belém, 50 a 60 mil pessoas, entre populares, políticos e artistas, comparecem a comício considerado o maior da capital paraense.

17 — A Executiva Nacional do PMDB decide não realizar marcha sobre Brasília no dia da votação Dante de Oliveira.

— O superintendente do maior grupo privado do país (Votorantim), Antônio Ermírio de Moraes, declara-se a favor das eleições diretas na sucessão de Figueiredo.

— Tancredo Neves inicia contatos para o comício de Minas Gerais e convida governadores oposicionistas.

— Passeata no Recife com 12 mil pessoas e presença de políticos locais e da deputada Beth Mendes, além de orquestra de frevo e escolas de samba.

18 — Apenas 6 mil pessoas comparecem ao comício de Manaus (AM). Incidentes e tumultos entre governo e partidos marcam a manifestação, que resulta no grande fracasso desde o dia 12 de janeiro, início oficial da campanha pelas eleições diretas.

— Sai a Banda de Ipanema, no Rio, em desfile acompanhado por 10 mil pessoas e organizado pelo Comitê da Zona Sul pelas Eleições Diretas.

19 — Caminhada de 50 mil gaúchos em Capão da Canoa, litoral norte do RS, organizada pela Associação Comunitária do Município, à qual se fizeram presentes Orestes Quércia, Airton Soares (PT-SP), o ex-governador Sinval Guazzelli e o senador Pedro Simon.

— Em Osasco (SP), 25 mil pessoas comparecem a comício do qual participam todos os partidos de oposição. Entre os mais aplaudidos estão Lula e Montoro.

— 7% dos 100 mil habitantes de Rio Branco (AC) vão a ato público pró-diretas com apoio de Nabor Júnior (PMDB), governador do estado.

20 — A *Folha de S.Paulo* registra: “Nas ruas, pelas diretas, já, se manifestaram 906 mil pessoas”.

— Quinze mil pessoas comparecem a comício pró-diretas em Cuiabá (MT). Presentes Ulysses Guimarães, Doutel de Andrade, Orestes Quércia e Ruth Escobar (PMDB-SP), além de políticos locais.

21 — Mulheres e crianças fazem caminhada pelas eleições diretas em Belo Horizonte. Faixas como “Papai e Mamãe querem votar pra presidente”, bandeiras e rosas amarelas compunham a manifestação.

— A *Folha de S.Paulo* registra reportagem na edição de 19 de fevereiro de *The New York Times*, com o título: “Voto direto reclamado para o Brasil”, com foto da passeata do Rio.

23 — Artistas entram com interpelação judicial contra o ministro da Justiça, Ibrahim Abi Ackel, depois de afirmação sua de que eles teriam sido remunerados no “comício-monstro” de São Paulo.

— Cerca de mil pessoas, em São Paulo, inauguram o Placar das Diretas na praça da Sé, com nomes de todos os congressistas e suas posições com relação às eleições diretas. Presentes o prefeito Mário Covas (SP), Osmar Santos, Ulysses Guimarães, o senador Fernando Henrique Cardoso, Marcos Freire, representantes do PT, PDT e entidades civis.

24 — Passeata de 2 mil mulheres no centro de São Paulo, com a presença de Lucy Montoro, da escritora Lygia Fagundes Telles e da deputada Irma Passoni (PT-SP), entre outras.

— Cerca de 300 mil pessoas vão ao comício de Belo Horizonte, ao qual compareceram, além da maioria dos governadores oposicionistas, Ulysses Guimarães, Lula, Doutel de Andrade e artistas (Chico Buarque, Simone e muitos outros).

25 — Primeira manifestação pelas eleições diretas em Brasília, na cidade-satélite de Taguatinga, com 4 mil pessoas e sem a presença de artistas e políticos de renome.

26 — No estado de São Paulo, Dia do Interior pelas Diretas, quando 300 municípios participam com passeatas e comícios.

— Ulysses Guimarães, Lula, Mário Juruna (PDT-RJ) e 30 mil pessoas participam de comício pró-diretas em Aracaju (SE).

29 — Igualmente 30 mil comparecem à manifestação de Juiz de Fora (MG), na ocasião reunidos lideranças e militantes de todos os partidos de oposição, além de sindicalistas e membros de movimentos comunitários.

Março

01 — Sob gritos de “diretas, já”, um dragão multicolor de 15 metros de comprimento e dirigido por nove pessoas faz evoluções em frente ao Congresso Nacional, em sua reabertura dos trabalhos.

04 — “Alegria, Já” é o título do Editorial da *Folha de S. Paulo* afirmando que a presença do povo nas ruas nesta data “pode deixar de ser um sonho de carnaval”, fazendo alusão à tônica principal da festa mornesca, as eleições diretas, já.

05 — A revista *Newsweek* publica “A Battle for Direct Voting” (Uma Batalha pelo Voto Direto), com fotos da passeata do Rio e do comício em São Paulo.

08 — Acertada, pelas lideranças partidárias, a votação da Emenda Dante de Oliveira para o dia 25 de abril, a partir das 9 horas.

— 20 mil pessoas comparecem a comício pró-diretas em Anápolis (GO). Na ocasião, segundo notícia de *O Estado de S. Paulo*, o cabo da Aeronáutica Flávio Nelis (ou Cláudio Neves, assim no *Jornal do Brasil*) é acusado de sabotagem e mais tarde confessaria estar gravando a manifestação a serviço da Base Aérea do município.

— Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, várias passeatas pró-diretas são organizadas nas principais capitais brasileiras, com a presença de centenas de mulheres.

09 — Criado o Comitê Pró-Diretas do Rio de Janeiro, presidido pelo jornalista Augusto Villas Boas (da ABI), responsável pela organização do comício no estado.

11 — Na praça Ramos, em São Paulo, é inaugurada a Tribuna Livre pelas Diretas. Presentes artistas plásticos, cantores e políticos.

18 — O Movimento Familiar Cristão do Brasil divulga carta aberta a Figueiredo a favor das eleições diretas.

21 — Em substituição ao comício previsto nesta data, o Rio realiza passeata e reúne 200 mil pessoas (120 mil, segundo o *Jornal do Brasil*), que caminham da Candelária à Cinelândia, com a ausência de Leonel Brizola e presença de Lula, do senador Nelson Carneiro, de Luís Carlos Prestes, entre outros.

22 — “Nas ruas, pelas diretas, já, se manifestaram 1 milhão e 580 mil pessoas”, garante a *Folha de S. Paulo*. Jornalistas credenciados no Congresso Nacional vestem camiseta amarela (pelas diretas), mas repórteres de *O Globo* são “ameaçados de demissão por justa causa caso aderissem ao movimento” (*O Estado de S. Paulo*).

— A Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas (SP), sob a regência de Benito Juarez, realiza “concerto-comício” (sem discursos), do qual participaram 20 mil pessoas, no Teatro de Arena do Centro de Convivência Cultural do Município.

23 — Manifestação pró-diretas em São Bernardo do Campo (SP), com 20 mil pessoas e discurso de Lula. Ausentes Ulysses Guimarães e Franco Montoro.

— Em Uberlândia (MG), 40 mil mineiros ouvem discursos de Tancredo Neves, Ulysses Guimarães e pronunciamentos de demais partidos de oposição.

24 — Mais 40 mil, em Campo Grande (MS), comparecem a comício pelas eleições diretas.

26 — Franco Montoro, Miguel Arraes e o economista Celso Furtado presentes à manifestação pró-diretas em Campina Grande (PB).

30 — Cinco milhões de panfletos e 80 mil cartazes começam a ser distribuídos para divulgação da passeata marcada para o dia 16 de abril, em São Paulo.

Abril

02 — Ulysses Guimarães propõe plebiscito popular sobre a realização das eleições diretas.

— Em Londrina (PR), 50 mil pessoas participam de comício com a presença de José Richa.

04 — Inicia-se distribuição de 2 milhões de panfletos e 50 mil cartazes como divulgação para comício do dia 10, no Rio.

— Dos 40 mil professores questionados pela Associação Nacional de Docentes, 96% votaram a favor das eleições diretas.

— O Comitê Suprapartidário pelas Eleições Diretas aprova paralisação nacional na data da votação da Emenda Dante de Oliveira, 25 de abril.

05 — A mesma proposta é rejeitada por representantes de diversos setores da sociedade civil.

— Moacir Dalla proíbe manifestações, debates e reuniões no Congresso Nacional até o dia 30 de abril.

— PMDB, PDT e PT realizam comício no Recife, onde comparecem 80 mil pernambucanos, além de lideranças nacionais e locais, artistas e o apoio do Grupo Pró-Diretas do PDS.

06 — Na praça Gentil Ferreira, em Natal, são 50 mil pessoas que presenciaram discursos de Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, do senador

Cid Sampaio, Marcos Freire, Doutel de Andrade, Aluísio Alves, ex-governador e outros.

07 — No *Jornal da Tarde*: “O Governo não vê, no momento, qualquer tipo de ameaça que justifique o anúncio antecipado de tais medidas (*de emergência*)”, diz Carlos Atila, o porta-voz.

— Tradicional reduto do PDS e maior cidade do sertão pernambucano, Petrolina tem comício com o comparecimento de 30 mil pessoas e presenças de Marcos Freire, Miguel Arraes, Mário Juruna e Jarbas Vasconcelos (PMDB-PE).

08 — Pesquisa publicada da *Folha de S.Paulo* revela que deputados e senadores “indiretistas” não serão reeleitos, se depender de 80,4% dos entrevistados.

— Ainda, na *Folha de S.Paulo*: “Não há motivo para emergência”, assegura Abi Ackel.

09 — “Governo pode vetar diretas ao vivo pela TV”, diz a manchete da *Folha de S.Paulo*.

10 — A *Folha de S.Paulo* publica: “Dalla reafirmou que todas as emissoras credenciadas poderão transmitir, ao vivo, as sessões de discussão e votação da emenda (*Dante de Oliveira*). Do mesmo modo, todos os jornalistas credenciados poderão trabalhar normalmente”.

— Grande comício do Rio, o maior da história do Brasil, com um número estimado em 1 milhão e 100 mil pessoas (*Folha de S.Paulo*), ocupando a avenida Presidente Vargas e proximidades. Falaram as mais importantes lideranças nacionais da oposição (a maioria dos governantes oposicionistas), numerosos artistas, Miguel Arraes e Mário Juruna (entre os mais aplaudidos), o jurista Sobral Pinto, entre vários outros oradores. Às 21 horas e 30 minutos a multidão entoia o Hino Nacional comandada por Osmar Santos.

11 — “Delegacias e postos de saúde refletem clima de tranquilidade”, noticia a *Folha de S.Paulo*.

— “Nas ruas, pelas diretas, já, se manifestaram 3 milhões de pessoas” (*Folha de S.Paulo*).

— “Se estivesse no Brasil teria sido a milionésima primeira pessoa a participar do comício pelas diretas no Rio de Janeiro”, teria ouvido o deputado Alcides Franciscato (PDS-SP) de Figueiredo, em Marrocos.

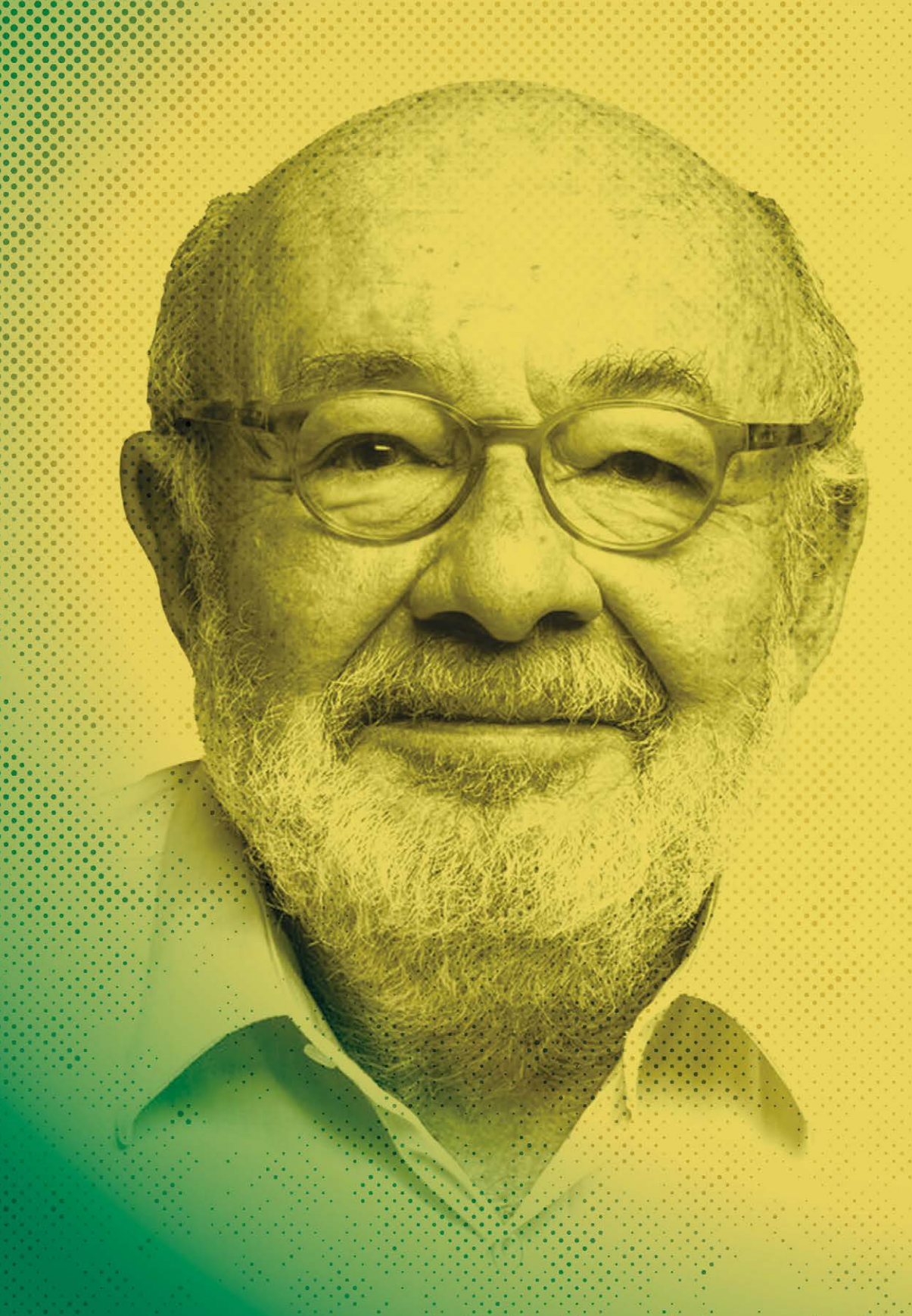
12 — Goiânia (GO) reúne um mínimo de 30% de sua população (de 800 mil habitantes) em comício pelas diretas. Presentes o governador do Estado Iris Rezende (PMDB), além de Franco Montoro, Jader Barbalho, Gerson Camata, Wilson Martins e Tancredo Neves. Ulysses Guimarães e Lula são os mais aplaudidos.

13 — Duzentas mil pessoas fazem comício em Porto Alegre (RS), ao qual comparecem Lula, Brizola, Ulysses Guimarães, Alceu Collares, Osmar Santos, entre outros.

16 — A maior manifestação pelas eleições diretas, já, realiza-se em São Paulo, numa passeata da praça da Sé ao Vale do Anhangabaú. A Polícia Militar calcula 1 milhão e meio de brasileiros, número médio de outras avaliações. Falam o jogador Sócrates, o ator Mário Lago, Ruth Escobar e Beth Carvalho, Valter Franco, Fafá de Belém (entre os cantores), além de incontáveis outros artistas, políticos locais e líderes nacionais. Leonel Brizola, Tancredo Neves, Lula, Franco Montoro, Mário Covas e Dutel de Andrade estão entre os oradores, e Teotônio Vilela é o grande homenageado da manifestação. Às 21 horas, de novo sob o comando de Osmar Santos, todos cantam o Hino Nacional.

19 — “Nas ruas, pelas diretas, já, se manifestaram 4 milhões de pessoas” (*Folha de S.Paulo*).

Autobiografia



Nasci em São Paulo, em 16 de março de 1948, duas semanas depois de os meus pais chegarem ao Brasil; sou repórter. Muita gente pensa que sou japonês por causa do sobrenome, mas a origem é italiana (Coccio) e virou Kotscho, quando a família do meu pai emigrou para a Rússia, de onde emigrou para Montenegro, na Iugoslávia, e assim foi indo, até chegar ao Brasil.

Iniciei minha carreira em 1964, na extinta Folha Santamarense, passando no mesmo ano para a Gazeta de Santo Amaro, ambos jornais de bairro de São Paulo.

Em 67, fui para O Estado de S. Paulo, onde trabalhei até 77, exercendo as funções de repórter, redator, pauteiro, chefe de reportagem, editor de esportes e editor local.

Fui correspondente do Jornal do Brasil na Europa, sediado em Bonn, Alemanha Federal, no período 77/78. De volta ao Brasil, trabalhei na primeira equipe da revista Isto É e, depois, no Jornal da República.

Em fevereiro de 80, fui para a Folha de S. Paulo, onde trabalho atualmente e pretendo me aposentar, e ir embora para a roça.

Ganhei três vezes o Prêmio Esso de Jornalismo por meus trabalhos publicados em O Estado de S. Paulo e no Jornal do Brasil, e fui condenado a um ano e quatro meses de prisão pela Lei de Imprensa, num dos processos que sofri.

Em parceria com Luís Sérgio Person, escrevi a peça Pegando Fogo, até hoje inédita. Fui colaborador da revista O Cruzeiro e dos semanários Opinião, Movimento e Aqui São Paulo. Escrevi os textos do livro A Greve do ABC. Fui comentarista político da “Abril Vídeo”, em 83.

Sou autor do livro O Massacre dos Posseiros, série de reportagens publicadas pela Folha de S. Paulo e editadas pela Brasiliense, Prêmio Vladimir Herzog de Imprensa de 1981.

Além de repórter, sou membro da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, vice-presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, conselheiro da Associação Brasileira de Imprensa e diretor do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo.

Casado há muito tempo com a socióloga Mara Nogueira Kotscho, tenho duas filhas, Mariana e Carolina.⁵

5 Texto escrito em 1984.

Secretaria de Editoração
e Publicações



“Esta campanha não tem donos, nem astros e, se algum herói há na história da travessia, este herói é o povo brasileiro, o homem anônimo, a mulher moça ou velha, as crianças sim, as crianças, nunca vi tantas em comícios - festejando nas ruas e nas praças a reconquista da cidadania, do orgulho de ser brasileiro”

Ricardo Kotscho



BAIXE GRATUITAMENTE
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato
digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL

